



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÚCLEO DE TURISMO**

**PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO QUILOMBO MOCAMBO EM
PORTO DA FOLHA/SE**

São Cristóvão

2017

Viviane Castro

**PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO QUILOMBO MOCAMBO EM
PORTO DA FOLHA/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), orientado pelo Prof. Msc Joab Almeida Silva.

São Cristóvão

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço em especial a todos os quilombolas do Quilombo Mocambo pelo carinho, confiança, parceria e apoio ao meu trabalho. Aos professores e professoras do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Sergipe, em especial ao professor e orientador Joab Almeida por sua atenção e carinhosa, capacidade de incentivar a busca pelo saber de forma ética e justa. Agradeço às professoras Rosana Eduardo, Daniella Pereira e Mariana Selister por terem apostado e estimulado meus projetos. Ao meu filho Gael Castro Benitez, minha filha Anaïs Castro Benitez e meu companheiro Fabiano Lino pelo amor, carinho e compreensão durante a trajetória do curso de Turismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Oficina de Sensibilização 2014.....	21
Figura 02: Oficina de Sensibilização 2015.....	21
Figura 03: Oficina de Análise SWOT.....	22
Figura 04: Oficina de Análise SWOT.....	22
Figura 05: Mapa da área do Quilombo Mocambo.....	27
Figura 06: Festa da Gloriosa Santa Cruz.....	37
Figura 07: Samba de coco.....	37
Figura 08: Samba de coco.....	37
Figura 09: Vaquejada no Quilombo Mocambo.....	40
Figura 10: Vaquejada no Quilombo Mocambo.....	40
Figura 11: Casas de moradia.....	40
Figura 12: Casas de moradia.....	40
Figura 13: Casas de fazenda desapropriada.....	41
Figura 14: Casas de fazenda desapropriada.....	41
Figura 15: Igreja da Gloriosa Santa Cruz.....	41
Figura 16: Capela do Sagrado Coração de Jesus.....	41
Figura 17: Produção de queijo coalho.....	42
Figura 18: Doce de leite de quadradinho.....	42
Figura 19: Doce de mamão.....	43
Figura 20: Usos do rio.....	44
Figura 21: Usos do rio.....	44
Figura 22: Usos do rio.....	44
Figura 23: Cultivo agroecológico.....	45
Figura 24: Cactos.....	46
Figura 25: Cactos.....	46
Figura 26: Cactos.....	46
Figura 27: Bromélia.....	46
Figura 28: Mapa de localização do Quilombo Mocambo.....	47
Figura 29: Pesca.....	44
Figura 30: Criação de ovelha.....	50
Figura 31: Pecuária de leite.....	50
Figura 32: Criação de abelha.....	50

Figura 33: Membros do projeto.....	50
Figura 34: Grupo de visitantes 2016.....	54
Figura 35: Grupo de visitantes 2017.....	54
Figura 36: Curso de formação de condutores.....	55
Figura 37: Oficina de Análise SWOT.....	55
Figura 38: Oficina de Empoderamento feminino.....	55
Figura 39: Oficina de Guiamento local.....	55
Figura 40: Mapa dos Polos Turísticos de Sergipe.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Origem do visitante.....	74
Tabela 02: Característica do visitante.....	74
Tabela 03: Hábitos e comportamento do visitante quanto às suas viagens em geral.....	75
Tabela 04: Características da viagem que está realizando.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Metodologias utilizadas na construção do “Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo”	20
Quadro 02: Classificação da oferta turística do Quilombo Mocambo.....	62
Quadro 03: Matriz SWOT.....	90
Quadro 04: Eixo 01: Gestão da Associação/Prognóstico.....	102
Quadro 05: Eixo 02: Fomento ao TBC/Prognóstico.....	103
Quadro 06: Eixo 03: Estruturação da Oferta do TBC/Prognóstico.....	103
Quadro 07: Eixo 04: Marketing Turístico/Prognóstico.....	105
Quadro 08: Eixo 01: Gestão da Associação/Linha de Ação.....	107
Quadro 09: Eixo 02: Fomento ao TBC/Linha de Ação.....	109
Quadro 10: Eixo 03: Estruturação da Oferta do TBC/Linha de Ação.....	109
Quadro 11: Eixo 04: Marketing Turístico/Linha de Ação.....	112
Quadro 12: Eixo 01: Gestão da Associação/Monitoramento e Controle.....	112
Quadro 13: Eixo 02: Fomento ao TBC/Monitoramento e Controle.....	113
Quadro 14: Eixo 03: Estruturação da Oferta do TBC/Monitoramento e Controle.....	114
Quadro 15: Eixo 04: Marketing Turístico/Monitoramento e Controle.....	116

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

- ABA – Associação Brasileira de Antropologia
- CADÚnico – Cadastro Único
- CETT – Centro de Estudos sobre o Território e Populações Tradicionais
- CPT – Comissão da Pastoral da Terra
- DESO – Companhia de Saneamento de Sergipe
- DOU – Diário Oficial da União
- ENERGISA – Grupo Energisa
- FCP – Fundação Cultural Palmares
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio
- IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- OMT – Organização Mundial de Turismo
- MinC – Ministério da Cultura
- MTur – Ministério do Turismo
- PDITS - Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
- TBC – Turismo de Base Comunitário
- SPU – Secretaria de Patrimônio da União

SUMÁRIO

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTAS DE TABELAS

LISTAS DE QUADROS

LISTAS DE ABREVIACÕES E SIGLAS

INTRODUÇÃO.....11

**CAPÍTULO 1: O PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO QUILOMBO
MOCAMBO EM PORTO DA
FOLHA/SE.....15**

1.1. JUSTIFICATIVAS DO PLANO.....16

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....23

CAPÍTULO 3: DIAGNÓSTICO.....23

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.....00

3.1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS DE FORMAÇÃO DO QUILOMBO
MOCAMBO.....24

3.1.2. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.....30

3.1.3. ASPECTOS AMBIENTAIS.....45

3.1.4. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....46

3.1.5. ASPECTOS ECONÔMICOS.....49

3.2. ASPECTOS TURÍSTICOS.....54

3.2.1. O QUILOMBO MOCAMBO E O TURISMO NO TERRITÓRIO.....54

3.2.2. O QUILOMBO MOCAMBO E AS POLÍTICAS DE TURISMO.....56

3.2.3. O QUILOMBO MOCAMBO E O MERCADO TURÍSTICO59

3.2.4. A OFERTA TURÍSTICA.....60

3.2.5. A DEMANDA TURÍSTICA.....71

3.2.5.1. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO VISITANTE POTENCIAL.....72

3.2.6. PESQUISA DE OPINIÃO DO MORADOR DO QUILOMBO MOCAMBO...83

3.3. ANÁLISE DO AMBIENTE - ANÁLISE SWOT.....89

3.3.1. ANÁLISE AMBIENTE INTERNO.....92

3.3.2. ANÁLISE AMBIENTE EXTERNO.....	97
CAPÍTULO 4: PROGNÓSTICO.....	101
CAPÍTULO 5: ESTRATÉGIAS E LINHAS DE AÇÃO.....	104
CAPÍTULO 6: MISSÃO, VISÃO E OBJETIVOS.....	105
6.1. MISSÃO.....	105
6.2. VISÃO.....	105
6.3 OBJETIVOS.....	105
6.3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	106
CAPÍTULO 7: MONITORAMENTO E CONTROLE.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
BIBLIOGRAFIA.....	119
APÊNDICES.....	123
ANEXOS.....	141

INTRODUÇÃO

Uma nova proposta de turismo tem sido enfatizada como um modelo viável e estratégico para desenvolver a atividade de forma responsável em comunidades locais e, para além disso, é capaz de promover o desenvolvimento humano. Turismo de Base Comunitária (TBC) é o termo utilizado para definir esse modelo que alia o protagonismo dos moradores, a preservação do patrimônio natural e cultural e, o desenvolvimento socioeconômico de comunidade local.

O TBC propõe que os recursos sejam utilizados de maneira sustentável¹, com o controle sobre o desenvolvimento e a gestão da atividade realizada pelos comunitários, nesse viés se configura como um modelo alternativo ao turismo convencional. Por outro lado propõe que a experiência oferecida pela comunidade anfitriã² seja um encontro cultural compartilhado entre visitante e visitado, de forma a valorizar as relações humanas.

Assim sendo, quando o turismo utiliza dos bens e serviços de uma localidade para produzir riqueza ele se torna uma atividade econômica e, numa lógica capitalista a geração de benefícios econômicos quantificados por si só, poderiam ser suficientes para prover necessidades e ocasionais consequências negativas da sua operacionalização. Porém, o turismo visto como mero movimentador de capital financeiro não pode ser ênfase numa proposta de TBC.

O turismo é um fenômeno espacial e social com capacidade para transformar e re (organizar) o espaço, de modo que planejar essa atividade pode ser uma estratégia de potencialização dos recursos naturais e culturais de comunidades anfitriãs e de mitigação de possíveis processos de degradação.

Por ser um fenômeno globalizado e em constante modificação, o turismo deve ser crítico e reflexivo sendo que

O planejamento no turismo é, pois, fator primordial na elaboração de estratégias de desenvolvimento de um ambiente turístico, traçando pontos a serem aprimorados e revitalizados, com a finalidade de satisfazer o turista sem modificar os conceitos de realização de um turismo sustentável. (ALVES; MEDEIROS; MARACAJÁ, 2012, p. 21)

¹ Segundo o Dicionário do Aurélio a palavra sustentável significa: 1 - Que se pode sustentar. 2 - Que se pode defender. 3 - Que tem condições para se manter ou conservar.

² Comunidade anfitriã é a comunidade que recebe visitantes.

Na perspectiva de trabalhar na linha deste turismo sustentável, este Plano foi elaborado no Quilombo Mocambo, uma comunidade tradicional³ remanescente de quilombo, distante 190 km da capital Aracaju e situada na região do Alto Sertão do estado de Sergipe. Foi a primeira comunidade quilombola de Sergipe reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP), esse reconhecimento, conferido através de laudo antropológico, concedeu a titularização de suas terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no ano de 2009. (BRASIL, 2011)

De acordo com o coordenador geral de comunidade, o Sr. Gilson Melo (2017), a comunidade possui aproximadamente 170 famílias, estimada em 600 pessoas e conforme estudos do IBGE (2010) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município é baixo, estando entre os piores do Estado, a economia do povoado é baseada nas atividades de subsistência como a agricultura, a criação de animais e a pesca, contudo nos últimos anos, devido à construção à jusante da Usina Hidrelétrica de Xingó, inaugurada no ano de 1994, essas atividades passaram a serem seriamente comprometidas, algumas extintas, como a plantação de arroz. Além desses fatores, a região é carente de políticas públicas de desenvolvimento econômico, o que limita o desenvolvimento e gera a falta de oportunidades de trabalho na comunidade. Diante desse cenário muitas pessoas buscam uma chance de trabalho na região, ocasionando o êxodo rural. Aquelas que permanecem na comunidade acabam em geral tendo renda familiar mensal baixa e por isso grande parte da população é assistida por “Bolsa Família”, “Bolsa Estiagem” e “Auxílio Defeso”.

Esta comunidade motivou uma relação de pesquisa iniciada em 2014, que objetivou o levantamento e análise das potencialidades turísticas existentes na comunidade do Quilombo Mocambo, como alternativa para a geração de emprego e preservação da cultura e do meio ambiente. A pesquisa demonstrou que os moradores do Quilombo Mocambo tinham o interesse em desenvolver o turismo e, além disso, o território quilombola possuía um patrimônio cultural e natural que apresentava particularidades características da cultura local e uma exuberante paisagem do bioma caatinga, elementos com grande potencial para desenvolver o turismo.

³ De acordo com o DECRETO Nº 6.040, Art. 3º, I - Povos e Comunidades Tradicionais são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. (BRASIL, 2007, p. 01)

Finalizada a pesquisa, em 2015 foi iniciado o estágio curricular na Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, representante legal dos comunitários, com o propósito de se aproximar da comunidade e vivenciar seus desejos e reais necessidades, conhecendo suas pessoas, sua cultura, sua história e sua luta. Esse maior conhecimento levou a crer que a comunidade tinha potencial para desenvolver o turismo e que os benefícios obtidos nesta atividade poderiam ser não só econômicos, visando contemplar o grave problema da falta de oportunidade de trabalho que a comunidade enfrenta, mas que poderia, além disso, possibilitar igualmente o desenvolvimento social, cultural e ambiental do quilombo. Todavia se o objetivo de desenvolver o turismo no Quilombo Mocambo seria atingir a qualidade de vida da população, de forma sustentável e por meio do turismo, dois fatores seriam determinantes para a prosperidade: a atividade deveria ser planejada e o modelo de desenvolvimento turístico a ser utilizado deveria ser o do TBC, conforme determina o estatuto da associação da comunidade.

Os resultados obtidos na pesquisa e no estágio curricular originaram em 2015 a proposição de um projeto de desenvolvimento do turismo intitulado “Projeto Rota do Quilombo Mocambo” à associação, com o objetivo de auxiliar na integração e organização dos serviços e produtos turísticos, atrativos, infraestrutura de apoio ao turismo, equipamentos do território e capacitação. A proposta do projeto contemplou três ações estratégicas: 1- a elaboração do “Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo”; 2 - a preparação e estruturação da comunidade para receber visitantes, através de oficinas técnicas de capacitação e 3 - a assessoria de longo prazo à comunidade no que diz respeito ao desenvolvimento da atividade, visando alcançar a sustentabilidade na atividade.

Portanto o Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo foi uma das ações da proposta do Projeto Rota do Quilombo Mocambo e se constitui em um importante documento técnico de planejamento do turismo e de orientação, para a tomada de decisões da associação e dos agentes de produção do turismo da comunidade. Por ser um processo de interferência que direciona recursos para obter um resultado esperado, o planejamento irá colaborar para o fortalecimento do turismo na comunidade com vantagens e benefícios econômicos, culturais, sociais e ambientais.

O Plano foi fundamentado no autor Sergio Molina (2001) e estruturado em sete capítulos compreendendo as etapas de planejamento em Diagnóstico; Prognóstico; Estratégias e Linhas de Ação; Missão, Visão e Objetivos; Monitoramento e Controle. As etapas visam instrumentar o documento em diferentes fontes de pesquisa com a finalidade de obter um planejamento sistematizado, com aproveitamento efetivo e eficiente de suas potencialidades.

Os procedimentos metodológicos foram norteados pelo TBC e a abordagem utilizada na pesquisa foi a qualitativa e a quantitativa, assim sendo as técnicas selecionadas para a obtenção dos dados foram o estudo de caso, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa ação, a pesquisa participante, o registro fotográfico e audiovisual, a pesquisa de opinião e as visitas técnicas.

O Plano se justifica pela importância de seu uso pela comunidade na tomada de decisões relativa aos assuntos de implantação do turismo através do planejamento, que a partir do desenvolvimento da atividade de forma organizada poderá beneficiar aos moradores mediante a melhoria da qualidade de vida que a comunidade poderá alcançar, com ganhos sociais, culturais ambientais e econômicos. Mas há que salientar que o turismo não pode ser a atividade principal da comunidade e sim uma alternativa de modo de produção.

Desta maneira, planejar o turismo no Quilombo Mocambo significa voltar a atenção para o microambiente do território quilombola, caracterizado pela trajetória histórica cultural de seu povo e a relação que os mesmos possuem com o meio que ocupam, significa compreender a difícil realidade de luta pela afirmação étnica, a luta pela sobrevivência material e a luta pela terra que são constantes na vida dos mocambeiros, e igualmente significa estruturar recursos valiosos como a identidade quilombola, a história de luta e resistência, os produtos culturais, a paisagem, o bioma da caatinga, o lazer, a hospitalidade, a gastronomia, o protagonismo dos moradores, o trabalho coletivo e os saberes e fazeres. A partir disso, conjugar as necessidades e possibilidades em negócios inovadores capazes de serem alternativas seguras para a comunidade dentro do macroambiente.

CAPÍTULO 1: O PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO QUILOMBO MOCAMBO

O Plano de Desenvolvimento Turístico é um documento técnico de organização do turismo e que trata do planejamento da atividade turística a partir da sistematização de dados. De acordo com a Organização Mundial de Turismo (2001, p. 177) o planejamento “permite uma gestão racional dos recursos, evitando o desenvolvimento desequilibrado dos mesmos, ou o desperdício, e desta maneira, ajuda a preservar as vantagens econômicas, sociais e ambientais do turismo e a diminuir os custos”.

Diversos autores destacam a importância do planejamento da atividade turística, Molina (2001, p. 71) afirma que “O planejamento é um método científico de investigação para o conhecimento, mudança e avaliação da realidade sociocultural”. Já Petrocchi (1998, p. 19) ressalta que planejamento é “a definição de um futuro desejado e de todas as providências necessárias à sua materialização”. Para Ruschmann (2012, p. 81) o planejamento turístico é “uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos”.

Em se tratando de comunidades quilombolas rurais, que possuem trajetória histórica cultural, com regulamentos internos em forma de estatuto, onde sua manutenção está condicionada à existência de um território para a continuidade de suas práticas e modos de vida, o uso do espaço pela atividade turística não pode comprometer o seu uso coletivo como citam Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p. 8) que “a atividade turística se apropria do espaço público, transformando os destinos em “produtos étnicos”, frutos do modismo de consumo da natureza, mudando os usos do lugar e provocando trocas culturais, assim como distribuição desigual da renda”.

Por outro lado o turismo é capaz de dar voz aos aspectos culturais e naturais de comunidades tradicionais como comunidades quilombolas, mostrando as lutas que essas comunidades vivenciam diariamente pela afirmação étnica, pela sobrevivência material e pela terra, o que demonstra a necessidade e a capacidade que as comunidades quilombolas têm de expressar ao outro os seus significados. Porém é preciso resguardar para que esses aspectos não sejam transformados e exotizados no turismo, manifestado em venda de bens e serviços. Conforme relata Castro (2015, p. 06)

[...] há que se atentar para que o encontro entre visitante e visitado seja cultural, que haja um intercâmbio entre eles, um respeito pelo outro e sua história, atentar para que o olhar do turista não seja de dominante e mediado pelo capital, onde há apenas o consumo “do Outro” de forma a observá-lo com um olhar de superioridade,

inferiorizando a cultura da comunidade que se está visitando, uma produção e reprodução do *habitus* colonizado que tem origem nas narrativas do século XIX do período pós-colonial, e está muito presente nas práticas de nosso cotidiano.

Neste sentido o Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo deve se desenvolver dentro de um contexto social com enfoque participativo onde os resultados serão sentidos a médio e a longo prazo, o turismo deve ser apresentado como uma atividade de prática social, cultural e ambiental, possibilitando a reflexão sobre o uso do território pela atividade e a preservação de seus recursos como condição *sine quo non* para o planejamento, desta forma estimular o desenvolvimento humano ante ao fator econômico, priorizando mudanças do tipo qualitativas a partir da participação ativa da comunidade e assim construir um produto turístico onde as atrações privilegiem a valorização dos modos de vida e as tradições culturais.

1.1. JUSTIFICATIVA DO PLANO

O Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo se justifica pela relevância de seu uso, pois irá orientar e dar autonomia à comunidade na tomada de decisões no que diz respeito ao desenvolvimento da atividade turística de forma planejada; se justifica pela sua relevância social mediante a melhoria da qualidade de vida que a comunidade poderá alcançar, como benefício advindo do turismo planejado; e por fim se justifica por sua relevância acadêmica enquanto documento técnico de planejamento elaborado pela discente, que apresenta o cenário atual do turismo na comunidade e oferece contribuições e elementos para a melhoria do desenvolvimento da atividade fundamentado no princípio do desenvolvimento sustentável⁴.

CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Comunidades quilombolas no Brasil são protegidas pela Constituição Federal de 1988 lhes garante a propriedade do território, onde este é de uso comum entre os moradores. Sendo assim, a Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo é a representante legal dos comunitários e administradora de seu patrimônio, é regida por estatuto interno, que são as regras

⁴ Para a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Relatório de Brundtland declara que "para haver um desenvolvimento sustentável é preciso atender às necessidades básicas de todos e dar a todos a oportunidade de realizar suas aspirações de vida melhor" (CMMAD, 1991, p. 09). O desenvolvimento sustentável aqui será definido de acordo com os quatro pilares: social, cultural, econômico e ambiental.

de convívio que asseguram os direitos individuais e coletivos dos quilombolas moradores da comunidade, desta forma os objetivos do estatuto da associação (Anexo 01) devem regular igualmente o planejamento e serão apontados a seguir:

- a)** Representar os interesses do território da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, no estado de Sergipe;
- b)** Administrar as terras e outros bens de propriedade do território da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, no estado de Sergipe;
- c)** Incentivar o desenvolvimento sustentável da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, quanto aos aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, visando a melhoria da qualidade de vida dos remanescentes desta comunidade;
- d)** Oferecer mecanismos de estímulo ao lazer dos moradores da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- e)** Estimular o desenvolvimento sociocultural das crianças e dos adolescentes da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- f)** Promover o estudo e a aplicação de novos modelos socioprodutivos e de sistemas alternativos de produção e comércio, visando o benefício da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- g)** Defender, preservar e promover a conservação do patrimônio cultural da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo incentivando as manifestações culturais, a integração da comunidade e o convívio social;
- h)** Defender, preservar e promover a conservação do patrimônio natural da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, incentivando a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável;
- i)** Denunciar e combater todas as formas de preconceito, discriminação e racismo.
- j)** Lutar pelo respeito aos direitos humanos fundamentais e coletivos;
- k)** Promover o Turismo e toda a cadeia produtiva do turismo de acordo com o modelo de desenvolvimento sustentável do Turismo de Base Comunitária – TBC;
- l)** Promover o desenvolvimento econômico sustentável, por meio do incentivo ao cooperativismo de seus associados;
- m)** Incentivar a execução dos serviços de Rádio Fusão Comunitária;

- n) No cumprimento dos seus objetivos institucionais, a Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo seguirá os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, equidade, publicidade, economicidade e da eficiência.

Conforme especificam os objetivos do estatuto o TBC é o único modelo viável para desenvolver o turismo na comunidade, desta forma o TBC será o modelo de desenvolvimento turístico utilizado e que prioriza processos metodológicos participativos, como o protagonismo comunitário e a autogestão.

Existem diversos conceitos para o TBC, contudo e em geral, o que a literatura ressalta e que está se efetivando é que é um modelo de desenvolvimento turístico que se contrapõem ao modelo de turismo convencional e ao modelo econômico atual, está direcionado para a escala local e centrado nos recursos existentes. A Rede Tucum é uma das iniciativas mais antigas de TBC do Brasil e de acordo com Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p. 20) esta iniciativa define que “O turismo de base comunitária é aquele no qual as populações locais possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento e gestão, e está baseado na gestão comunitária ou familiar das infraestruturas e serviços turísticos, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária”. Este conceito é entendido aqui como o mais abrangente para este estudo, pois contempla vários elementos importantes como a organização e a gestão comunitária, a valorização dos modos de vida locais, a preservação do meio ambiente e a economia baseada na economia solidária, ditos anteriormente como fundamentais para a elaboração deste Plano por priorizarem o protagonismo da comunidade.

Neste modelo os serviços turísticos não se diferenciam dos do turismo convencional, o que o diferencia é a forma de promover o turismo, pois o TBC está focado principalmente no desenvolvimento humano, na qualidade de vida e na geração de benefícios para a comunidade receptora. Dessa forma os atores sociais e econômicos assumem função ativa na organização e na oferta de produtos e serviços turísticos do destino, ao mesmo tempo a mobilização comunitária se alia na preservação de seu patrimônio natural e cultural.

O Plano é um estudo e o processo de planejamento é a análise das várias variáveis culturais, econômicas, sociais e ambientais que condicionam o desenvolvimento e são transformadas em estratégias para modificar o estado das coisas. Para Molina (2001, p. 87) “Consequentemente o

esforço do planejamento visa, em última instância, racionalizar a condição do homem, dos grupos que este integra e de seu meio abrangente macro e micro, com o objetivo de aperfeiçoá-lo”.

Para a coleta de dados, segundo os requisitos citados acima, o plano selecionou metodologias que priorizassem em seus processos a participação da comunidade exaltando as relações de horizontalidade e atendendo de forma democrática às diversas necessidades dos atores locais, pois segundo Barreto (2005, p. 93)

Para conseguir o desenvolvimento humano através do turismo, os membros da sociedade receptora devem ser não apenas consultados, mas comprometidos com o projeto para trabalhar junto com os planejadores e usufruir dos benefícios assumindo responsabilidades.

Desta forma a abordagem metodológica usou técnicas de pesquisa quantitativas e qualitativas e os procedimentos técnicos utilizados foram o estudo de caso, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, o levantamento, a pesquisa ação e a pesquisa participante. Na definição do Diagnóstico, a obtenção de dados primários utilizou como técnicas a pesquisa de opinião, a oficina de sensibilização, as oficinas participativas de análise SWOT que tiveram ampla participação da comunidade, além da pesquisa participante, visitas técnicas, o registro fotográfico, o registro audiovisual, o inventário da oferta turística e a pesquisa de demanda potencial. Já para o levantamento de dados secundários foram utilizados como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica que foi fundamentada em livros, artigos e internet, e por fim a pesquisa documental a partir de registros, anais, documentos, entre outros. Os resultados encontrados após a tabulação e análise deste conjunto de informações colaboraram para a construção e definição do Diagnóstico, transformando-se em Estratégias e Linhas de Ação.

As técnicas de pesquisa foram descritas abaixo em um quadro (quadro 01) para melhor compreensão de como foram empregadas na obtenção dos dados.

Quadro 01 – Metodologias utilizadas na construção do “Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo”

METODOLOGIAS UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DO “PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO QUILOMBO MOCAMBO”			
ETAPA DO PLANO	TIPOS DE DADOS	TÉCNICA DE PESQUISA	DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS
Diagnóstico	Dados primários	Pesquisa de opinião	A técnica de pesquisa de opinião (Apêndice A) buscou abordar a opinião dos moradores do Quilombo Mocambo, para tanto foram aplicados 33 questionários diretamente aos moradores e estruturados juntamente com o orientador, tinham o intuito de compreender o perfil do mocambeiro, suas necessidades, desejos de melhoria para a comunidade, qual o seu entendimento sobre o turismo e os benefícios, a identidade quilombola, a degradação do ambiente, entre outros, de forma a colher as diferentes opiniões dos moradores.
		Oficina de sensibilização	As duas oficinas de sensibilização foram realizadas em 2014 e 2015 respectivamente com o intuito de se aproximar dos moradores e haver interação entre pesquisadora e pesquisado, para conhecer seu interesse e as expectativas que eles possuem com relação ao turismo, serviu ainda para conhecer as informações que eles possuíam sobre a atividade turística e esclarecer aos moradores sobre como é o turismo, o modelo do TBC e os impactos positivos e negativos que a atividade pode gerar em comunidades anfitriãs. Em 2014 teve a participação de 23 pessoas e em 2015 teve a participação de 11 pessoas.
		Oficinas participativas de análise SWOT.	As oficinas participativas para Análise SWOT foram estruturadas de acordo com a Matriz SWOT, destacando os pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças, para o preenchimento dos dados foram utilizadas contribuições da comunidade quilombola e da Universidade Federal de Sergipe, a partir da realização de duas oficinas participativas com o intuito de que uma complementasse a outra e houvesse maior número de pessoas da comunidade participando. Este formato permitiu que os apontamentos favoráveis e desfavoráveis fossem identificados diretamente pelas pessoas que moravam na comunidade, refletindo e expressando seus pontos de vista sobre sua realidade, contribuindo para um posicionamento mais crítico acerca de seu cotidiano e assim propiciasse uma análise fundamentada em fatos. As duas oficinas ocorreram na comunidade, a primeira foi realizada em 2015, teve a participação de 12 pessoas e foi ministrada pelo orientador da pesquisadora, Professor Joab Almeida, já a segunda foi realizada em 2016 teve a participação de 10 pessoas e foi ministrada pela professora Daniela Pereira e alunos do curso de Turismo da UFS. A dinâmica de preenchimento foi em forma de brainstorm ou “chuva de ideias” acompanhada de um facilitador encarregado de gerenciar a atividade e administrar o fluxo de ideias sem repreensão e ao final desse levantamento as ideias foram organizadas na tabela da Matriz SWOT, de acordo com os Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Ameaças do TBC.
		Pesquisa participante	A pesquisa participante, que é uma técnica de investigação social junto à comunidade e o seu entorno com interação entre pesquisador e pesquisado, teve como intuito observar o comportamento do grupo e sua teia de relações, como se estruturam e se constroem, sendo necessária a participação do pesquisador na comunidade por um longo período de tempo e em momentos diferentes, para tanto foram feitas inúmeras visitas à comunidade e com frequência que ocorreram em diferentes datas, desde datas festivas como a festa da padroeira ou como no momento da renovação do estatuto. Foram empregadas técnicas

			de aplicação de entrevistas individuais, participação em assembléias da associação, registro fotográfico e registro audiovisual. As entrevistas individuais foram aplicadas ao coordenador da associação (Apêndice B), lideranças e moradores (Apêndice C), foi utilizado como modelo o proposto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para o Registro do Patrimônio Imaterial que estabelece cinco categorias definidas para a inventariação de Celebrações, Formas de Expressão, Ofícios e Modos de Fazer, Lugares e Edificações.
		Visitas técnicas	As visitas técnicas aconteceram ao longo da pesquisa com média de uma visita/mês, totalizando 38 visitas técnicas de 2015 até 2017 quando o plano foi finalizado, as visitas tiveram o objetivo de aproximação com a comunidade, convivendo com os moradores, planejamento de ações, entre outros.
		Registro fotográfico	O registro fotográfico focou no cotidiano, na infraestrutura da comunidade, no patrimônio natural e cultural e nas atividades dos moradores, tanto de trabalho quanto de lazer.
		Registro audiovisual	O registro audiovisual voltou-se para registrar a realização das pesquisas participantes que foram aplicadas com as lideranças da comunidade, como o Coordenador Geral da Associação e o Sr. Antônio Lino, que é um antigo morador da cidade e possui informações sobre a história de origem dos quilombolas do Mocambo.
		Inventário da oferta turística	Para o inventário da oferta turística, que é o registro dos atrativos, serviços, equipamentos turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo, utilizou-se como técnica o preenchimento dos formulários disponibilizados pelo Ministério do Turismo de Inventário da Oferta Turística.
		Pesquisa de demanda potencial	O estudo da demanda potencial realizou a pesquisa de demanda potencial, que procurou identificar o perfil do turista de duas cidades turísticas próximas do Quilombo Mocambo, Canindé de São Francisco/SE e Piranhas/AL. O procedimento metodológico empregado foi a aplicação de questionários (Apêndice D) estruturados junto ao orientador da pesquisadora e aplicados diretamente aos visitantes em datas de feriado prolongado da semana santa, visando alcançar maior representatividade da amostra. Foram aplicados 33 questionários nos dias 26 e 27 de março de 2016.
		Dados secundários	<p>Pesquisa bibliográfica</p> <p>Foi fundamentada em livros, artigos e internet. O livro “Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola”, publicado em 2006, pelo historiador e antropólogo José Maurício Arruti foi a principal fonte de informações.</p> <p>Pesquisa documental</p> <p>A coleta de dados sobre o território utilizou igualmente a pesquisa documental a partir de registros, anais, documentos, entre outros, empregou informações sobre o estatuto da associação, o Diário Oficial da União (DOU) (Anexo B), com informações sobre o reconhecimento e a titulação das terras,</p>
Monitoramento e Controle	Dados primários	Proposta de indicadores de desenvolvimento no destino turístico	Nesta etapa foi utilizado como metodologia o guia proposto pela Organização Mundial de Turismo de “ <i>Indicadores de desarrollo sostenible para los destinos turísticos</i> ”, que oferece referências e procedimentos para construir indicadores de pesquisas de monitoramento de planejamentos turísticos fundamentados na sustentabilidade da atividade.

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

CAPÍTULO 3: DIAGNÓSTICO

O diagnóstico é indispensável na construção de um plano, pois é uma investigação com precisão sobre o local e a sua realidade atual, onde é possível, a partir das informações organizadas, conhecer os obstáculos que impedem o desenvolvimento e como modificar para melhorar.

Segundo Petrocchi (1998, p. 80), o diagnóstico é

[] um sumário da situação analisada. Ele dá, em poucas palavras, a situação de mercado – oportunidades e ameaças – e sintetiza os atrativos turísticos e os pontos fortes e fracos desse sistema. O diagnóstico é, assim, uma síntese da situação atual e é muito importante para a comunicação sobre o processo de planejamento.

O diagnóstico permite conhecer e compreender o macroambiente e o microambiente em todos os seus aspectos, assim sendo é primordial para o desenvolvimento do planejamento. Para Molina (2001, p. 94)

Como definição, o diagnóstico é a primeira etapa do processo de planejamento, na qual se analisa a situação do objeto ou objetos que se pretende modificar, com a finalidade de compreender sua estrutura, composição e comportamento no sentido atual, assim como a função que ele cumpre no âmbito geral em que se envolve.

O estudo foi realizado com o objetivo de analisar a oferta e a demanda turística do Quilombo Mocambo de forma que esses dados pudessem orientar ações e fortalecer o turismo na comunidade, incorporando os valores da cultura quilombola. Neste capítulo será apresentada a Caracterização da Área do Quilombo Mocambo, com informações sobre os Aspectos Históricos de Formação da Comunidade, Aspectos Socioculturais, Aspectos Ambientais, Aspectos Demográficos e os Aspectos Econômicos.

Os Aspectos Turísticos apresentarão informações sobre o Quilombo Mocambo e o Polo Velho Chico, o Mercado Turístico, a Oferta e a Demanda Turística com a Caracterização do Perfil do Visitante Potencial. Por fim a Análise do Ambiente Interno e Externo apresentará a análise SWOT e as considerações.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A caracterização da área apresenta os principais aspectos da comunidade no que diz respeito às suas características e serão destacados os aspectos históricos de formação da comunidade, os aspectos sociais e culturais, aspectos demográficos, aspectos ambientais e aspectos econômicos para melhor compreensão de como a comunidade é.

3.1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS DE FORMAÇÃO DO QUILOMBO MOCAMBO

A origem do Quilombo Mocambo está diretamente relacionada ao ciclo do açúcar e a colonização do Alto Sertão de Sergipe pelas fazendas de criação de gado. Os mocambeiros derivam da resistência ao sistema escravagista imposto na época formando núcleos em meio à caatinga, em áreas de difícil acesso, a população que hoje habita não tem uma única procedência e é resultado de uma miscigenação biológica e cultural.

Àquela época quilombo era definido pelo Conselho Ultramarino de 1740, como descreve Almeida (2002, p.47) que “Quilombo foi formalmente definido como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles””.

O autor Munanga (1995, p. 58) descreve em sua obra que “quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (*kilombo*, aportuguesado: quilombo)”. Para este autor a inspiração surgiu de um processo ocorrido na área cultural bantu nos séculos XVI e XVII, em instituições políticas e militares, formadas por homens guerreiros cujos rituais iniciáticos tinham a função de unificar diferentes linhagens. Ao recuperar a relação existente entre o quilombo no Brasil e o quilombo na África, Munanga (1995, p. 63) afirma que “Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos”.

Já o autor Almeida (2002, p.53) cita que na Constituição de 1988, o termo quilombo

[] surge como sinônimo de sobrevivência, como “remanescente”. Reconhece-se o que sobrou, o que é visto como residual, aquilo que restou, ou seja, aceita-se o que já foi. Julgo que, ao contrário, se deveria trabalhar com o conceito de quilombo considerando o que ele é no presente.

Na percepção do Ministério do Desenvolvimento Agrário, quilombo é uma categoria jurídica e é da mesma forma uma categoria usada pelo Estado brasileiro, a partir da Promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais, dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras

terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros. (BRASIL, 2012).

O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 descreve, segundo Brasil (2012, p. 155), que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

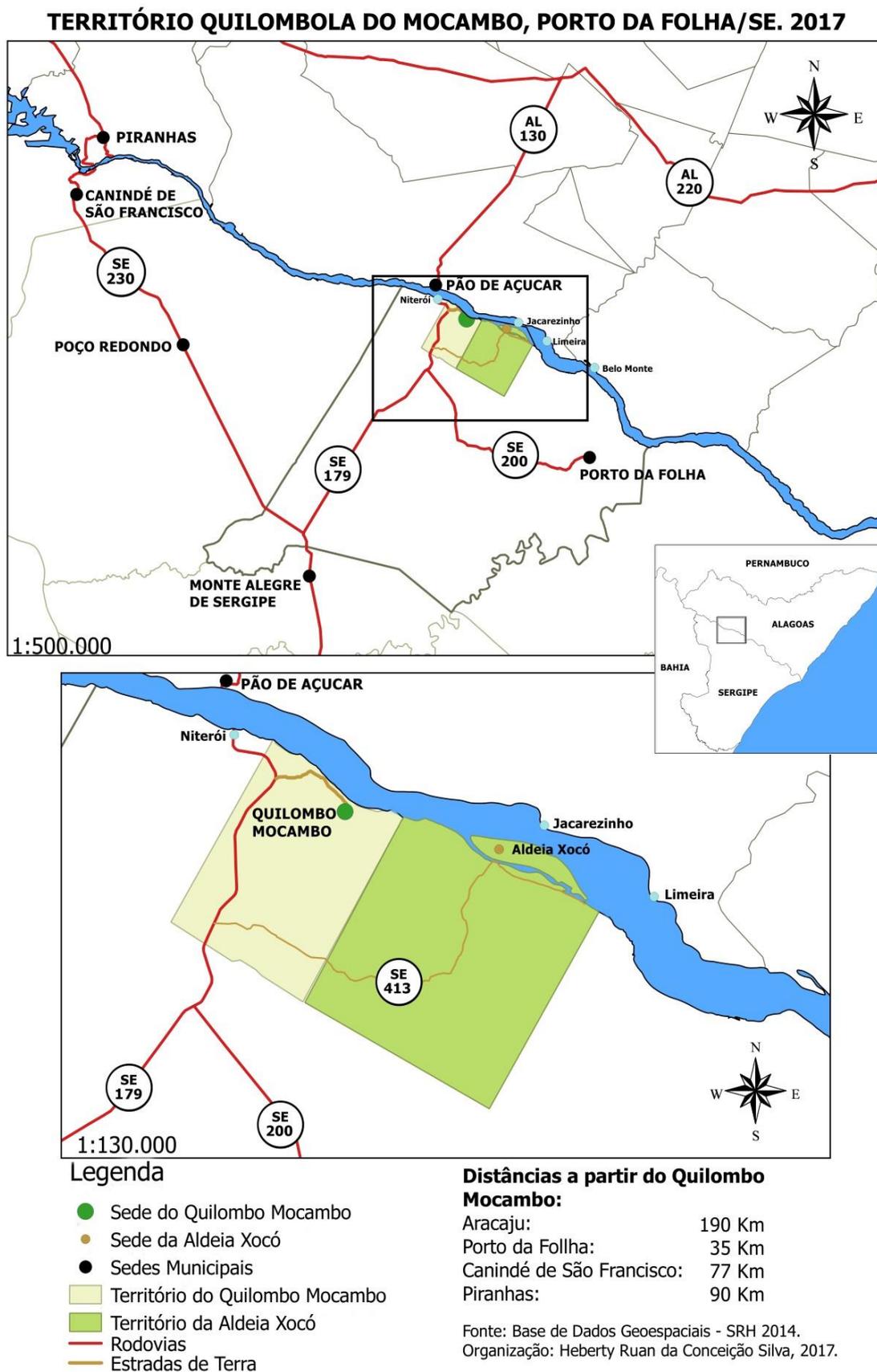
Para o conhecimento sobre a história de formação do Quilombo Mocambo (figura 01) pouco material foi encontrado e o principal referencial foi o livro “Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola”, publicado em 2006, pelo historiador e antropólogo José Maurício Arruti, que entre os anos de 1995 e 1997 produziu o “Relatório Histórico Antropológico do Quilombo Mocambo”, documento que concedeu o reconhecimento à comunidade como remanescente de quilombo. As informações a seguir têm como sustentação o livro mencionado acima, que relata com riqueza de detalhes a trajetória histórica de formação do Quilombo Mocambo.

Os africanos trazidos para Sergipe no período colonial tinham como objetivo servirem para o trabalho escravo nas fazendas de cana de açúcar. Como resistência à esse sistema de escravidão as possibilidades eram escapar e se esconderem à volta das fazendas e cidades, ou fugirem em direção ao interior do estado, local onde seriam menos perseguidos por ser uma região pouco povoada e com poucas estradas, desta forma buscaram por lugares de difícil acesso como estratégia para não serem encontrados e o Alto Sertão foi palco na formação de quilombo.

Em Sergipe o modelo de quilombo era diferente do quilombo que até então era chamado de “modelo Palmares”, composto por minúsculos grupos nômades e fluidos, sem qualquer organização produtiva estruturada (ARRUTI, 2006).

Por volta de 1920 novas demarcações de terra foram procedidas pelo Governo de Sergipe, a estratégia era tornar exclusivo o pasto para o gado, proibindo as pequenas criações e eliminando a autonomia dos moradores sertanejos sem posse legal das terras.

Figura 01 – Mapa da área do Quilombo Mocambo.



Nessa ocasião as famílias do Mocambo se organizavam em sítios, formado por uma casa, um chiqueiro, uma roça e próximo às reservas de água, participavam do plantio coletivo de arroz nas várzeas, pescavam e se dedicavam à produção de cordas, o sistema de produção era bem organizado e segmentado pelo calendário.

A chegada dos novos fazendeiros e donos legais das propriedades trouxe a ocupação das terras para serem utilizadas como pasto e o surgimento das cercas. As novas regras expulsaram as famílias e empurrou-as para as margens do Rio São Francisco, sem espaço para plantar a sua roça, os moradores se viram em situação difícil e acabaram se submetendo à nova forma de trabalho proposta pelos fazendeiros de exploração da terra e da população. Tratava-se de uma alternativa à exploração escrava, onde os fazendeiros se utilizam do fato de que as famílias não tinham mais o espaço para cultivar sua roça e propunham às elas o regime de meia para a produção agrícola de arroz, no qual os fazendeiros entravam com as terras e sementes e as famílias entravam com o trabalho de plantio e colheita, dividindo depois ao meio a safra, e o regime de quarta para a criação de gado, assim os donos de terra não teriam que arcar com nenhum dispêndio financeiro.

Na década de 1960 ocorrem a abertura de estradas e as primeiras obras contra a seca. Os avanços da pecuária se tornam cada vez mais agressivos contra as famílias camponesas e o sistema de meia continuou a ser utilizado nas relações de trabalho entre os “mocambeiros” e os fazendeiros.

Em 1979 os índios Xocós, vizinhos ao Mocambo, recebem o reconhecimento oficial como remanescentes indígenas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), porém uma das famílias que fora desapropriada continuou a ocupar as terras com gado, passando a manter o local sob vigilância de jagunços que ameaçaram os índios e os expulsaram da terra. Após muitos anos de conflitos, a demarcação foi realizada em 1992, contudo nem todos os proprietários foram retirados, inclusive aquele fazendeiro cuja área continha a lagoa onde os mocambeiros utilizavam para plantar arroz.

Para pressionarem a desocupação, os Xocós resolvem então acampar na lagoa. Arruti (2006, p.135) cita que “como forma de pressionar as autoridades, eles acamparam justamente à volta da lagoa de arroz da fazenda São Francisco em que as famílias do Mocambo trabalhavam”. As

famílias do Mocambo se solidarizaram com a situação e passaram a dar assistência aos seus vizinhos Xocó, quando os donos de fazenda chegaram pra expulsar os índios

[] os proprietários da fazenda São Francisco chegaram acompanhados por policiais e jagunços, para expulsar as famílias indígenas acampadas, eles identificaram entre elas 'seus meeiros' do Mocambo. O flagrante desdobrou-se em uma acalorada discussão, que só iria ser encerrada com a troca de ameaças e com a proibição de que as famílias do Mocambo continuassem os trabalhos preparatórios para a colheita do arroz já maduro, assim como de que continuassem transitando pelo trecho de beira rio que dá acesso à área indígena. (ARRUTI, 2006, p. 136).

Mesmo assim, depois de umas semanas, os proprietários resolvem indenizar as famílias pelo prejuízo com o arroz, mas as famílias não aceitam a proposta, pois acharam que o valor era injusto. Então os proprietários soltaram o gado sobre a plantação de arroz, essa atitude provoca indignação nos moradores do Mocambo.

Devido ao fato acontecido foi criado o Fórum de Apoio ao Mocambo composto pelo Estado (INCRA, Procuradoria da República e Secretaria Estadual de Cultura), sociedade civil (sindicatos, movimento negro e centros de educação e cultura popular) e na Igreja (diocese local e a Comissão da Pastoral da Terra (CPT)). Começa aí o processo de busca pelo reconhecimento e para dar início ao procedimento de certificação como comunidade remanescente de quilombo, a associação da comunidade encaminhou solicitação ao Presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP), juntamente com as declarações de auto-definição de identidade étnica; o relato sintético da trajetória do grupo (história da comunidade) e a ata de reunião da associação, convocada para específica finalidade de deliberação a respeito da autodefinição, e aprovada pela maioria absoluta de seus membros, como exige a norma específica atual da Portaria da FCP nº 98, de 26/11/2007, nesse processo as famílias tiveram apoio principalmente da CPT.

Em 1994 o processo de reconhecimento do Mocambo estava sendo conduzido pela FCP em parceria com o IPHAN, momento em que atuação governamental não tinha ao certo a quem caberia a responsabilidade pela causa, bem como o tema “remanescentes de quilombo” possuía insuficiente definição.

Em 1995 um convênio foi firmado entre a FCP e Associação Brasileira de Antropologia (ABA), foi acionado para dar início à produção do “relatório histórico antropológico” destinado ao reconhecimento oficial do grupo, que finalizado em 1997 serviu como elemento fundamental neste mesmo ano ao processo de reconhecimento do Quilombo Mocambo por meio de portaria

no DOU, em 28 de maio de 1997, no qual a presidenta da FCP aprova o Relatório de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombo do Mocambo, bem como a delimitação da área por ela ocupada com suporte no Art. 68 do ADCT e nos Art. 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, considerando o processo da FCP nº 01400.006562/96-04, os termos do convênio nº E-132/96-SE do Centro de Estudos sobre Território e Populações Tradicionais (CETT) e o Ministério da Cultura (MinC), e apreciando o parecer nº 48 FCP/DEPP/MinC/97 do Grupo de Trabalho instituído pela Portaria da FCP nº 14/97, de 30 de abril de 1997. DOU (1997, p.01).

A presidenta da FCP determina ainda que se publique no DOU o despacho e o parecer DEPP nº 48/97/FCP/DEPP/MinC/97 e que se torne público e oficial aos órgãos INCRA, ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), à FUNAI, ao IPHAN e à Secretaria do Patrimônio da União (SPU). O Parecer nº 48/97/FCP/DEPP/MinC/97 contemplava então a identificação e delimitação das terras ocupadas pela comunidade com vistas à demarcação e à titulação definitiva da sua terra pelo seu reconhecimento.

Porém uma confusão gerada pela FCP só conferiu certificação ao Quilombo Mocambo em 04 de junho de 2004 e sendo a certificação requisito formal para a regularização fundiária, a declaração de território pelo INCRA (processo 54570000256/2005-51) só ocorreu em 2009 e a titulação aconteceu anos depois e em duas etapas, Arruti (2016, p. 181) cita que “Finalmente, em 2009, as 113 famílias da comunidade teriam 2.100.5400 ha de terra declarados como seu território pelo INCRA (decreto publicado no D.O.U. de 23/11/2009), que os tituló em duas etapas, em 21/12/2012 e 05/12/2013”. Em Sergipe o Quilombo Mocambo foi a primeira comunidade quilombola a ser reconhecida pela FCP e a 3ª no Brasil.

3.1.2. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

O Quilombo Mocambo é uma comunidade remanescente de quilombo, que como foi mencionado anteriormente, em 28 de maio de 1997 foi aprovada como remanescente de quilombo, porém em função da confusão gerada pela FCP, a certificação só aconteceu em 04 de junho de 2004 e assim a declaração de território pelo INCRA só ocorreu em 2009 e a

titulação com a desapropriação das terras e apropriação pelos quilombolas aconteceu anos depois em duas etapas, 21 de dezembro de 2012 e 05 de dezembro de 2013.

A Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo é a representante legalmente constituída do território, possui CNPJ nº 01.139.371/0001-11 e é uma organização constituída em sociedade civil de direito privado sem fins lucrativos, fundada em 06 de fevereiro de 1996 para tratar dos interesses do Quilombo Mocambo, que nesta época estavam voltados para o processo de reconhecimento da comunidade.

A associação é composta por Coordenação e Conselho Consultivo. A Coordenação é responsável pela administração do patrimônio do território e tem o importante papel de articulador para garantir o acesso da comunidade às políticas públicas e garantir seus direitos. Já o Conselho Consultivo tem a responsabilidade de fiscalizar a Coordenação.

É regida por estatuto interno (Anexo A), onde estão descritos o conjunto de regras da organização para o funcionamento coletivo do Quilombo Mocambo, descreve os direitos e deveres dos quilombolas, as regras vigentes de convivência dentro do território, as regras de uso das terras e do patrimônio do território, direitos e deveres da coordenação e do conselho consultivo, entre outras.

Essas regras garantem a preservação do território como espaço social de manifestação e manutenção de sua cultura identitária, entretanto essas regras nem sempre são respeitadas pelos moradores do povoado gerando inúmeros conflitos. Na comunidade do Quilombo Mocambo existem três tipos diferentes de moradores: 1) morador quilombola; 2) morador não quilombola casado com quilombola e 3) morador não quilombola que aguarda indenização de sua casa pelo Governo Federal. Em geral os conflitos ocorrem por infringir o estatuto, como deixar animais soltos na área reservada à moradia, jogar lixo fora dos locais destinados, problemas pessoais, entre outros. Por não haver policiamento local a coordenação da associação quando percebe que o conflito pode gerar insegurança no território, recorre à Polícia da Caatinga, que é o policiamento mais próximo.

As terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos, de acordo com Brasil (2008, p. 01) no “Art. 4º se caracteriza por ser “toda a terra utilizada para a garantia de sua

reprodução física, social, econômica e cultural”, pois são os espaços que asseguram o prosseguimento dos modos de vida e o compartilhamento de características específicas desse grupo.

O direito à titulação da terra é uma das maiores conquistas dos quilombolas, pois sem titulação não há garantia da posse legal dos territórios quilombolas que desta forma acabam ficando na ilegalidade.

No caso de territórios quilombolas rurais há a necessidade da existência do espaço (terra, natureza, paisagem) como recurso para a sua existência, pois o sistema produtivo é baseado em atividades que estão assentadas na interrelação com o meio onde vive e seus ciclos. E assim o grupo estabelece suas próprias dinâmicas de organização, de ocupação, de ancestralidade, de relacionamentos, de produção, de misticismo, de tradição e de sobrevivência. De acordo com Brasil (2012, p.07) “um território se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma”. Logo o território é a soma de processos humanos e naturais que ocorrem em um espaço definido.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 08)

O título do território conferido às comunidades quilombolas é coletivo, pró-indiviso e com cláusulas de inalienabilidade, imprescritibilidade e impenhorabilidade. Isso quer dizer que o uso do território do Quilombo Mocambo, suas terras e seus recursos, são de uso comum do grupo e não podem ser divididos, vendidos, alugados, arrendados ou penhorados, entretanto as famílias possuem o controle coletivo de regras de uso, que no caso é o estatuto, e autonomia do processo produtivo, que exercem de forma privada o domínio sobre um pedaço desse território, geralmente a casa onde moram e o seu quintal, alguma porção de área no seu entorno e áreas de roça.

O fato de a titulação ser coletiva se torna um aliado para os moradores, pois impede a venda das terras do território e a especulação imobiliária. Impede igualmente que sejam explorados por não quilombolas e pelo monopólio de grandes grupos econômicos, inclusive no turismo.

Outra característica importante do uso comum no Quilombo Mocambo é o desenvolvimento sustentável preconizado em seu estatuto que impede a utilização de agrotóxicos, defensivos agrícolas e antibióticos, assegurando que as práticas rurais sejam agroecológicas.

O território ao mesmo tempo é um ambiente onde se estabelecem relações de poder e que aqui serão consideradas como o poder que age em conformidade com grupo e em nome dele, para não ser confundido com dominância de um sobre o outro, ou mesmo a violência, portanto o grupo é a origem do poder, pois é dele que emana a sua força e é o grupo que legitima sua existência, como menciona Souza (2000, p. 86)

[] o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders)

O pertencimento ao território se dá através da auto identificação enquanto membro de grupo, grupo esse com regras que são perpetuadas e passadas de geração em geração, como forma de dar continuidade à sua trajetória, segundo alega Brasil (2008, p. 08) que

[] o coletivo de um território tradicional se diferencia de outras formas de uso da terra, por apresentar as seguintes características: pertencimento a um território específico, obediência a regras tradicionais, autonomia camponesa subordinada a uma ordem maior e preocupação com as futuras gerações.

Conforme definido no inciso I do art. 3º do Decreto nº 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

Povos tradicionais constituem-se como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tal, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, p.01)

O local que foi escolhido para se esconderem foi a região do Alto Sertão por ser de difícil acesso, como estratégia para protegê-los e não serem descobertos. A adaptação ao novo local enfrentou o bioma caatinga com pouca disponibilidade de recursos, escassez de chuva e altas temperaturas, o que os permitiu a sobrevivência foi a presença de dois espaços ecológicos constituídos da beira do rio e dos morros, com recursos sazonais e que através da sabedoria os mocambeiros souberam tirar todo o proveito para a sua sobrevivência.

Para superarem as dificuldades locais, Arruti (2006, p. 185) relata que os mocambeiros criaram um “sistema de produção e de organização social, marcado por segmentações de calendário, de

gênero e de idade” do qual as famílias se ocupavam. Esse sistema de produção era sazonal, manejava recursos em espaços distintos, distribuía trabalho entre as famílias e marcava igualmente as práticas culturais que aconteciam em celebração a estas atividades, como era o caso do “samba de coco”, que era dançado quando se plantava e quando se colhia o arroz. Esse sistema produtivo, esse modo de vida característico da comunidade do Quilombo Mocambo, que possibilitou o desenvolvimento do grupo de forma sustentável.

A partir dos depoimentos dos moradores e do livro do autor Arruti (2006) a pesquisa pôde constatar que três fatores transformaram os modos de vida do Quilombo Mocambo. O primeiro fator foi a chegada, na segunda metade do século XIX, das fazendas de gado no Alto Sertão marcando os conflitos por terra, nessa época os fazendeiros expulsaram as famílias que foram obrigadas a se formarem apenas na beira do rio e a abandonarem um dois espaços ecológicos que utilizavam, o sistema produtivo que antes se estabelecia não foi mais possível e mais uma vez a comunidade teve que se adaptar e formar um novo sistema produtivo (a 1ª adaptação foi quando chegaram ao alto sertão), posteriormente as lutas por terra se intensificaram, marcando um longo período de conflitos com os fazendeiros.

O segundo fator foi a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó que diminui visivelmente a vazão da água e a quantidade de peixe no rio São Francisco a partir de 1994, quando as atividades tradicionais como a agricultura e a pesca ficaram comprometidas. Não havendo as cheias do rio as lagoas deixaram de se formar e o plantio de arroz deixou de existir de vez. Outros plantios ficaram inviáveis e o peixe tornou-se escasso, a autonomia alimentar foi totalmente afetada até os dias de hoje e da mesma forma a manifestação cultural do samba de coco sofreu consequências, principalmente com a extinção do plantio de arroz que era uma das grandes motivações para se dançar.

O terceiro fator foi a busca pelo reconhecimento e conquista do território, que trouxe com a posse legal das terras, novos elementos para a vida dos mocambeiros como por exemplo o estatuto. A essa época o samba de coco voltou a ser novamente dançado com todo o entusiasmo, principalmente depois das reuniões pró conquista, simbolizando a força do coletivo.

Percebe-se que o território do Quilombo Mocambo foi e é construído a partir da cooperação entre os atores e a natureza, mantido por uma lógica coletiva que não a da propriedade privada,

nele as relações sociais e culturais se fundem por que são fortemente influenciadas uma pela outra.

Para os mocambeiros vários símbolos dão identidade ao seu grupo e possuem igual representação na construção de sua trajetória histórica cultural, entretanto a luta e a resistência foram o que possibilitou que essa trajetória existisse de fato, como na fala de um dos guias locais Mailson (2007), um rapaz de 16 anos que explica no roteiro turístico que “se os mocambeiros não tivessem ficado na terra, lutado e resistido, se tivessem ido embora quando houve ameaça de morte pelos fazendeiros, não existiria hoje a comunidade com tudo o que existe dentro dela”.

Nesse sentido é preciso compreender que o território é o local onde a vida se dá, não é apenas um recurso, mas referência de vivência e de trocas, assim sendo a luta e a resistência são formas de poder como uma afirmação coletiva de sua existência.

SÍMBOLOS DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

São vários os símbolos que representam a identidade do Quilombo Mocambo e que dão sentido de pertencimento ao grupo, a seguir serão apresentados os símbolos considerados representativos pelos moradores.

A LUTA E A RESISTÊNCIA COMO IDENTIDADE

A trajetória histórica cultural do Quilombo Mocambo é marcada por momentos de constantes conflitos de luta pela terra e de adaptação aos recursos disponíveis, mas sem nunca desistir de manter o grupo unido no território necessário à sua existência.

A resistência é o emblema da identidade cultural do Quilombo Mocambo e os símbolos identitários se organizam em torno da sua história de luta. Neste caso

[] território e identidade estão intimamente relacionados enquanto um estilo de vida, uma forma de ver, fazer e sentir o mundo. Um espaço social próprio, específico, com formas singulares de transmissão de bens materiais e imateriais para a comunidade. Bens esses que se transformarão no legado de uma memória coletiva, um patrimônio simbólico do grupo. (BRASIL, 2004, p. 11)

Assim sendo o morador do Quilombo Mocambo quando canta nas músicas do samba de coco “Terra de Preto” ou “Mocambo é nosso, de quem lutou” constrói uma categoria de reconhecimento empregada por eles próprios e que define uma identidade relacionada ao

“pertencimento e ocupação de território” que se traduzem em “reconhecimento e luta pela terra”.

Sob essa perspectiva Oliveira (2012, p. 03) afirma que “os remanescentes de quilombo são um grupo social que tem sua identidade arraigada em um território, na sua história, de seus descendentes, cultura e sentimento de pertencimento e interdependência”.

Em suma seus moradores não estão isolados, mas reivindicam o direito à diferença cultural herdada na qual está baseada a sua identidade. A garantia de direito territorial do Art. 68º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias é considerada uma estratégia à tentativa de assegurar a existência da identidade e seus símbolos identitários, entretanto esses símbolos “devem ser definidos a partir de sinais e emblemas considerados socialmente significativos pelo grupo, e não por um olhar classificador de um observador externo”. (O’DWYER, 2002, p. 03). A resistência passa a ser o traço marcante do Quilombo Mocambo , pois muitos foram os embates

A RELIGIÃO CATÓLICA

A religião professada pelo povo é a católica, o catolicismo tem papel importante na vida dos mocambeiros e participação de destaque em momentos marcantes da história de formação, portanto há um sentimento de agradecimento da comunidade à Igreja Católica.

Sobre a luta pelo território a CPT teve papel decisivo e foi a principal instituição a estimular nos quilombolas na busca pelo reconhecimento e a estar do lado articulando apoios para este movimento, até nos tempos de hoje apoia a comunidade quando surgem situações de vulnerabilidade e perda de direitos.

O território é protegido pela padroeira da Gloriosa Santa Cruz (figura 02), pois quando uma doença grave se abateu sobre a comunidade, uma promessa foi feita e concedida, e por isso em homenagem à padroeira é rezada a novena que finaliza sempre no 1º domingo de maio e simboliza a graça alcançada.

Figura 02: Festa da Gloriosa Santa Cruz



Fonte: acervo da autora, 2015.

A DANÇA DO SAMBA DE COCO

A dança do samba de coco é a manifestação cultural mais importante do Quilombo Mocambo, a expressão é composta de dança acompanhada de música cantada, a dança é em roda e em duplas de homens e mulheres que utilizam roupas feitas com tecido de algodão cru, ela utiliza como instrumentos musicais pandeiro e tambor e as letras são compostas especialmente pelos moradores.

Atualmente a dança do samba de coco é mais valorizada pelos mocambeiros em apresentações para visitantes, porém historicamente de acordo com o antropólogo e relatos dos moradores, o samba de coco esteve associado a contextos bem distintos.

Num passado distante, quando as famílias eram dispersas no território e ainda não se concentravam à beira do rio, o samba de coco adquiria a função lúdica de diversão entre os mocambeiros. Em entrevista realizada com o seu Antônio Lino, um dos maiores conhecedores da história do Quilombo Mocambo, ele revelou que como as casas eram um pouco distantes havia um terreiro onde eles se encontravam para dançar. Nesta época, de acordo com Arruti (2016, p. 203) “o samba de coco assumia o caráter de uma atividade produtiva: a produção periódica da própria unidade social daquelas famílias, que encontravam nele a oportunidade e o lugar para realizarem suas trocas sociais”.

Por volta das décadas de 40 e 60, com a chegada dos fazendeiros, Arruti (2006) relata em seu livro que a pressão para desocupar as terras que os mocambeiros ocupavam se tornou tanto que os grupos se mudaram em definitivo para a beira do rio perdendo o terreiro, a partir daí o samba

de coco passou a ser dançado nas épocas de cultivo de plantio de arroz quando as famílias se reuniam para o trabalho em mutirão

[...] nesse momento o trabalho coletivo era realizado ao som dos sambas de coco: sob um sol sempre forte, com a água pouco abaixo da cintura, homens e mulheres colhiam o arroz e recolhiam os peixes encurralados, enquanto cantavam e bebiam cachaça. As colheitas de arroz e as próprias lagoas sempre representaram, por isso, um dos momentos mais importantes na confirmação dos laços de solidariedade entre aquelas famílias. (ARRUTI, 2006, p. 228)

Com o início do processo de reconhecimento e titulação das terras, o samba de coco assume característica de força solidária na luta pela terra. Vários refrãos das letras do samba refletem esse momento:

“Mocambo é nosso,
De quem lutou
Teve a coragem
e acreditou”.

Na atualidade os mais jovens não querem dançar o samba de coco original, estão interessados em criar um samba de coco estilizado e mais atrativo, segundo os seus componentes. Assim trouxeram algumas mudanças para a apresentação como o acréscimo de outras músicas, introdução de passos de samba, forró, pagode e axé, o encurtamento das saias e os rapazes sem camisa. A nova apresentação segue o roteiro onde o samba de coco original inicia, é seguido pela apresentação dos novos ritmos incluídos e finaliza a apresentação retornando ao samba de coco original.

A decisão tomada pelo grupo de incluir outros tipos de ritmos não foi discutida com a comunidade em geral, o que causou estranhamento entre os mais velhos por não terem sido consultados sobre o ocorrido, além de acharem que esta decisão irá modificar o samba de coco original (figuras 03), transformado pelo modismo no samba de coco atual (figuras 04).

Figura 03: Samba de coco

Figura 04: Samba de coco



Fonte: internet, autor desconhecido, 2016



Fonte: acervo da autora, 2017.

A TRADIÇÃO DA VAQUEJADA

A vaquejada em Sergipe teve início com a introdução da atividade de pecuária que tinha como objetivo a ocupação de território, nesse tempo o gado era criado solto, para reaver seus animais os fazendeiros convocavam os vaqueiros, que eram os empregados da lida com o gado, para buscarem seus animais perdidos na caatinga. Como forma de reconhecimento os fazendeiros proporcionavam festejos aos vaqueiros participantes e premiações para os vaqueiros que demonstrassem maior destreza, força e agilidade com os animais arredios.

Como não havia demarcações nas fazendas em decorrência da ausência das chamadas cercas de arame farpado, quando o gado embrenhava-se na caatinga, misturava-se aos de outros fazendeiros. Assim no período das chuvas ou no momento da comercialização o fazendeiro proporcionava festejos para reaver as rezes perdidas. Convocavam vaqueiros da própria fazenda e de outras circunvizinhas objetivando reaver e selecionar o seu gado. (MENEZES; ALMEIDA, 2015, p. 03)

Com o tempo as vaquejadas se popularizaram e se tornaram uma atividade recreativa de caráter competitivo, no qual a dupla de vaqueiros, vestida em suas roupas de couro e montada a cavalo corre atrás de um boi em circuito de mata fechada de caatinga até conseguir capturá-lo, ao final a dupla exitosa recebe um prêmio.

No Quilombo Mocambo, esta manifestação cultural é bem presente, pois uma das atividades da comunidade é a pecuária, onde o gado é criado solto na caatinga. De acordo com o relato do Sr. Gilson de Melo, Coordenador da Associação, a maior vaquejada no povoado acontece no fim do mês de julho no próprio Parque da Vaquejada do Mocambo (figura 05 e 06), chega a receber cerca de 1.000 visitantes e premiar os melhores competidores, inclusive com dinheiro, bezerros e televisão.

Figura 05: Vaquejada no Quilombo Mocambo.

Figura 06: Vaquejada no Quilombo Mocambo.



Fonte: acervo da autora, 2014.



Fonte: acervo da autora, 2014.

Outras vaquejadas de menor porte também acontecem ao longo do ano, se tornando um dos principais entretenimentos dos moradores da região, a comunidade faz parceria com outros interessados em realizar eventos de vaquejada e assim a associação cede o espaço e combina o rateio de valores.

A vaquejada tem levantado grandes polêmicas no Brasil sobre a sua prática, entretanto a comunidade a identifica como uma atividade cultural, por ser atividade que seus moradores praticam há muitos anos, sendo que criar gado é uma das suas principais atividades econômicas.

O PATRIMÔNIO EDIFICADO

O patrimônio edificado possui características com construções de arquitetura do interior do sertão dos idos de 1900. Constitui-se de duas igrejas, duas casas que eram sede das fazendas desapropriadas e várias casas de moradia. As casas de moradia (figuras 07 e 08) já foram de taipa e atualmente são de alvenaria, as mais próximas da Igreja da Gloriosa Santa Cruz são as mais antigas.

Figura 07: Casas de moradia.

Figura 08: Casas de moradia.



Fonte: acervo da autora, 2014.



Fonte: acervo da autora, 2014.

Outras duas casas pertencentes às fazendas que foram desapropriadas (figuras 09 e 10) são as antigas sedes que serviram de moradia para os donos das fazendas. Elas foram construídas em locais de destaque e demonstram a imponência da riqueza dos fazendeiros de gado daquela época. As casas encontram-se conservadas, porém necessitam de reforma no telhado. As edificações são referenciais de importância histórica remetendo ao período que se passou a história do local.

Figura 09: Casa de fazenda desapropriada.



Fonte: acervo da autora, 2014.

Figura 10: Casa de fazenda desapropriada.



Fonte: acervo da autora, 2014.

A Igreja da Gloriosa Santa Cruz (figura 11) fica no povoado, às margens do rio São Francisco, é a igreja utilizada para os rituais religiosos, recebe sempre manutenção e está em muito bom estado de conservação. A Capela Sagrado Coração de Jesus do Jaciobá (figura 12) é mais antiga e possui em seu interior um altar todo esculpido em argila pitada, está situada há 1 km de distância do povoado, está com seu estado de conservação precário.

Figura 11: Igreja da Gloriosa Santa Cruz.

Figura 12: Cap. Sag. Coração de Jesus do Jaciobá.



Fonte: acervo da autora, 2014.



Fonte: acervo da autora, 2014.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

No Quilombo Mocambo foram identificados 17 sítios arqueológicos de superfície, chamado pelos antigos moradores de “chiqueiros”. Esses sítios eram os locais de moradia que foram utilizados no laudo antropológico como marcas de ocupação passada, pelos ancestrais quilombolas. O Diário Oficial da União (DOU) descreve, no memorial de ocupação territorial, que os sítios do mesmo modo foram utilizados para identificar e delimitar as terras ocupadas pela comunidade:

As marcas territoriais mais antigas identificadas por esta população, privilegiadas para narrar uma situação de liberdade, são as estreitas capoeiras que permanecem abertas no meio da caatinga, nas quais são visíveis as marcas de ocupação passada, como os alicerces de pedra e cal de casas já inexistentes e os restos de utensílios de uso doméstico, como pratos, potes e garrafas. São estes sítios arqueológicos de superfície que o povo do Mocambo chama de antigos “chiqueiros”, isto é, os locais onde seus ancestrais mantinham pequenos ranchos que lhes serviam simultaneamente de morada e de local de criação de pequenos animais, principalmente porcos. Os “chiqueiros” se estendem por toda a área reivindicada, justificando quase ponto a ponto sua extensão, num total de 17, cada um deles remetendo a um ancestral conhecido das atuais famílias da comunidade. Ainda que, em alguns deles, as antigas marcas não sejam mais visíveis à superfície, já que a terra foi revirada sucessivas vezes pela ação dos arados, sua localização ainda é conhecida com precisão. (DOU, 1997, p. 01)

Os sítios arqueológicos constituem importantes representações da ocupação quilombola, que datam do início do século XIX, em torno de mais de 170 anos. (ARRUTI, 2006), entretanto não há nenhuma ação de preservação do acervo que está se deteriorando com o tempo e saqueado partes das pedras que constituem as cercas dos “chiqueiros”.

A GASTRONOMIA

A gastronomia local baseia-se na culinária sertaneja, onde se usa essencialmente a mandioca cozida, o inhame cozido, a batata doce cozida, o pirão de peixe, o cuscuz com ovos e leite, a

carne de sol, o queijo coalho, o ribacão que é um prato semelhante ao baião de dois, os doces e os biscoitos de farinha de tapioca.

A vocação para a produção de leite possibilita que vários produtos da gastronomia sejam feitos a partir dele como, por exemplo, a produção artesanal de queijo coalho (figura 13) e de doce de leite (figura 14), tanto de quadrado quanto em pasta.

Figura 13: Produção de queijo.



Fonte: acervo da autora, 2013.

Figura 14: Doce de leite de quadrado



Fonte: acervo da autora, 2013.

Outros doces também que são produzidos como o doce de mamão (figura 15), o doce de goiaba e o de batata doce, todos em formato de quadrado, são vendidos sob encomenda ou quando há grupo de visitantes do Projeto de TBC. Muitas mulheres encontram nesta atividade a oportunidade de ganhar dinheiro

Figura 15: Doce de mamão.



Fonte: acervo da autora, 2016.

O RIO SÃO FRANCISCO

O rio São Francisco é um dos rios mais importantes do Brasil com cerca de 2.800 km de extensão, nasce em Minas Gerais e deságua em Sergipe. Em seu curso une diversos aspectos culturais e beneficia inúmeras populações ribeirinhas que tem no rio um parceiro de vida, pois proporciona diversos usos como abastecimento de água, navegação, irrigação, pesca, diversão e comércio. Ao atravessar o Brasil o rio São Francisco passa por diversas regiões de climas diferenciados e mesmo quando está na zona sertaneja com altas temperaturas consegue, apesar da intensa evaporação, se manter perene.

No Quilombo Mocambo o rio deu dinâmica ao cotidiano dos moradores, a começar por ser a única fonte de abastecimento de água. Representa elemento indispensável à realização das diversas atividades do meio rural existentes na comunidade e que se desenvolvem concentradas ao longo dos 3,4 km de margem. (DOU, 1997)

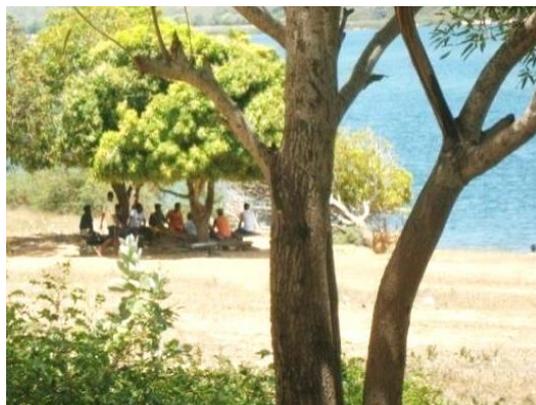
São muitos os usos que os mocambeiros dão ao rio, seja pra lavar roupa ou louça, para nadar, divertir-se, dar banho em animais, transportar-se para outros lugares (figura 16), praticar esporte como a canoa a vela (figura 17), pescar, irrigar o cultivo ou simplesmente apreciar a paisagem. Ficar à sua margem com os amigos e parentes (figura 18) da mesma forma é bastante apreciado pelos moradores que a utilizam como espaço de sociabilização e trocas, ali acontecem várias festas e confraternizações sob as grandes árvores de caibeiras que foram plantadas na beira.

Figura 16: Usos do rio.



Fonte: acervo da autora, 2013.

Figura 17: Usos do rio.



Fonte: acervo da autora, 2013.

Figura 18: Usos do rio.



Fonte: acervo da autora, 2016.

A paisagem formada pelo rio está incorporada ao dia a dia da comunidade, afinal o povoado ergueu-se à sua beira e suas principais atividades produtivas são realizadas nas suas proximidades, alguns moradores já acordam olhando para ele. Desta forma os moradores apreciam bastante as suas paisagens de forma contemplativa, por estar presente cotidianamente em suas vidas.

O DOMÍNIO DE TÉCNICAS AGROECOLÓGICAS

Grandes dificuldades encontraram os mocambeiros ao se fixarem no Alto Sertão, pois precisaram se adaptar ao bioma da caatinga com climas quentes e escassez de chuva. Havia também a pouca disponibilidade de recursos como as poucas chuvas, o sucesso da adaptação estaria em utilizar da melhor forma possível os recursos disponíveis, neste sentido os moradores criaram um sistema produtivo agroecológico que manejava os recursos e os espaços à beira o rio e sob os morros. (ARRUTI, 2006)

O domínio de técnicas agroecológicas (figura 19) foi a grande estratégia de sobrevivência na área rural, pois assim conseguiram a produção alimentar autônoma que só foi possível devido ao sistema engenhosamente organizado e manejado. A sabedoria permitiu conciliar espaço para a produção alimentar e organização social de forma sustentável, utilizando o calendário como forma de marcar períodos, onde as famílias se revezam para os trabalhos e se dividiam por gênero, idade e tipo de trabalho. (ARRUTI, 2006)

Atualmente, pelo fato de não haverem mais as cheias do rio o sistema produtivo se modificou para tentar se adaptar à nova realidade, foi escolhida uma nova área para a plantação que só

obtém sucesso na colheita se o período de chuvas for satisfatório, isso diminuiu sensivelmente a produção alimentar da comunidade, e apesar dos moradores já não possuírem mais o sucesso na produção alimentar pela falta de água, o domínio das técnicas agroecológicas continua preservado e sendo utilizado.

Figura 19: Cultivo agroecológico



Fonte: acervo da autora, 2014.

3.1.3. ASPECTOS AMBIENTAIS

O Quilombo Mocambo está localizado no território do Alto Sertão Sergipano que se caracteriza por estar inserido no bioma da caatinga, onde o clima é seco e temperaturas altas, girando em médias de 26°C, com mínimas de 20°C e máximas de 32°C. O período chuvoso é de abril a agosto, com máximo concentrado em maio, junho e julho. (SERGIPE, 2015).

De acordo com Araújo Filho (2013, p. 62) a “vegetação é constituída, especialmente, de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas de pequeno porte, geralmente dotadas de espinhos, caducifólias, perdendo suas folhas no início da estação seca”.

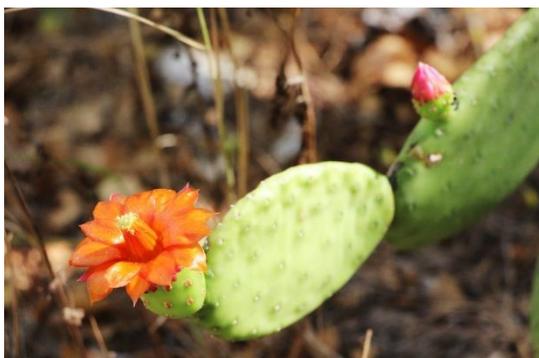
As espécies mais comuns são a catingueira, as juremas, os marmeleiros, os cactos e as bromélias. Na fauna destacam-se mamíferos, aves e anfíbios. Os mais recorrentes são o tatu-bola, os pássaros de pequeno porte, os gaviões, as corujas, as siriemas e as iguanas (ARAÚJO FILHO, 2013).

A comunidade pertence à bacia hidrográfica do Rio São Francisco, a hidrografia do território se distingue por não possuir rios correndo em seu interior, apenas depósitos de água são formados no período das chuvas em locais chamados de tanques de pedra.

O território destaca-se por possuir uma expressiva área de caatinga preservada que se estende por quase toda área até o rio São Francisco. O seu forte vínculo com a natureza e com o meio que ocupa se verifica pelo alto grau de preservação de sua área.

Os cactos (figura 20, 21 e 22) e as bromélias (figura 23) formam verdadeiros jardins de beleza cênica, possuem flores exuberantes que chamam atenção pelo seu colorido, textura e fruto que muitas vezes é comestível.

Figura 20: Cactos.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 21: Cactos.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 22: Cactos.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 23: Bromélia.



Fonte: acervo da autora, 2016.

3.1.4. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

O Quilombo Mocambo (figura 24) situa-se na zona rural do município de Porto da Folha, na região do Alto Sertão sergipano e às margens do Rio São Francisco. Está distante 190 km da capital Aracaju e 20 km da sede do município. O acesso, partindo de Aracaju até a comunidade, se dá através das rodovias BR-235, SE-175 e SE-179.

O território quilombola possui área de 2.100,54 hectares de terras, o perímetro é de 19.237,95 m, sendo que a área possui 3.400 m de “beira” do rio São Francisco e 6.000 m de “fundo”. Os limites e confrontações são ao norte o Rio São Francisco e Sr. Orlando, a leste a Reserva dos índios Xocós, ao sul da Fazenda Boa Esperança e Terras de quem é de direito e a oeste a Fazenda Gentileza, Fazenda Saco Grande e o Sr. Orlando. (DOU, 1997)

O povoado possui aproximadamente 220 casas e um total de 170 famílias registradas no INCRA. A população, de acordo com o atual Coordenador Geral da comunidade, o Sr. Gilson de Melo (2015), é estimada em 600 pessoas.

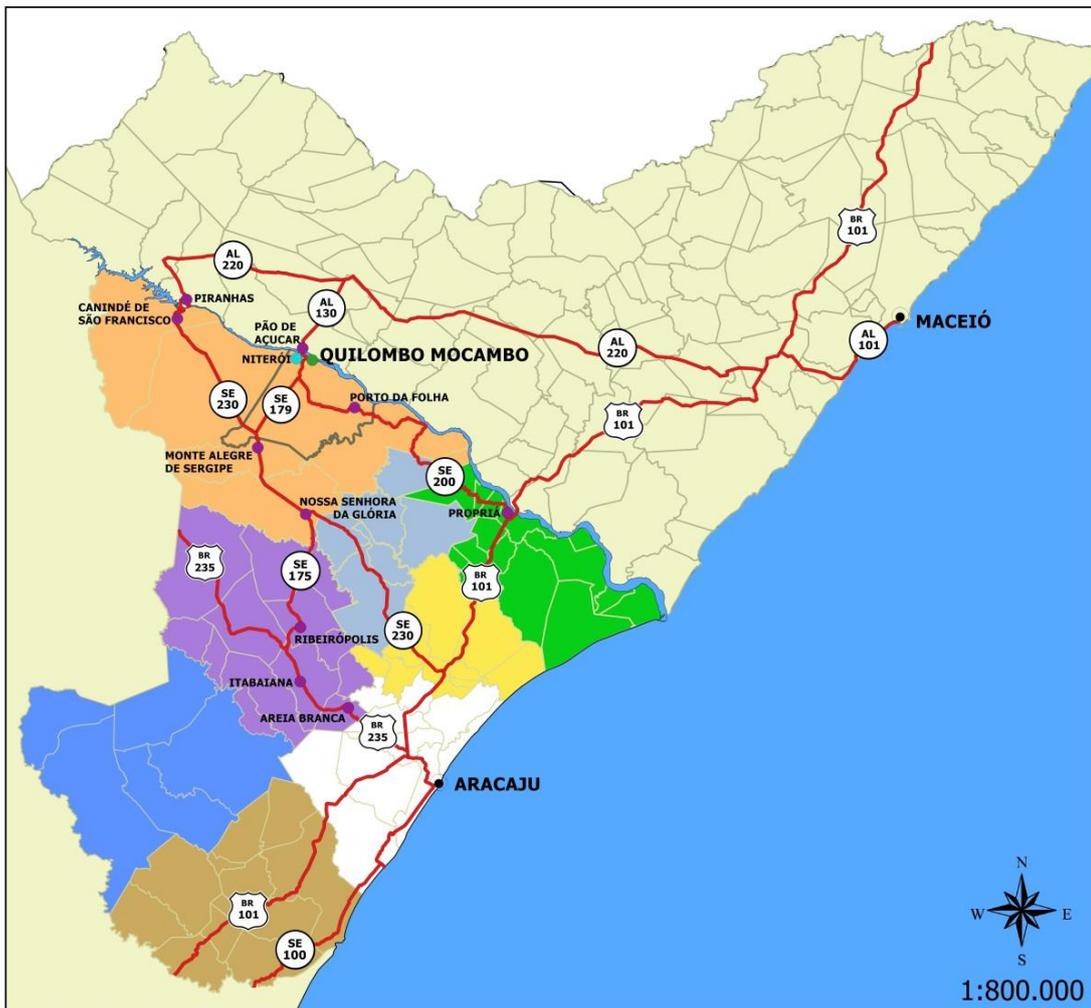
O Quilombo Mocambo é fronteiro com a Aldeia dos índios Xocós. As duas comunidades, possuem uma relação amistosa de longa data e alto grau de parentesco. Arruti averiguou em seus estudos antropológicos que parte da população do Mocambo era formada por pessoas que também tinham origem indígena, conforme relata que

Dez por cento das famílias do Mocambo têm um dos cônjuges de origem indígena, sendo sete deles Xocós. Entre os seus ancestrais imediatos, essa proporção de casamentos mistos era maior. Num primeiro levantamento, encontramos outros doze nomes, cinco deles correspondendo à geração anterior a esta, dentre os quais, três casais eram de “caboclos” transferidos do antigo aldeamento indígena da Ilha de São Pedro. Ainda que esses dados não sejam absolutamente precisos, é possível reconhecer uma frequência mais o menos contínua de casamentos mistos entre estes dois grupos vizinhos, em torno de 10% da população do Mocambo e que cobre suas últimas três gerações, o que corresponde, aproximadamente, aos 100 últimos anos. (ARRUTI, 2006, p. 133)

O povoado é abastecido de água tratada através da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO) e a energia elétrica foi instalada no povoado no ano de 1997 através do Grupo Energisa Sergipe (ENERGISA).

Figura 24: Mapa de localização do Mocambo.

LOCALIZAÇÃO DO QUILOMBO MOCAMBO, PORTO DA FOLHA/SE. 2017



Legenda

- Quilombo Mocambo
- Niterói
- Sedes Municipais
- Rodovias

Territórios Sergipanos

- Alto sertão sergipano
- Médio sertão de sergipe
- Agreste central sergipano
- Centro sul de Sergipe
- Sul Sergipano
- Grande Aracaju
- Leste sergipano
- Baixo São Francisco

FONTE: Base de Dados Geoespaciais - SRH 2014.

ORGANIZAÇÃO: Hebert Ruan da Conceição Silva; Viviane Castro, 2017.

Não existe sistema de esgoto. Algumas casas possuem fossa séptica que é utilizada apenas para os dejetos do banheiro, pois os dejetos da cozinha são despejados a céu aberto no fundo dos próprios quintais ou na rua mesmo, conforme informações cedidas pelo Coordenador Geral da associação da comunidade, o Sr. Gilson de Melo. Os animais deixados soltos na área reservada à moradia sempre remexem neste esgoto a céu aberto à procura de comida, além disso, liberam as fezes por toda a comunidade, o que pode causar doenças.

O resíduo sólido possui um ponto para depósito na comunidade e duas vezes por semana um caminhão da prefeitura de Porto da Folha faz a coleta, como não é feito o devido tratamento dos resíduos sólidos antes do caminhão recolher, o lixo fica ao relento e muitas vezes se espalha por toda a comunidade principalmente as sacolas plásticas.

Entre os moradores há uma falta de conscientização ambiental, tanto para o descarte do lixo sólido e destinação dos resíduos de cozinha, quanto com relação aos animais soltos na área reservada à moradia, gerando desconforto e conflitos entre os moradores, apesar de constar no estatuto regras com relação ao lixo e com relação aos animais.

Os transportes disponíveis de acesso a outras localidades são: o ônibus que possui linha diária para a capital, o barco, a moto fretada e o carro fretado.

O Quilombo Mocambo dispõe de Escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, nos últimos anos a escolaridade entre os moradores teve um grande avanço, principalmente entre as mulheres, que estão tendo mais acesso à educação superior, em instituições de ensino que estão próximas. Entretanto ao se formarem não tem a possibilidade de exercê-la dentro da comunidade por falta de oportunidade de trabalho.

A comunidade também dispõe de Clube Social com infraestrutura para eventos, contudo não é muito utilizado. O posto de saúde é recém reformado e as consultas são marcadas para às quartas-feiras, dia em que há presença de um médico e uma enfermeira. A associação possui sede própria e também um Centro Comunitário com infraestrutura básica para reuniões. Dispõe de cemitério próprio onde são enterrados seus familiares bem como falecidos da vizinhança, quando pedem.

Com relação à segurança, não há policiamento local, apenas se for pedido em Porto da Folha, como é o caso da festa Gloriosa Santa Cruz que é realizada com a presença de policiais. A comunidade é tranquila não tem antecedentes de violência e nem de drogas, porém atualmente muitas pessoas estão se sentindo inseguras, pois um morador que não é quilombola que aguarda a indenização de sua casa que fica dentro da comunidade é usuário de drogas, os moradores temem pelos mais jovens.

3.1.5. ASPECTOS ECONÔMICOS

Conforme pesquisa realizada em campo a economia do povoado se baseia nas atividades tradicionais rurais de subsistência com emprego de técnicas agroecológicas, as atividades em geral são vinculadas à agricultura, a pesca (figura 25), a criação de animais de pequeno e médio porte (figura 26), a pecuária de leite (figura 27), a produção artesanal de queijo, a produção artesanal de doces diversos, de biscoitos de farinha de tapioca e a produção de mel (figura 28).

Figura 25: Pesca.



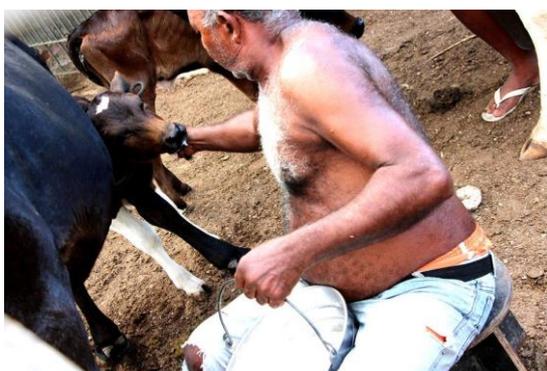
Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 26: Criação de ovelhas.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 27: Pecuária de leite.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 28: Criação de abelhas.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Como mais nova atividade surge o turismo a partir do ano de 2016, com a chegada do Projeto de TBC intitulado Projeto Rota do Quilombo Mocambo – Turismo Rural Comunitário (figura 29). Os membros e o Projeto trabalham em parceria para a implantação e cogestão da atividade na comunidade, os benefícios econômicos são gerados a partir da prestação de serviços de hospedagem domiciliar, alimentação para grupos de visitantes, guiamento local, a contação da história oral e venda de produtos.

Figura 29: Membros do Projeto Rota do Quilombo Mocambo – Turismo Rural Comunitário



Fonte: acervo da autora, 2016.

Há uma parcela significativa de participação das mulheres nas atividades tradicionais, principalmente na criação de pequenos animais, na agricultura, com o cultivo de alimentos, produção de queijos, doces, biscoitos e plantas medicinais. Há também uma parcela significativa de mulheres nas atividades da cadeia produtiva do turismo bem como em cargos da associação, do conselho consultivo e na coordenação de festas religiosas.

No passado, segundo relata Arruti (2006, p. 185), antes da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, “Existia, portanto, um movimento sazonal de aproveitamento dos recursos territoriais e mesmo da distribuição das famílias, que ocupavam os dois espaços ecológicos”. Os dois espaços citados são: à beira do rio com geografia propícia ao plantio e o no interior do território com geografia propícia para a criação de animais.

As atividades econômicas tradicionais se organizavam em conformidade com um sistema, Arruti (2006, p. 185) cita que havia um “sistema de produção e de organização social, marcado por segmentações de calendário, de gênero e de idade” da qual as famílias se ocupavam.

[...] havia a complementaridade entre o arroz plantado nas várzeas e o gado no “centro”, por onde se distribuam os “ranchos”, cuja composição se assemelhava ao chamado “sítio”. Formados por uma casa, um chiqueiro e uma roça de feijão e milho, localizados próximos a alguma reserva e água das chuvas e sempre dotado de uma espécie de pilão rudimentar, escavado nas pedras ou largados próximos à casa, os “ranchos” ocupavam as partes superiores de terras, conhecidas como centro. Complementando essas ocupações, uma mesma família podia possuir um outro núcleo residencial e produtivo na beira do rio, onde dedicavam-se à pesca, à produção das cordas de croá, plantavam alguma roça de legumes e participavam do trabalho coletivo nas lagoas de arroz das várzeas, durante a época das cheias. [...] Em função do calendário das chuvas e secas, as mulheres e crianças eram poupadas de permanecerem todo o tempo nas casas do “centro” para onde se deslocavam apenas no inverno, quando então se enchiam os poços e as lagoas, tornando o ambiente mais propício. Os homens incluindo os jovens chegados à idade de trabalho, situavam-se predominantemente no “centro”, justamente para cuidarem do gado, descendo ao rio algumas vezes por semana, de acordo com o rigor do verão. Na época da colheita do

arroz todos se encontravam na “beira” para participarem das “tropas” que, em regime similar ao de mutirão, colhiam o arroz. Essa era a época em que os “samba de coco” eram certos. (ARRUTI, 2006, p. 185)

As cheias naturais do rio São Francisco, com seu regime de vazantes, possibilitavam que a água pudesse ser represada dentro do território, formando lagoas propícias para o plantio de arroz e assim a comunidade plantava arroz todo ano, o arroz era uma das principais atividades da comunidade, pois era comida e renda. O curso normal do rio era favorável à pesca e essa era também uma das principais atividades da comunidade, porém com a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó e o represamento do rio à jusante, uma das consequências foi a diminuição considerável do volume de água, com isso a quantidade de peixes diminuiu e impossibilitou as vazantes do rio São Francisco e a formação das lagoas, desta forma o plantio de arroz deixou de existir pela falta de água.

Outras atividades agrícolas, organizadas à beira do rio em áreas de solo fértil para o cultivo, da mesma forma foram comprometidas, pois a posição distante do atual leito do rio implica em ter que bombear água para irrigar a plantação, em geral de milho, mandioca, verduras e folhas. O bombeamento é feito por meio de bomba hidráulica que consome energia, encarecendo a atividade, desta forma os agricultores estão deixando de plantar o que os alimenta por falta de água.

O rio era e é o centro da vida econômica da comunidade, entretanto o resgate deste passivo não foi ação de políticas públicas, os espaços produtivos encontram-se hoje a espera de um novo sistema produtivo que se adapte às condições atuais do território e apesar de haver assistência técnica rural prestada pelo governo ela não é efetiva.

Além do comprometimento das atividades tradicionais rurais de subsistência, com escassez de produção alimentar e falta de oportunidade de trabalho e renda, o Quilombo Mocambo está situado dentro de um dos territórios de maior concentração de pobreza de Sergipe que é o Alto Sertão, com carência de políticas públicas e longos períodos de estiagem devido ao clima. De acordo com Brasil (2010, p. 01) o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,568 e um dos piores do Estado, considerado na faixa de situação de extrema pobreza.

Esses fatores estão causando uma crise nas atividades tradicionais, tanto na manutenção dos sistemas produtivos como nos modos de vida, limitando o desenvolvimento, gerando a falta de

oferta de trabalho na comunidade e ocasionando o êxodo rural. Diante desse cenário, muitas pessoas buscam uma chance de trabalho em outras cidades como possibilidade de modificar o quadro.

Aquelas que permanecem na comunidade acabam em geral, tendo renda familiar mensal baixa, pois cerca de 90% dos moradores possuem rendimentos *per capita* até um quarto do salário mínimo, por conta disso a grande maioria dos moradores do Quilombo Mocambo estão cadastradas no Cadastro Único (CADÚnico) e são assistidos por programas de transferência de renda do governo, como “Bolsa Família”, “Auxílio Defeso” e “Auxílio Seca”. (CASTRO, 2015)

Dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgaram em 2016 que o rendimento *per capita* da população brasileira em 2015 foi de R\$ 1.113,00, a do sergipano foi de R\$ 782,00 e a do morador do Quilombo Mocambo, que é um quarto do salário mínimo, foi de R\$ 197,00, esses valores evidenciam a grande desigualdade na distribuição de renda entre as classes sociais e etnias, tanto no Brasil, quanto no estado de Sergipe. Henriques (2003, p. 68) alerta que “é fundamental reconhecer a desigualdade como principal fator de explicação do excessivo nível de pobreza do país”.

O comércio na comunidade é precário e não dispõe de mercadorias básicas, o que existem são três bares que vendem bebida alcoólica e um pequeno comércio de venda de gás de cozinha.

Entre os mais jovens muitos não querem se envolver ou seguir as atividades tradicionais dos pais, reflexo da crise que as atividades estão passando, o que aumenta a dependência financeira externa. Outras questões que interferem no envolvimento dos mais jovens às atividades tradicionais são o acesso à internet, às redes sociais e à cultura de massa.

O Projeto de TBC – Rota do Quilombo Mocambo, apesar de estar em fase de inicial, tem se mostrado como uma atividade econômica com capacidade para gerar renda e importante motivador para a preservação do patrimônio natural e cultural do território. Na atualidade a capacidade é pra receber grupos de até 20 visitantes. Participam do projeto diretamente 20 pessoas e indiretamente 40 pessoas, beneficiando cerca de 20 famílias. Já receberam três grupos de visitantes (figura 30 e 31) de forma experimental, totalizando 46 pessoas. As mulheres são

as que mais sofrem com a falta de oferta de trabalho, entretanto são as que mais se beneficiam com a atividade turística, principalmente as casadas e com filhos, pois são elas que realizam a maioria dos serviços que são oferecidos pelo turismo na comunidade, desta forma elas podem ter trabalho sem sair da comunidade e sem comprometer a suas principais atividades.

Figura 30: Grupo de visitantes 2016.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 31: Grupo de visitantes 2017.



Fonte: acervo da autora, 2017.

2.2. ASPECTOS TURÍSTICOS

Este item trata dos aspectos relacionados à atividade turística na comunidade do Quilombo Mocambo e no seu entorno, nesse sentido será apresentado como se dá o turismo no território quilombola, as políticas de turismo e o mercado turístico na qual a comunidade está inserida.

3.2.1. O QUILOMBO MOCAMBO E O TURISMO NO TERRITÓRIO

O território quilombola possui uma abundância de atrativos naturais que tem atraído o interesse de pessoas da região em utilizar a praia mais frequentada que se forma na frente do povoado, o local é muito aprazível e de águas tranquilas para nadar, um conjunto de belas paisagens do rio São Francisco, além disso, a comunidade possui diversos atrativos culturais pouco utilizados pelo turismo e com grande potencial para atrair fluxo turístico.

A comunidade recebeu a primeira capacitação para o turismo no ano de 2014 quando foi realizada a 1ª Oficina de Sensibilização para o Turismo de Base Comunitária (figura 32), a oficina teve como intuito conhecer o interesse da comunidade em trabalhar com o turismo e as expectativas que os moradores possuíam com relação ao turismo, serviu ainda para conhecer as informações que eles possuíam sobre a atividade turística e esclarecer aos moradores sobre como é o turismo, o modelo do TBC e os impactos positivos e negativos que a atividade pode

gerar em comunidades anfitriãs. Teve a participação de 23 pessoas e foi ministrada pela pesquisadora. Em 2015 ocorreu a 1ª Oficina de “Análise SWOT” (figura 33), realizada pela pesquisadora e o seu orientador Joab Almeida com a participação de 12 pessoas.

Figura 32: 1ª Oficina de Sensibilização em 2014.



Fonte: acervo da autora, 2014.

Figura 33: 1ª Oficina de Análise SWOT 2015.



Fonte: acervo da autora, 2015.

No mesmo ano de 2015 o Projeto de TBC – Projeto Rota do Quilombo Mocambo, coordenado pela pesquisadora, iniciou parceria com a comunidade e na ocasião foi aprovado no edital do Programa de Curso de Extensão do Instituto Federal de Sergipe oferecer o curso de “Formação de condutores em Turismo de Base Comunitária no Povoado Mocambo”, orientado pelo Professor Antônio Carlos (figura 34), o curso teve duração de 40h e na ocasião 18 pessoas foram capacitadas com certificado. O primeiro módulo deste curso foi a “2ª Oficina de Sensibilização para o Turismo de Base Comunitária” (figura 35) que teve como intuito oferecer informações sobre o turismo e o TBC.

Figura 34: Curso Formação de Condutores/IFS.



acervo da autora, 2016.

Figura 35: 2ª Oficina de sensibilização em 2015.



Fonte:

Fonte: acervo da autora, 2015.

Em 2016 o Projeto de TBC ofereceu diversas oficinas ministradas pela coordenadora do projeto como a de “Meios de Hospedagem”, “o Bem receber” e “Serviço de Alimentação”, cada uma teve duração de 8h, já a oficina de “Guiamento Local” teve duração de 16h.

Neste mesmo ano de 2016 o Projeto de TBC realizou parceria com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e ofereceu a “2ª Oficina de Análise SWOT” (figura 36), teve a participação de 10 pessoas e foi ministrada pela professora Daniella Pereira do curso de Turismo, a duração foi de 4h com certificado aos participantes. Em 2017 outra oficina foi realizada em parceria com a UFS a “Oficina de Empoderamento Feminino” (figura 37) ministrada pela professora Mariana Selister com duração de 4h e certificado para 12 participantes.

Figura 36: Oficina Análise SWOT 2016.



Fonte: acervo da autora, 2016.

Figura 37: Of. de Empoderamento Feminino/UFS.



Fonte: acervo da autora, 2017.

Um roteiro foi elaborado em 2016 pelo Projeto de TBC em conjunto com os membros do projeto, também foi realizado um cadastro dos serviços oferecidos de hospedagem, alimentação, guiamento, contação de histórias, venda de produtos como queijos, doces, biscoitinhos e apresentação do grupo de samba de coco que foram organizados de acordo com os recursos que a comunidade dispunha para receber visitantes. O roteiro foi preparado para durar dois dias com programação diversificada de atividades que propiciam a utilização de vários serviços da comunidade e assim muitas pessoas são beneficiadas ao mesmo tempo, economicamente e de forma justa.

Foi oferecido na Universidade Federal de Sergipe para turmas de alunos e até então a comunidade recebeu três grupos de visitantes. Assim sendo identificou que a atividade é viável e que os moradores gostaram de receber os grupos. A princípio esse roteiro será oferecido em

escolas, entretanto se faz necessário organizar a atividade da mesma forma com relação aos visitantes desconhecidos que surgem na comunidade para utilizar a praia, estes visitantes igualmente podem consumir os serviços oferecidos, porém eles ainda não estão organizados para serem oferecidos a esse visitante que tem grande capacidade para consumir, isto posto a necessidade de planejamento da atividade turística é cada vez mais evidente.

Em 2017 o grupo decidiu oferecer o roteiro para públicos diversos, por conseguinte foi elaborado novo roteiro (Apêndice E) com novas atividades e que incluía também transporte, pois os roteiros que foram realizados anteriormente com os grupos de alunos não incluíam este item porque a Universidade Federal de Sergipe disponibiliza ônibus para atividades de disciplinas.

3.2.2. O QUILOMBO MOCAMBO E AS POLÍTICAS DE TURISMO

O Quilombo Mocambo pertence ao Polo Velho Chico (figura 38), onde estão os municípios pertencentes à bacia do rio São Francisco. O Polo Velho Chico é um dos cinco Polos ou Regiões Turísticas⁵, estabelecidos desde 2003 dentro da política de turismo em Sergipe para fins de planejamento e foram delimitados de acordo com semelhanças ambientais, sociais e culturais.

Figura 38: Mapa dos Polos Turísticos de Sergipe

⁵ De acordo com Sergipe (2012, p. 03) "Na tentativa de compatibilizar os conceitos de Polos, Regiões ou Áreas Turísticas e Territórios foram adotadas na elaboração do PDITS as definições recomendadas pelo Ministério do Turismo de que "Região turística é o espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de ser articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão".

LOCALIZAÇÃO DO QUILOMBO MOCAMBO NO POLO TURÍSTICO DO VELHO CHICO, SERGIPE, 2017



Legenda

- Quilombo Mocambo
- Aracaju
- Sedes Municipais

Fonte: Banco de Dados Geoespaciais - SRH 2014
 Organização: Hebertly Ruan da Conceição Silva, 2017.

Este Polo se estende aproximadamente por 180 km de margem do rio São Francisco e o principal produto é o Cânion do São Francisco localizado no município de Canindé de São Francisco, distante 77 km do Quilombo Mocambo.

De acordo com o estudo realizado a prefeitura de Porto da Folha não possui nenhuma política voltada para o turismo em seu município e não faz investimentos na área. Em relação ao Estado,

as primeiras políticas de turismo voltadas para o território onde o Quilombo Mocambo se insere foram entre 2000 e 2003, quando foi elaborado o Plano Estratégico do Turismo de Sergipe. Em 2003 foi elaborado o Plano Nacional de Turismo, posteriormente em 2005, o Plano de Ações Integradas para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Baixo São Francisco. Em 2004 foi adotado um modelo de gestão descentralizada, coordenada e integrada no Programa de Regionalização do Turismo em Sergipe para atender aos cinco Polos Turísticos do estado. Em 2007 iniciou o Planejamento do Desenvolvimento Territorial Participativo e foi realizada a Oficina de Planejamento para a Definição da Estratégia do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, programa do Ministério do Turismo. Em 2008 foi elaborada a Carta Consulta para o Prodetur Nacional e em 2012 ficou pronta a versão final do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo de Sergipe do Polo Velho Chico (PDITS Polo Velho Chico). Estas políticas foram pontuais no território e não beneficiaram o Quilombo Mocambo diretamente. (SERGIPE, 2012)

O PDITS Polo Velho Chico, elaborado em 2012, buscou assegurar investimentos nas diversas áreas que interferem diretamente na dinamização e ampliação da cadeia produtiva do turismo e teve como objetivo geral

Preparar, organizar e consolidar o Polo como destino ecoturístico integrado e sustentável, num horizonte temporal de dez anos. O alcance de tal objetivo pressupõe a oferta de roteiros integrados, com atrativos estruturados, tomando como indutores do desenvolvimento turístico os municípios que se destacam por suas condições estratégicas quanto à localização, à economia, à oferta de serviços básicos e ao grau de consolidação da atividade turística. Todos os esforços deverão ser pautados em benefício de melhoria da economia do turismo e da qualidade de vida de toda a população. (SERGIPE, 2012, p. 08)

O documento do PDITS Polo Velho Chico tem como objetivos específicos: 1) Diversificar as atividades e estruturar o produto turístico existente, ampliando a oferta turística e o público-alvo; 2) Promover investimentos articulados e convergentes para o desenvolvimento turístico; 3) Promover o desenvolvimento sustentável pela preservação do patrimônio natural e cultural do Polo; 4) Promover a capacitação continuada dos diversos atores sociais para o planejamento e a gestão compartilhada do desenvolvimento do turismo; e 5) Aumentar o fluxo de turistas e o tempo de permanência média do turista no Polo. Neste sentido o Quilombo Mocambo nunca se beneficiou diretamente das políticas de turismo do estado e nem do governo federal, e igualmente, como Porto da Folha foi excluída da lista dos municípios pertencentes ao Polo Velho Chico, continuará excluído das políticas públicas de desenvolvimento turístico.

3.2.3. O QUILOMBO MOCAMBO E O MERCADO TURÍSTICO

O Quilombo Mocambo está situado em uma região de muitos atrativos naturais, contudo o mercado turístico nas proximidades não está organizado e apenas dois destinos são prósperos, consolidados e estruturados, os destinos são Canindé de São Francisco em Sergipe e Piranhas em Alagoas.

O município de Canindé de São Francisco é segundo destino turístico mais visitado do estado de Sergipe, está distante 77 km do Quilombo Mocambo e 213 km da capital Aracaju. Integra a Rota do Sertão, uma das rodovias mais importantes do estado e que liga a capital ao extremo norte. De acordo com o PDITS Polo Velho Chico o principal produto do município é o Cânion do São Francisco

Este produto é comercializado a partir de Aracaju sob a forma de passeios turísticos de um dia. [...] Desta forma, atualmente, o Polo constitui um destino meramente complementar ao turismo sediado em Aracaju e pouco contribui para o desenvolvimento da região em que se insere. (SERGIPE, 2012, p. 02)

O Cânion do São Francisco é considerado o quinto maior cânion navegável do mundo e que projetou o município no mapa turístico de Sergipe e do Brasil. O cânion proporciona passeio de catamarã no lago formado pela construção da Usina Hidroelétrica de Xingó no Rio São Francisco e banhos em local chamado de “Gruta do Talhado” formado por imensas paredões de pedra. De acordo com o gerente da empresa proprietária dos catamarãs, o Sr. Aragão, no ano de 2015 a empresa recebeu 1.200 pessoas na sexta-feira do feriado da semana santa, ao passo que no ano de 2016 foram 1573 visitantes no mesmo feriado de sexta-feira da semana santa. A maior demanda em Canindé de São Francisco é por visitas aos cânions sem pernoite, pois a visita pode ser realizada e o visitante pode regressar para o destino em que está hospedado no mesmo dia. O produto cânion tem excelente aceitação e projeção de crescimento, em contrapartida o visitante não usufrui de todo o conjunto de atrativos que a região possui em função do tempo reduzido de permanência. A prefeitura possui secretária de turismo, porém não tem plano de desenvolvimento turístico e utiliza uma parte do orçamento para o setor.

O município de Piranhas/AL está distante 90 km do Quilombo Mocambo e 280 km da capital alagoana de Maceió. É um destino turístico promissor às margens do Rio São Francisco, foi tombado pelo IPHAN como conjunto urbano de “Sítio Histórico e Paisagístico”, fez parte do “Movimento do Cangaço” por volta de 1930.

O município ocupa a 2ª posição no turismo em arrecadação municipal do estado (BRAGHINI, 2009), atraindo visitantes regionais e nacionais. Apresenta diversificados atrativos turísticos naturais, culturais e históricos e possui excelente infraestrutura de serviços de apoio turístico.

Recebe cerca de 9.820 visitantes por ano, ou seja, uma média de 818 visitantes por mês (BRAGHINI, 2009), além disso, o setor de turismo é desenvolvido, pois a Secretaria de Municipal de Turismo possui plano de desenvolvimento turístico, investimento anual na área e seu quadro de funcionários contam com profissionais formados em turismo e com experiência. De acordo com o site da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Alagoas, Piranhas está inserida no Roteiro Cidades Históricas e Rio São Francisco, entre as opções de passeio que a cidade oferece estão o visitar o Cânion do São Francisco e visitar a Grota do Angico, ambos em Sergipe.

O destino do Quilombo Mocambo pode tirar proveito desse grande número de visitantes e fazer parceria com as agências de Piranhas e Aracaju para implementar roteiros complementares ou *day use*.

3.2.4. A OFERTA TURÍSTICA

A oferta se constitui pelo conjunto de elementos que a localidade possui e que motiva as pessoas a se deslocarem para visitá-los, eles podem ser naturais ou artificiais, sendo assim

A oferta turística é composta por uma quantidade de elementos naturais – como natureza, clima, configuração física ou geográfica, flora, fauna etc. e de elementos artificiais – como fatores históricos, culturais e religiosos, meios de hospedagem, infraestrutura etc. Cada um desses elementos, seja natural ou artificial, distingue a oferta turística de uma localidade. (LAGE; MILONE, 2001, p.50)

Com o objetivo de dimensionar a oferta do Quilombo Mocambo, utilizou-se o procedimento metodológico indicado pelo Ministério do Turismo de Inventário da Oferta Turística⁶, que aplica formulários para a coleta de dados.

⁶ De acordo com o Ministério do Turismo “A inventariação da Oferta Turística compreende levantamento, identificação e registro dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infraestrutura de apoio ao turismo como instrumento base de informações para fins de planejamento e gestão da atividade turística”. (Disponível em: <<http://www.inventario.turismo.gov.br/invtur/jsp/formularios/>>).

A Inventariação do Ministério do Turismo aqui adotada classifica a oferta turística de acordo com três categorias:

Categoria A – Infraestrutura de apoio ao turismo: Sistema de transporte, Sistema de comunicação, Sistema de abastecimento de água, Sistema de abastecimento de energia, Sistema de segurança, Sistema médico hospitalar, Sistema de educação, Sistema de destinação de resíduo sólido, Sistema de esgotamento sanitário, Templos de manifestação de fé, entre outros. É o conjunto de instalações e serviços, públicos e privados, que proporcionam qualidade de vida e dão condições ao desenvolvimento do turismo.

Categoria B – Serviços e equipamentos turísticos: Serviços e equipamentos de hospedagem, Serviços e equipamentos de alimentação, Serviços de guiamento, Serviços e equipamentos de lazer e entretenimento. É o conjunto de estabelecimentos e prestadores de serviços que dão condições para o desenvolvimento da atividade turística, e que existem em função desta.

Categoria C – Atrativos turísticos: paisagens, trilhas, rios, lagos, cachoeiras, festas, gastronomia, religiosidade, lugares, acontecimentos, objetos, pessoas, ações, manifestações, equipamentos, fenômenos, entre outros. É o conjunto de elementos da natureza, da cultura e da sociedade que motivam pessoas a se deslocarem de sua residência para vivenciá-los.

A coleta de dados do que a comunidade tem a oferecer procurou ser adequada ao território quilombola e suas especificidades, de forma a gerar elementos confiáveis para subsidiar instrumentos de identificação de oportunidades para a criação de produtos potenciais para o turismo. Visou alcançar decisões assertivas sobre o que é preciso aperfeiçoar e quais as ações deveriam ser fomentadas para a comunidade desenvolver o turismo sustentável, a partir de olhar técnico e abrangente, e vivenciar a realidade para entender e interpretar as possibilidades.

As informações obtidas foram sistematizadas e o quadro a seguir (quadro 02) faz uma análise e uma classificação da oferta turística do Quilombo Mocambo de acordo com as três categorias adotadas neste estudo:

Quadro 02 – Classificação da Oferta Turística do Quilombo Mocambo

OFERTA TURÍSTICA DO QUILOMBO MOCAMBO

CATEGORIA A - INFRAESTRUTURA DE APOIO TURÍSTICO

SUBCATEGORIA	ELEMENTOS	DESCRIÇÃO
Sistema de transporte	Ônibus, carro fretado e barco.	Há na comunidade uma linha de ônibus diário Mocambo/Aracaju/Mocambo. Também é utilizado o carro fretado que pode ser combinado diretamente com o dono do transporte e o barco que pode levar pra locais próximos e fazer passeios, porém os barqueiros não possuem habitação e as embarcações não estão dentro das normas de segurança.
Sistema de comunicação	Emissora de TV	Dispõe de emissora de TV com antena parabólica.
	Telefonia celular	Há telefonia celular de duas operadoras, a TIM do estado de Alagoas e a VIVO do estado de Sergipe.
	Internet	Há disponibilidade de internet Banda Larga via Operadora Claro.
Sistema de abastecimento de água	Água	Dispõe de abastecimento de água tratada nas casas distribuído pela empresa DESO.
Sistema de abastecimento de energia	Energia	A comunidade possui abastecimento de energia nas casas através da empresa Energisa.
Sistema de segurança	Serviços de Polícia de área de Fronteira	Possui policiamento da Polícia da Caatinga pra eventuais conflitos dentro do território.
Sistema médico hospitalar	Posto de Saúde	Dispõe de Posto de Saúde reformado em 2015 e conta com presença de um médico e uma enfermeira, uma vez por semana.
Sistema de educação	Escola	Possui Escolas de 1º e 2º graus, com diretora quilombola da comunidade.
Sistema de destinação de resíduo sólido	Coleta de lixo	A prefeitura de Porto da Folha disponibiliza um caminhão para fazer a coleta de lixo duas vezes por semana, contudo a falta de conscientização de alguns moradores coopera para que o lixo não seja colocado nos devidos locais de coleta, gerando lixo espalhado em algumas áreas da comunidade. Eventualmente alguns moradores se organizam para retirar esse lixo, tempos depois ele volta a aparecer.
Sistema de esgotamento sanitário	Esgoto	As casas possuem fossa séptica para despejo de resíduos do banheiro e os da cozinha e área de serviço são despejados nos fundos de casa ou na rua, podendo causar doenças.
Templos de manifestação de fé	Igrejas	A comunidade dispõe de duas igrejas, a do Jaciobá e a da Gloriosa Santa Cruz, apenas a última está em uso.

CATEGORIA B - EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS

Serviços e equipamentos de hospedagem	Hospedagem domiciliar	Dispõe de hospedagem domiciliar oferecida por 06 famílias, a capacidade é para hospedar até 20 pessoas e apenas com agendamento prévio através do Projeto de TBC.
Serviços e equipamentos de alimentação	Restaurante Comunitário	Possui serviço de alimentação oferecido por um grupo de 03 moradores, a capacidade é para receber até 40 pessoas e apenas com agendamento prévio através do Projeto de TBC.
	Bar	Na comunidade existem 03 bares com venda apenas de bebida alcoólica. O que tem mais estrutura fica na rua na frente do rio e possui um deck improvisado onde ficam as mesas e cadeiras com vista para o rio.
Serviços de guiamento	Guia local	A comunidade dispõe de 03 guias locais que tem capacidade pra receber até 60 pessoas, mas apenas com agendamento prévio através do Projeto de TBC.
Serviços e equipamentos de lazer e entretenimento	Parque da Vaquejada	Dispõe de 01 parque da vaquejada onde acontecem vários eventos o ano todo.

CATEGORIA C - ATRATIVOS TURÍSTICOS

Atrativos naturais	Área preservada de bioma da caatinga	O Quilombo Mocambo abrange uma área de 2.100 há, tomado pelo bioma da caatinga que se estende por todo o território, é rico em espécies de plantas e animais peculiares da região onde se podem desenvolver trilhas, educação ambiental, pesquisa científica, visitas e observação da diversidade da fauna e da flora. Alguns locais do território são propícios para contemplar a beleza da paisagem por terem relativamente mais altitude.
	Fauna	Na fauna destacam-se mamíferos, aves, anfíbios e insetos. Os mais recorrentes são o tatu-bola, pequenos roedores, os pássaros de pequeno porte, os gaviões, as corujas, as siriemas e as iguanas.
	Flora	A vegetação é constituída, especialmente, de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas de pequeno porte, geralmente dotadas de espinhos, as caducifólias que perdem suas folhas no início da estação seca. As espécies mais comuns são a catingueira, as juremas, os marmeleiros, os cactos e as bromélias, compondo jardins naturais de espécies peculiares em meio à paisagem.
	Rio São Francisco e suas praias	O Rio São Francisco, de beleza paisagística, banha toda a extensão do território e é um dos principais atrativos da comunidade. É utilizado para o lazer, a pesca, o transporte e a prática esportiva. Dentro do território

	<p>quilombola o local de destaque e tradicional para banho, encontro com amigos e os campeonatos de barco a vela é na prainha em frente à comunidade. Não há equipamentos, apenas árvores que dão sombra, dois troncos improvisados no chão servem para sentar, um pequeno acesso ao rio e uma praia, onde ficam também estacionados os barcos dos moradores. O local possibilita o banho por ser o mais raso para nadar e com menos correnteza. A praia é utilizada pelos moradores e visitantes (em geral parentes ou pessoas da vizinhança), muitas vezes alguns visitantes não respeitam o fato do local ser um território quilombola, tem tratamento desrespeitoso, deixam lixo, colocam som alto, tem comportamento abusivo, entre outros, o que causa conflitos.</p>
<p>Atrativos culturais</p> <p>Sítios históricos</p>	<p>O conjunto de Sítios Arqueológicos existente no Quilombo Mocambo é um atrativo potencialmente importante, porém ainda não estruturado para receber visitantes. Possui fragmentos e vestígios expostos que retratam hábitos e costumes das primeiras ocupações dos negros no território, com destaque para desenvolvimento de pesquisas científicas, trilhas e valorização do patrimônio cultural. De acordo com o antropólogo Arruti, “As marcas territoriais mais antigas identificadas por esta população, privilegiadas para narrar uma situação de liberdade, são as estreitas capoeiras que permanecem abertas no meio da caatinga, nas quais são visíveis as marcas de ocupação passada, como os alicerces de pedra e cal de casas já inexistentes e os restos de utensílios de uso doméstico, como pratos, potes e garrafas. São estes sítios arqueológicos de superfície que o povo do Mocambo chama de antigos “chiqueiros”, isto é, os locais onde seus ancestrais mantinham pequenos ranchos que lhes serviam simultaneamente de morada e de local de criação de pequenos animais, principalmente porcos. Os “chiqueiros” se estendem por toda a área reivindicada, justificando quase ponto a ponto sua extensão, num total de 17. Cada um deles remete a um ancestral conhecido das atuais famílias da comunidade, remetendo, pelo que é possível recuperar, até a época do tataravô do seu Antônio, portanto, algo entre às décadas de 1830 e 1850. O conhecimento dessas marcas é disseminado e relativamente preciso, mesmo que as marcas de alguns deles tenham desaparecido, em função da ação dos arados”.</p> <hr/> <p>Edificações</p> <p>Conjunto de casas construídas de frente para o rio São Francisco, conforme arquitetura vernacular do sertão nordestino que datam do início de 1900, sendo marco referencial no cenário paisagístico e na história de ocupação:</p>

- Conjunto de residências multicoloridas construídas na rua que dá frente para o rio São Francisco próximas da Igreja da Gloriosa Santa Cruz são as mais antigas do povoado.

- Duas casas, estas pertencentes às fazendas desapropriadas, são antigas sedes que foram construídas em locais de destaque na paisagem, há o interesse de serem transformadas em pousadas comunitárias, estão em bom estado de conservação, mas necessitam de reforma no telhado e adaptações para se transformarem em pousadas.

Existem duas igrejas no território quilombola de importância histórica e religiosa:

- Igreja da Gloriosa Santa Cruz está localizada no povoado e datada do início de 1900, a construção atual é reforma da primeira para aumentar o tamanho, recebe manutenção regularmente e está em ótimo estado de conservação. É a igreja utilizada para os rituais religiosos, as missas realizadas com a presença do padre acontecem uma vez por mês.

- Capela Sagrado Coração de Jesus localizado no Jaciobá e ponto alto do território que permite visualização de grande parte da área quilombola. Está distante 01 km do povoado e seu estado de conservação é precário, por isso não é utilizada pela população. No passado, houve ocupação de residências de mocambeiros atrás dessa igreja, que aos poucos foram derrubadas pelo fazendeiro desapropriado.

A Gloriosa Santa Cruz é a padroeira da comunidade, a novena simboliza a graça alcançada. O novenário acontece por nove noites seguidas de procissão e reza, a novena finaliza no 1º domingo de maio com festa aberta ao público. A novena é organizada por uma coordenação, com organização de leilão para angariar fundos, já a festa que finaliza a novena, é organizada pela associação da comunidade, chega a atrair mais de 1.000 pessoas, entre parentes e amigos, que veem de diversas localidades e proximidades para se confraternizarem. A festa é realizada na principal rua da comunidade onde é montado palco, parque infantil e inúmeras barracas de venda de alimentos e bebidas, todos os serviços são realizados por terceiros, não beneficiando a comunidade que poderia obter com o evento uma nova fonte de renda, porém os moradores estão interessados apenas em festejar com os parentes e amigos. O evento é voltado para a cultura de ritmos comerciais e não reflete em nada a cultura quilombola. A festa gera uma grande quantidade de lixo que se espalha por todas as ruas da comunidade, a coleta é feita pela Prefeitura de Porto da Folha apenas dois dias depois e em função da demora na coleta, muito lixo se alastra por outras partes da comunidade,

Festa e
celebrações

dificultando o recolhimento e causando um enorme impacto ambiental na caatinga e na beira do rio.

A Festa da Vaquejada ocorre no mês de julho e reúne mais de 1.000 pessoas no parque da vaquejada situado no território de propriedade da comunidade. A Vaquejada é uma manifestação cultural bastante popular na região do sertão e se tornaram uma atividade recreativa de caráter competitivo, no qual a dupla de vaqueiros, vestida em suas roupas de couro e montada a cavalo corre atrás de um boi em circuito de mata fechada de caatinga até conseguir capturá-lo. A melhor dupla recebe um prêmio, no Quilombo Mocambo os prêmios são dinheiro, bezerros e televisão. Mas outras vaquejadas de menor porte também acontecem ao longo do ano, se tornando um dos principais entretenimentos dos moradores da região.

A Festa de Carnaval acontece pelas ruas da comunidade com banda de instrumentos de sopro tocando. Durante os festejos a brincadeira é jogar água uns nos outros. Nesta época os moradores da comunidade recebem muitos parentes e amigos que se hospedam em suas casas e se divertem nas praias do rio São Francisco. O acúmulo de lixo deixado próximo às praias e a falta de segurança com relação aos banhistas são os problemas enfrentados pela comunidade.

Gastronomia
típica

A gastronomia local baseia-se na culinária sertaneja, onde se usa basicamente a mandioca cozida, o inhame cozido, a batata doce cozida, o pirão de peixe, o cuscuz com ovos e leite, a carne de sol, o queijo coalho e o ribacão que é um prato semelhante ao baião de dois, os doces e os biscoitos de farinha de tapioca. Na comunidade muitas mulheres produzem artesanalmente em suas casas queijo coalho, doces típicos diversos e os biscoitos de farinha de tapioca. Outros doces: doce de mamão, o doce de goiaba e o de batata doce, todos em formato de quadrado. São vendidos sob encomenda ou quando há grupo de visitantes do Projeto de TBC.

Artesanato

Barcos esculpido na madeira – na comunidade há um artesão que faz barcos esculpidos na madeira.

Bordado – a produção é de bordado de ponto cheio, vendido sob encomenda.

Crochê – destaca-se entre alguns moradores a produção de croché, porém apenas para si.

Música e dança

A dança do Samba de Coco é a manifestação cultural mais importante da comunidade, é dançada aos pares, ao som de percussão, onde se cantam músicas de composição próprias dos moradores. É dançado em

		<p>datas comemorativas e quando o Projeto de TBC leva grupos de visitantes.</p>
		<p>História Oral - A história de luta pela terra representou a luta pela continuidade da trajetória histórica do Quilombo Mocambo que uniu os moradores na reivindicação de seus direitos, mas resultou na morte de quilombolas. De acordo com a comunidade a principal identidade da comunidade é a luta pelo direito à continuidade de sua trajetória histórica em suas terras.</p>
	Saberes e fazeres	<p>Domínio de técnicas agroecológicas de produção de alimentos - As técnicas são tradicionais e agroecológicas, são de grande importância para a autonomia alimentar com destaque para produção de hortaliças, verduras, milho, mandioca, feijão, mel e leite.</p> <p>Hospitalidade - Uma das características dos moradores é a sua receptividade e hospitalidade, em tempos de festa, eles fazem questão de abrir as portas de suas casas para receberem e hospedarem os parentes e amigos.</p>
Evento Permanente	Evento esportivo	<p>Torneio de canoa a vela - No mês de setembro, outubro e novembro acontece o torneio de canoas a vela organizado por um morador do Quilombo Mocambo, o evento reúne corredores de várias comunidades ribeirinhas próximas ao quilombo, com festas e comemorações.</p>
	Agricultura	<p>Predomínio de atividade de agricultura de subsistência com emprego de agroecologia. Há cultivo de milho, feijão, mandioca e hortaliças, que ultimamente está prejudicado em função da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, que diminuiu o volume de água do rio São Francisco.</p>
Atividades econômicas	Pecuária	<p>Predomínio de atividade de pecuária de subsistência com emprego da agroecologia em atividades como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação de animais de pequeno e médio porte, como ovelhas, cabras, galinha, porco e vaca, criados soltos pelo território para consumo próprio. - Pecuária de leite que é consumido na própria comunidade, principalmente por aqueles que usam leite como elemento de seus produtos, como é o caso dos produtores de queijo e doces.
	Pesca	<p>Predomínio da atividade de pesca de subsistência, que ultimamente está prejudicada em função da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, que diminuiu o volume de água do rio São Francisco.</p>
	Mel	<p>Criação de abelhas com produção de uma a duas vezes ao ano.</p>
	Queijo	<p>Produção artesanal de queijo feito com leite da própria comunidade.</p>
	Doces	<p>Produção artesanal de doces feito com leite da própria comunidade.</p>

Biscoitos	Produção artesanal de biscoitos de farinha de tapioca.
Roteiro em parceria com o Projeto de TBC	A atividade de turismo é recente e tem parceria com o Projeto Rota do Quilombo Mocambo para a implantação e cogestão da atividade turística no território conforme modelo do TBC. Oferece roteiro organizado com duração de dois dias e serviços de hospedagem domiciliar, alimentação, guiamento, contação de história oral, atividades culturais e de lazer estruturados e qualificados de acordo com a metodologia do TBC. A capacidade do grupo para este roteiro é de hospedar grupo com até 20 pessoas, com frequência de no máximo uma vez por mês, apenas com agendamento prévio através do Projeto de TBC. Ainda em fase de experimentação e adaptação ao modelo, beneficia atualmente cerca de 20 famílias, sendo 20 pessoas beneficiadas diretamente e 30 indiretamente.

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Sendo o TBC o modelo de desenvolvimento turístico que será utilizado, é fato que a oferta de bens e serviços dentro do território será única e exclusivamente feita por moradores do Quilombo Mocambo. A parceria com o Projeto de TBC qualificou os serviços da cadeia produtiva e organizou o roteiro em conjunto com a comunidade, possibilitando que a oferta, mesmo que ainda sem o planejamento devido, tivesse alguma qualidade.

A infraestrutura de apoio turístico, que são as instalações e os serviços que dão qualidade de vida à comunidade e possibilitam o desenvolvimento do turismo possui elementos básicos em pleno funcionamento como o Sistema de transporte, Sistema de comunicação, Sistema de abastecimento de água, Sistema de abastecimento de energia, Sistema de segurança de policiamento de fronteira, Posto de saúde e Sistema de educação com escolas de 1ª e 2º grau, entretanto a comunidade não possui Sistema de esgotamento sanitário e o Sistema de coleta de lixo não é eficiente, favorecendo o surgimento de doenças, o mau cheiro e a péssima aparência do território, da praia, das ruas e dos quintais, essas adequações devem ser vistas como prioritárias.

A comunidade possui vocação para a atividade turística em função do interesse de seus moradores em desenvolver o turismo e da hospitalidade que possuem, acrescido do ambiente natural e cultural favorável, sua posição acessível por rodovia estadual SE 179 em excelente estado de conservação e em função de já possuir alguma infraestrutura básica, que apesar de

necessitar de melhorias, não compromete desenvolver a atividade. Esse conjunto permite receber uma pequena quantidade de visitantes, porém suficiente aos interesses dos moradores.

O rio São Francisco e os modos de vida tradicionais da comunidade quilombola são os elementos potenciais centrais para a formatação deste produto, que será composto de belas paisagens da caatinga e trilha a sítios arqueológicos, em banhos e passeios no rio São Francisco, momentos de encontro cultural entre visitante e visitado nas contações de histórias de formação da comunidade, a identidade quilombola, na hospitalidade dos anfitriões em suas casas, no encontro cultural com a dança do samba de coco, nos momentos de degustação dos almoços, dos jantares nordestinos, nos docinhos de sobremesa, no conhecimento de seus modos de vida, artesanato, atividades rurais e no respeito e valorização por sua cultura e história de luta.

Adiciona-se a isso a narrativa histórica que é realizada no roteiro pelos condutores locais do Projeto de TBC. Um dos diferenciais dessa oferta está justamente em que o roteiro está imbuído da história de formação da comunidade contada pelos próprios quilombolas, que relatam os aspectos culturais e naturais e fazem uma homenagem à resistência de seus moradores na luta pela conquista de seu território como espaço de reprodução dos modos de vida.

Com relação aos serviços e equipamentos turísticos de estabelecimentos e prestadores de serviços, a comunidade possui estrutura de hospedagem domiciliar, restaurante comunitário, guias locais e serviços de lazer organizados e qualificados junto ao Projeto de TBC. Da mesma forma foi construído um roteiro (Apêndice E) de dois dias, de acordo com a metodologia do TBC, nos quais reúne uma diversificada oferta de atrativos no intuito de absorver ao máximo a cadeia produtiva de serviços e bens e gerar divisão de ganhos entre o maior número de pessoas da comunidade.

Entretanto possui capacidade limitada para atender no máximo 20 pessoas e com agendamento prévio através do Projeto de TBC. Esta capacidade está diretamente relacionada à capacidade de hospedar que os membros do Projeto de TBC possuem atualmente, contudo essa capacidade poderá ser ampliada com o uso das duas casas antigas para se tornarem pousadas comunitárias. Nesse sentido a ampliação irá permitir que se hospedem um total de até 50 pessoas, sendo este o limite que os membros do Projeto de TBC estabeleceram como o limite máximo de visitantes que a comunidade tem interesse de receber.

O agendamento é importante porque possibilita que os membros do projeto que são os anfitriões, se organizem para receber os visitantes. Além disso, como não há comércio na comunidade, o serviço de alimentação tem que se prover em cidade vizinha que fica a 50 km e reservar um tempo para fazer as compras.

Outro fator que deve ser levado em consideração na oferta é a frequência de visitas que os membros do Projeto de TBC têm interesse em receber, nessa perspectiva os membros definiram que querem receber grupos de visitantes apenas uma vez por mês e sempre agendados.

A dinâmica da economia do turismo atualmente encontra-se em estágio inicial de organização, a parceria da comunidade com o Projeto de TBC propiciou a melhoria da oferta dos serviços e produtos por meio de uma série de qualificações e reuniões para organização da atividade que foram realizadas na comunidade pelo projeto como capacitações, cadastramento de interessados, gestão da atividade, construção de roteiros construção de preços e guiamento, possibilitando a progresso da oferta turística.

Por outro lado a infraestrutura básica necessita de melhorias significativas, principalmente com relação ao saneamento, a coleta efetiva do lixo e a educação ambiental dos moradores para aumentar a qualidade de vida da população.

É preciso cautela ao se propor desenvolver o turismo em comunidades tradicionais, a valorização cultural surge como principal elemento de atratividade, como um diferencial do produto turístico, entretanto não pode ser usado pelo turismo apenas como elemento de curiosidade para atrair o visitante, visando retorno econômico, mas sim servindo da mesma forma como elemento de valorização do outro e como possibilidade de resgatar as relações humanas. Seu uso pelo turismo deve resultar em prosperidade econômica, cultural, social e ambiental.

Apesar do processo de desenvolvimento turístico atual estar alicerçado nas bases do TBC, a elaboração do documento técnico do planejamento é primordial para que a atividade continue obtendo sucesso, pois o direcionamento através do plano irá orientar o desenvolvimento da atividade, o monitoramento e o controle para a constante avaliação do processo.

Além disso, o planejamento é relevante para a conservação da natureza e da cultura local. Assim a utilização organizada dos serviços e produtos oferece uma adequada concepção do melhor uso que se deve dar para um recurso. Contudo vale ressaltar que o turismo não tem a intenção de substituir as atividades tradicionais e sim como uma segunda fonte de renda e de melhoria da qualidade de vida na comunidade.

As transformações que surgem ao se desenvolver o turismo são de caráter social, cultural, ambiental e econômico, reforçando a necessidade de que deve haver um cuidado com a implantação e os riscos que pode apresentar, pois ao exibir o seu produto/oferta e abrir as portas do território para o visitante, irá tornar a comunidade visível ao mundo, estimulando a curiosidade das pessoas nos mais diversos interesses.

3.2.5. A DEMANDA TURÍSTICA

A definição de demanda turística está diretamente associada à maneira como o visitante toma a decisão para organizar suas viagens. Este processo de planejamento da viagem, onde o visitante procura por qualidade e diferenciação, envolve inúmeros fatores e condicionam as suas opções, que vão desde fatores psicológicos, físicos, sociais, culturais, econômicos, motivacionais, temporais, demográficos, geográficos a fatores éticos.

De acordo com Lage e Milone (1991, p.36) “A demanda turística pode ser definida como a quantidade de bens e serviços turísticos que os indivíduos desejam e são capazes de consumir a dado preço, em determinado período de tempo”. Sendo assim o principal responsável pela demanda turística é o cliente, o visitante, o consumidor de produtos turísticos.

Para entender a demanda turística é essencial identificar o perfil do visitante através de suas características sociais, econômicas, geográficas, demográficas, psicográficas de comportamento e psicográficas motivacionais. Para tanto é preciso um estudo que possibilite o conhecimento sobre o comportamento dos visitantes, suas ações dentro do ambiente turístico, suas motivações para a viagem, suas predileções, seus interesses, a procedência do fluxo turístico, seus gastos durante a viagem entre outros. A escolha do produto pelo consumidor é

fortemente influenciada pela preferência, ou seja, suas escolhas de acordo com o que lhe é prioritário, e assim

O consumidor faz sua escolha de acordo com uma escala de preferências em que classifica os produtos turísticos por ordem de prioridade e importância, decidindo quais são os que lhe darão a máxima satisfação, antes mesmo de saber seus preços e se sua renda será suficiente, para realizar tal compra. (LAGE; MILONE, 1991, p. 37)

O estudo identificou que na atualidade a comunidade do Quilombo Mocambo recebe uma pequena quantidade de visitantes e eles são de três tipos:

1) visitantes desconhecidos, que aparecem sem pedir licença para usar a praia da comunidade e fazer churrasco, não consomem produtos e serviços turísticos, geram grande impacto negativo ambiental, social e cultural, pois tomam conta do espaço sem dar condições de uso para os próprios moradores, degradam o meio ambiente deixando lixo e tem comportamentos desrespeitosos e por vezes obscenos.

2) visitantes parentes ou amigos de morador do quilombo, que vão à comunidade para visitar e participar das festas dos moradores, não consomem produtos e serviços turísticos, geram impacto negativo social em forma de conflitos, em geral pelo uso da bebida alcoólica, e nesses momentos os visitantes subjagam e desprezam a cultura quilombola, considerando-os inferiores, agem a revelia e não aceitam a existência de um território protegido por leis federais, com limites de área e estatuto com regras próprias. Houve ocasião em que os moradores foram vítimas de racismo e preconceito e ocasiões em que foram ameaçados por visitantes, sendo preciso pedir proteção à Procuradoria Geral, órgão que dá assistência às comunidades quilombolas quanto aos seus direitos.

3) visitantes do Projeto de TBC que consomem produtos e serviços turísticos, através do roteiro ofertado em parceria com o projeto, colaboram para a valorização e conservação do patrimônio quilombola e não geram impactos negativos.

Contudo a quantidade de visitantes recebida pela comunidade até o presente momento foi pequena e o número gerado é incipiente para definir fluxo turístico, porém é preciso investir em ações que absorvam esses visitantes para o consumo turístico de forma estruturada, como da mesma forma é possível atrair novos visitantes para a comunidade. Estes novos visitantes são conhecidos como visitantes potenciais, pois tem potencial para se tornar real e o perfil pode

ser considerado interessante de ser atraído, para tanto é preciso conhecer o visitante potencial e suas características e destacar informações consideráveis para ações futuras.

Para tanto o estudo da demanda buscou caracterizar e analisar o visitante potencial, deste modo utilizou como metodologia a coleta de dados através da aplicação de entrevistas estruturadas com 33 questionamentos e aplicadas diretamente aos visitantes escolhidos aleatoriamente. Como locais de aplicação da entrevista foram escolhidas as cidades de Canindé de São Francisco em Sergipe e Piranhas em Alagoas, por serem considerados destinos consagrados, que contam com infraestrutura e possuem os maiores fluxos turísticos nas proximidades do Quilombo Mocambo. As entrevistas foram realizadas nos dias 26 e 27 de março de 2016, aproveitando período de feriado da semana santa em que ocorrem muitas viagens. Em Canindé de São Francisco/SE a entrevista ocorreu no dia 26/03/2016 e foi aplicada no atrativo mais visitado do município conhecido como “Cânion do rio São Francisco”, já em Piranhas/AL a entrevista ocorreu no dia 27/03/2016 e foi aplicada no atrativo conhecido como “Prainha” e de maior concentração de visitantes.

3.2.5.1. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO VISITANTE POTENCIAL

Os dados obtidos nas entrevistas sobre os visitantes foram tabulados e sistematizados em quatro tabelas de acordo com a origem do visitante (tabela 01), características do visitante (tabela 02), hábitos e comportamentos do visitante quanto às suas viagens em geral (tabela 03) e por fim características da viagem que está realizando (tabela 04). Nas tabelas os dados foram dispostos de forma que se pode observar, ao mesmo tempo, o comportamento tanto do visitante de Canindé de São Francisco/SE quanto do visitante de Piranhas/AL.

Tabela 01 - Origem do visitante.

Origem do Visitante		Cidades pesquisadas	
		Canindé de São Francisco/SE	Piranhas/AL
Nacionalidade	Brasileiro	100%	100%
	Estrangeiro	0%	0%
Região	Nordeste	67%	92%
	Sudeste	24%	0%
	Centro Oeste	9%	8%

Estado	Bahia	29%	8%
	Pernambuco	24%	0%
	Rio De Janeiro	24%	0%
	Sergipe	9%	67%
	Goiás	9%	0%
	Alagoas	5%	17%
	Mato Grosso	0%	8%
	Cidade	Aracaju/SE	0%
São Cristóvão/SE		9%	16%
Propriá/SE		0%	17%
Canindé de São Francisco/SE		0%	17%
Maceió/AL		0%	0%
Piranhas/AL		5%	0%
Arapiraca/AL		0%	17%
Salvador/BA		29%	0%
Delmiro Gouveia/BA		0%	8%
Recife/PE		14%	0%
Caruaru/PE		5%	0%
Jaboatão Dos Guararapes/PE		5%	0%
Rio de Janeiro/RJ		5%	0%
Niterói/RJ		5%	0%
Nilópolis/RJ		14%	0%
Rio Verde/GO		9%	0%
Confresa/MT	0%	8%	

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Tabela 02 - Características do visitante.

Características do visitante		Cidades pesquisadas	
		Canindé de São Francisco/SE	Piranhas/AL
Sexo	Feminino	57%	50%
	Masculino	43%	50%
Idade	Até 19 anos	0%	8%
	20 a 30 anos	14%	34%
	31 a 40 anos	28%	33%
	41 a 50 anos	29%	17%
	51 a 60 anos	24%	8%
	61 anos ou mais	5%	0%
Estado Civil	Solteiro	29%	25%
	Casado	57%	75%
	Separado/divorciado	9%	0%
	Viúvo	5%	0%

Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	0%	0%
	Ensino fundamental completo	0%	0%
	Ensino médio incompleto	0%	17%
	Ensino médio completo	10%	33%
	Ensino superior incompleto	15%	25%
	Ensino superior completo	35%	8%
	Pós graduação	40%	17%
Profissão	Estudante	0%	9%
	Autônomo	10%	8%
	Empresário	19%	8%
	Profissional da saúde	9%	17%
	Profissional da educação	14%	0%
	Funcionário público	29%	8%
	Outros	19%	50%
Renda mensal média	1 a 2 salários	5%	50%
	3 a 4 salários	19%	34%
	4 a 5 salários	14%	8%
	5 a 10 salários	33%	0%
	Acima de 10 salários	29%	8%

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Tabela 03 - Hábitos e comportamentos do visitante quanto às suas viagens em geral

Hábitos e comportamentos do visitante quanto às suas viagens em geral		Cidades pesquisadas	
		Canindé de São Francisco/SE	Piranhas/AL
Costuma viajar	Nunca	0%	0%
	1 a 2 vezes/ano	48%	50%
	3 a 4 vezes/ano	9%	33%
	4 a 5 vezes/ano	14%	17%
	6 vezes/ano ou mais	29%	0%
Preferência por viagens	Natureza	33%	17%
	Cultura/História	43%	17%
	Negócios	0%	0%
	Descanso/Tranquilidade	0%	25%
	Praia	24%	33%
	Outros	0%	8%
Com quem viaja	Sozinho	9%	8%
	Grupo de família	38%	59%
	Casal c/ filhos	5%	8%
	Casal s/ filhos	38%	17%
	Amigos	5%	0%

	Colegas de trabalho	0%	0%
	Grupo de turistas	5%	0%
	Outros	0%	8%
Faz viagens que entra em contato com comunidades locais	Nunca	33%	50%
	1 a 2 vezes/ano	52%	42%
	3 a 4 vezes/ano	5%	0%
	4 a 5 vezes/ano	10%	8%
	6 vezes/ano ou mais	0%	0%
Interesse por roteiros em comunidades tradicionais	Sim	86%	92%
	Não	14%	8%
Disponível para pagar por quais itens⁷	Experimentar a culinária local	17%	12%
	Vivenciar a cultura local	16%	13%
	Assistir a apresentações de manifestações culturais	15%	9%
	Adquirir artesanato	15%	12%
	Fazer trilhas e conhecer a fauna e flora	15%	12%
	Adquirir produtos da agricultura familiar como verduras, mel, doces, queijos, entre outros	13%	13%
	Adquirir produtos sem agrotóxico	12%	12%
	Hospedar na casa dos moradores locais	9%	8%
	Fazer passeios de bicicleta pela comunidade	9%	5%
	Passear a cavalo pela comunidade	8%	4%

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Tabela 04 - Características da viagem que está realizando

Características da viagem que está realizando		Cidades pesquisadas	
		Canindé de São Francisco/SE	Piranhas/AL
Fonte de informação para preparação da viagem	Já conhecia o destino	14%	58%
	Amigos/Parentes	57%	42%
	Folders	0%	0%
	Guia turístico impresso	0%	0%

⁷ Neste item a soma das respostas será maior que 100% pois as respostas poderiam ser de múltipla escolha.

	Artigos em revista/jornal	5%	0%
	Artigos acadêmicos	0%	0%
	Local onde trabalha	0%	0%
	Programas e TV/Rádio	9%	0%
	Campanhas publicitárias/Anúncios	0%	0%
	Agência de viagem (presencial)	5%	0%
	Agência de viagem (virtual)	0%	0%
	Internet	10%	0%
	Outros	0%	0%
Turista ou Excursionista	Turista	0%	33%
	Excursionista	100%	67%
Se excursionista de qual cidade	Aracaju/SE	90%	25%
	Canindé de São Francisco/SE	0%	25%
	Propriá/SE	0%	25%
	Arapiraca/AL	0%	25%
	Piranhas/AL	10%	0%
Se turista qual o meio de hospedagem utilizado	Casa de amigos	19%	50%
	Imóvel alugado	0%	0%
	Camping	0%	0%
	Pousada	19%	50%
	Hotel	52%	0%
	Flat	0%	0%
	Outros	10%	0%
Viagem organizada por agência?	Sim	52%	0%
	Não	48%	100%
Meio de transporte utilizado	Automóvel próprio	48%	100%
	Avião	0%	0%
	Ônibus de linha	0%	0%
	Ônibus/Van fretado	0%	0%
	Ônibus/Van Turismo/Excursão	52%	0%
	Outros	0%	0%
Gasto médio diário	Até 100 R\$	24%	58%
	De 101 até 200 R\$	48%	42%
	De 201 até 300 R\$	28%	0%
	De 301 até 400 R\$	0%	0%
	De 401 até 500 R\$	0%	0%
	De 501 até 600 R\$	0%	0%
	De 601 até 700 R\$	0%	0%
	De 701 até 800 R\$	0%	0%
	De 801 até 900 R\$	0%	0%
	De 901 até 1000 R\$	0%	0%

Mais de 1001 R\$	0%	0%
------------------	----	----

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

A partir dos dados sistematizados nas tabelas foi possível traçar o perfil dos visitantes dos dois destinos de forma a conhecer as características de cada um deles como se pode observar a seguir:

PERFIL DO VISITANTE DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO/SE

A análise demonstrou que dentre os entrevistados no atrativo Cânion do rio São Francisco todos eram brasileiros e em sua maioria, 67% eram da região nordeste, destes 29% eram do estado da Bahia e 29% tinham como origem a cidade de Salvador. Quanto ao sexo teve uma ligeira maioria feminina de 57%. Entretanto em termos percentuais estava equilibrado, com relação à faixa etária havia uma diversidade de público mostrando que o destino agrada a várias idades e não apresenta uma categoria predominante, porém havia um equilíbrio entre as faixas etárias de adultos de 41 a 50 anos (29%), seguidos pela faixa etária de 31 a 40 anos (28%). Em sua grande maioria, 57% dos visitantes são casados e possuem ótima escolaridade, ficando equilibrado entre 40% com pós-graduação, seguidos de 35% com ensino superior completo, a soma dessas duas categorias, 75%, demonstra que o nível de educação do visitante é elevado. Entre as profissões várias categorias se destacaram, no entanto a de maior representatividade foi a do funcionário público com 29%. A renda mensal é diversificada, todavia o estudo indicou como a camada mais significativa a dos respondentes que recebem rendimentos mensais de 5 a 10 salários mínimos, com 33%.

Com relação aos hábitos de viagem do visitante, grande parte dos viajantes, 48% viajam pelo menos de 1 a 2 vezes por ano e 43% dos respondentes disseram que tem preferência por viagens nos segmentos de cultura e história. Dentre os visitantes do Cânion do rio São Francisco a grande maioria viaja preferencialmente em família, 38% viajam com grupo de família e 38% viaja o casal sem filhos.

Com o objetivo de descobrir o interesse do visitante por consumir roteiros em comunidades tradicionais, como a exemplo do Quilombo Mocambo, foi perguntado ao visitante se ele fazia viagens nas quais entrava em contato com comunidades e 67% disseram que sim, sendo que grande parte, 52%, inclusive viajavam entre 1 a 2 vezes por ano. Outro questionamento foi se o visitante teria interesse em conhecer roteiros de viagens à comunidades tradicionais, como

comunidades indígenas, pesqueiras, quilombolas, de agricultura familiar, de imersão cultural experimentando seus hábitos locais, conhecendo sua cultura, vivenciando seus saberes e fazeres, a grande maioria, 86% disse que sim, que tem interesse.

Também foi perguntado se o visitante teria interesse em consumir alguns serviços e produtos. Nesse questionamento o entrevistado poderia escolher quantas alternativas tivesse interesse, destes o de maior preferência na escolha dos entrevistados e o mais citado por eles foi “experimentar a culinária local” com 17%, seguido de “vivenciar a cultura local” com 16%, “assistir à apresentações de manifestações culturais” com 15%, “adquirir artesanato” com 15%, “fazer trilhas e conhecer a fauna e flora” com 15%, “adquirir produtos da agricultura familiar como verduras, mel, doces, queijos, entre outros” com 13%, “adquirir produtos sem agrotóxico” com 12%, “se hospedar na casa dos moradores locais” com 9%, “fazer passeios de bicicleta pela comunidade” com 9% e por último “passear a cavalo pela comunidade” com 8%.

Com relação às características da viagem para o cânion, as fontes de informação do visitante, 57% foram os amigos e os parentes. Dos visitantes do Cânion do rio São Francisco todos se caracterizavam como excursionistas, pois 100% dos entrevistados iriam apenas passar o dia no atrativo, sendo que 90% iriam pernoitar em Aracaju e 10% em Piranhas/AL, esses dados demonstram que há uma tendência de Canindé de São Francisco em receber visitantes que possuem um perfil de massa das grandes operadoras e que em geral são oriundos de Aracaju/SE ou Piranhas/AL.

A maioria dos visitantes, 52%, teve a viagem para o Cânion do rio São Francisco organizada por agências de viagem, o que vem de encontro com a tendência de viagens que naturalmente ocorrem para o destino cânion, em que as viagens são organizadas por agências em passeio que tem duração de um dia.

Em relação ao meio de hospedagem que foi utilizado, foi apontado que 52% teve preferência pela modalidade hotel e quanto ao meio de transporte utilizado para chegar ao destino Cânion do rio São Francisco houve um equilíbrio, contudo a categoria Ônibus/Van Turismo/Excursão obteve 52% de preferência e vai de encontro com a porcentagem de visitantes que utilizaram agências para realizar a viagem (52%).

E por fim e último questionamento, sobre o gasto médio diário dos visitantes no destino, tem-se que grande parte deles, 48%, tiveram um gasto médio de R\$ 101,00 até R\$ 200,00, seguido de 28% que gastaram em média de R\$ 201,00 até R\$ 300,00, pode-se considerar que os gastos foram de valores razoáveis.

PERFIL DO VISITANTE DE PIRANHAS/AL

O estudo identificou que dentre os entrevistados no atrativo “Prainha” em Piranhas/AL 100% eram brasileiros e destes, a grande maioria, 92%, tinham origem na região nordeste, sendo 67% proveniente de Sergipe, isso ocorre devido à proximidade dos dois estados e a acessibilidade de rodovias pavimentadas ligando municípios ao longo da fronteira entre eles. Foi verificado que as cidades de origem eram diversificadas, porém a grande maioria das cidades era sergipana, como Aracaju com 17% de visitantes, Canindé de São Francisco com 17%, Propriá com 17% e São Cristóvão com 16% de visitantes. Com relação ao sexo, houve um equilíbrio entre os visitantes, pois 50% eram mulheres e 50% eram homens. Sobre a faixa etária a grande maioria dos visitantes tinha idade adulta que variava de 20 a 40 anos, pois dos visitantes 34% tinham idade de 20 a 30 anos e 33% tinha idade de 31 a 40 anos. A pesquisa revelou que o predomínio era de visitantes casados, com total de 75%, já a escolaridade era baixa, pois a maioria dos respondentes, 33%, possuíam ensino médio completo e outros 25% possuíam ensino superior incompleto. A ocupação dos visitantes era de diversas profissões, contudo a mais citada foi o profissional de saúde com 17% de entrevistados. Sobre a renda mensal do entrevistado, a pesquisa demonstrou que 50% ganhavam entre 1 a 2 salários mínimos apontando que a renda em geral era baixa, entretanto outros 34% dos visitantes recebiam de 3 a 4 salários mínimos mensais.

De acordo com o estudo, o visitante de Piranhas em sua grande maioria, 50% viaja pelo menos de 1 a 2 vezes por ano e outros 33% de 3 a 4 vezes por ano. A preferência dos visitantes de Piranhas é por viagens a locais que tem como atrativo a praia de água doce ou salgada, seguido por 25% que buscam por descanso e tranquilidade. Entre os visitantes, 59% deles estava fazendo a viagem junto do grupo de família, desta forma o estudo aponta que em grande maioria o caráter da viagem para Piranhas é familiar.

Sobre fazer viagens que entra em contato com a comunidade local, 50% dos entrevistados disseram que nunca fizeram este tipo de viagem, ao mesmo tempo 42% dos visitantes de

Piranhas fazem essas viagens de 1 a 2 vezes por ano, e 8% chegam a fazer viagens neste formato de 4 a 5 vezes por ano.

Ao serem perguntados se teriam interesse em consumir roteiros de imersão cultural, roteiros de viagens às comunidades tradicionais, como comunidades indígenas, pesqueiras, quilombolas, de agricultura familiar, experimentando seus hábitos locais, conhecendo sua cultura, vivenciando seus saberes e fazeres, realizados em comunidades tradicionais a maioria os visitantes entrevistados, 92%, disseram que teriam interesse por este tipo de roteiro e apenas 8% não se interessaram. Apesar de 50% dos visitantes nunca terem feito viagens nas quais entre em contato com comunidades locais, o elevado interesse por este tipo de viagem demonstra que as pessoas estão abertas a novas experiências relacionadas à cultura brasileira.

Sobre a disponibilidade para consumir serviços ou produtos o entrevistado de Piranhas poderia escolher qualquer item de sua preferência e em qualquer quantidade, os itens de maior interesse foram “Vivenciar a cultura local” com 13%, “Adquirir produtos da agricultura familiar como verduras, mel, doces, queijos, entre outros” com 13%, “Experimentar a culinária local” com 12%, “Adquirir artesanato” com 12%, “Fazer trilhas e conhecer a fauna e flora” com 12%, “Adquirir produtos sem agrotóxico” com 12%, “Assistir às apresentações de manifestações culturais” com 9%, “Se hospedar na casa dos moradores locais” com 8%, “Fazer passeios de bicicleta pela comunidade” com 5% e “Passear a cavalo pela comunidade” com 4%.

Com relação à viagem para Piranhas e suas características, com relação à fonte de informação mais utilizada pelo visitante, para 42% dos entrevistados eram amigos e parentes, entretanto 58% dos visitantes, ou seja, a grande maioria, já conhecia o destino e estava retornando novamente, refletindo que Piranhas fideliza o visitante. Dos visitantes, 67% eram excursionistas, estavam em Piranhas apenas para passar o dia e eram de cidades próximas como Aracaju, Canindé de São Francisco, Propriá e Arapiraca. Entre os visitantes 33% pernoveram em Piranhas e utilizaram como meio de hospedagem a casa dos amigos, 50%, e a pousada, 50%.

Dentre os 100% de visitantes de Piranhas nenhum deles utilizou a agência de viagem para organizar o roteiro, da mesma forma 100% do transporte foi realizado através de carro próprio. Finalmente o gasto médio diário teve em sua maioria, 58% das pessoas tendo um gasto

relativamente pequeno de até R\$ 100,00 e outros 42% gastaram valores razoáveis de R\$ 101,00 até R\$ 200,00.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEMANDA POTENCIAL

Sobre o perfil do visitante potencial pode-se perceber que, tanto o visitante de Canindé de São Francisco, quanto o de Piranhas possui características semelhantes como, por exemplo, interesse relativamente alto em consumir roteiros em comunidades tradicionais, dado que 86% dos entrevistados de Canindé de São Francisco e 92% dos entrevistados de Piranhas se mostraram interessados pela proposta, o que pode beneficiar o Quilombo Mocambo com base na oferta identificada no território.

Outra característica semelhante entre os visitantes dos dois destinos foi com relação aos serviços e produtos que o visitante tem maior preferência em consumir, entre os mais citados foram “Experimentar a culinária local”, “Vivenciar a cultura local”, “Assistir a apresentações de manifestações culturais”, “Adquirir artesanato”, “Fazer trilhas e conhecer a fauna e flora”, e “Adquirir produtos da agricultura familiar como verduras, mel, doces, queijos, entre outros”. Estas preferências demonstram que os visitantes gostam de atrativos que destacam a cultura e a natureza local e tem interesse em adquirir produtos locais como artesanato e alimentos. Essas características apontam que existe uma diversificada possibilidade de produtos e serviços que os visitantes gostariam de consumir e que já é oferecido no roteiro do Quilombo Mocambo.

Foi constatado ainda que a grande maioria dos visitantes, 52% de Canindé de São Francisco e 42% de Piranhas, já fazem de 1 a 2 vezes por ano viagens em que entram em contato com comunidades locais, isso demonstra que há uma disponibilidade positiva por parte dos visitantes em consumir o tipo de produto oferecido atualmente pelo Quilombo Mocambo.

O principal mercado consumidor potencial do Quilombo Mocambo é a Região Nordeste, com destaque para o estado da Bahia e o próprio estado de Sergipe, demonstrando a forte tendência de desenvolvimento do mercado regional na atualidade, que tem se intensificado e fortalecido viagens de pequena duração e curtas distâncias, propiciando circulação econômica em escalas regionais.

O gasto médio dos visitantes dos dois destinos foi razoável, de R\$ 101,00 até R\$ 200,00 esta média vai de encontro com o valor praticado atualmente pelo roteiro oferecido pela comunidade em parceria com o Projeto de TBC.

A pesquisa identificou que 52% dos visitantes de Canindé de São Francisco fizeram suas viagens organizadas por agência, desta forma é prudente investir em ações de promoção e apoio à comercialização junto às agências de Aracaju e fazer parcerias para oferecer roteiros conjuntos com o já existente produto “cânion”, ou até mesmo que seja este o produto mais novo e diferenciado das agências, em “day use” ou no formato do roteiro atual com hospedagem, diversificando as propostas atuais das agências, que oferecem apenas o “bate e volta”. Em Piranhas diversos passeios no formato “day use” são oferecidos e muito requisitados pelos visitantes, portanto para capturar o visitante potencial seria importante fazer parceria com as agências locais e oferecer um “day use” na comunidade ou oferecer o roteiro atual com hospedagem.

O formato “*day use*” poderia ser uma nova possibilidade de roteiro para o Quilombo Mocambo e não deve ser descartada, porém deve continuar estimulando o roteiro com pernoite por ser o formato que realmente beneficia a comunidade, porque em função de uma maior permanência do visitante na comunidade propicia que os vários serviços e produtos sejam utilizados, de forma a movimentar a economia na comunidade de forma justa.

3.2.6. PESQUISA DE OPINIÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO MOCAMBO

O estudo teve como objetivo coletar dados com o intuito de conhecer o perfil do morador, capturar a sua visão sobre o Quilombo Mocambo e sua percepção sobre o turismo na comunidade.

A pesquisa utilizou como metodologia a aplicação de questionário (Apêndice A) diretamente aos moradores no mês de março de 2017, composto de perguntas fechadas e abertas. Foram entrevistados 32 residentes quilombolas e desses 69% eram mulheres e 31%, eram homens, o que demonstra que as mulheres são a maioria na comunidade.

Com relação à idade o entrevistado mais velho foi um homem de 80 anos. O estudo revelou que 85% dos entrevistados são da população adulta e que a maioria deles, 47%, se encontra na faixa etária de 21 a 30 anos, tanto mulheres quanto homens.

Sobre o estado civil, a grande maioria dos entrevistados, 63% são casados ou moram junto, seguido de 25% que são solteiros, outros 6% são separados ou divorciados e 6% são viúvos.

A escolaridade demonstrou que 38% dos entrevistados possuem ensino médio completo, por outro lado 35% possuem o ensino fundamental incompleto, esta disparidade se dá porque com a chegada das escolas de 1º e 2º graus na comunidade os moradores passaram a ter mais acesso à educação.

Dos entrevistados 6% possuem ensino superior completo e são mulheres. As melhorias na educação dos moradores refletem os benefícios recebidos através das políticas de acesso aos remanescentes de quilombo nos últimos 20 anos.

A grande maioria dos entrevistados, 79%, exercem atividades tradicionais rurais de subsistência como agricultura e pesca. Entre os homens foram as únicas atividades citadas, já entre as mulheres além das atividades tradicionais foram citadas outras atividades como profissional da saúde, profissional da educação, funcionário público e do lar.

Apesar das dificuldades geradas devido a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, que reduziu a água do rio São Francisco e impossibilitou a agricultura e a pesca na comunidade, os moradores estão buscando se adaptar à nova realidade, ainda não encontraram um sistema produtivo capaz de satisfazer às necessidades de autonomia alimentar, como possuíam antes, porém não abandonaram as atividades e resistem na busca por uma solução, pois sua existência tem vínculos diretos com o uso da terra.

Um dado relevante está relacionado à renda mensal dos entrevistados, que se mostrou baixa, a grande maioria dos entrevistados, 91%, possui renda mensal de até um salário, pois desses 69% recebem até meio salário mínimo e 22% recebem até um salário mínimo.

Com relação à percepção do entrevistado sobre o Quilombo Mocambo, foi sugerido citar lugar que gosta no território e o que mais gosta de fazer neste lugar, com a intenção de saber quais lugares que os moradores mais se apropriam no território. O rio São Francisco é o mais citado, entre as atividades que mais gostam de fazer é tomar banho de rio, lavar roupa, pescar, observar a paisagem e se divertir com os amigos e parentes.

Outras atividades também foram citadas como jogar futebol no campo, rezar na igreja da Gloriosa Santa Cruz, conversar com os amigos em casa, na rua ou na beira do rio, limpar a própria casa e a igreja, descansar, trabalhar e ir ao bar para beber.

Esses dados demonstram que os mocambeiros são caseiros e gostam de fazer tudo dentro do seu território, desde trabalhar até se divertir. Há um grande apreço por todos os moradores pelo rio São Francisco e muitas atividades são realizadas nele ou a sua volta e demonstra que o território é seu espaço de vivência em uma união integral.

Da mesma forma foi questionado ao entrevistado como ele avaliava alguns itens, com o intuito de caracterizar alguns serviços da comunidade, em geral os itens não foram bem avaliados porque há uma insatisfação. O item limpeza e segurança foram avaliados como péssimo, a opção de alimentação e a opção de hospedagem foram avaliadas como ruim, os serviços de transporte, a internet, o serviço de celular, a sinalização de placas de acesso e a conservação dos atrativos da comunidade foram avaliados como regular, e por fim o item opção de lazer que foi o único avaliado como bom.

Como recomendação de melhoria na comunidade para torná-la mais agradável, a mais citada pelos entrevistados foi o saneamento básico e demonstra que os moradores sabem dos problemas que isso pode causar e anseiam pela melhoria com urgência. Outros foram mencionados como abrir o posto de saúde mais vezes por semana, construir praça e cais, limpeza das ruas e coleta de lixo, conservação do rio, opções de emprego e melhoria do profissional da educação.

Sobre a percepção do entrevistado com relação ao turismo no Quilombo Mocambo teve como intuito conhecer sua visão sobre a atividade. Desta forma foi perguntado o que era turismo para o entrevistado e houve duas opiniões divergentes.

Para 56% das pessoas o turismo é uma atividade que gera emprego e renda, esses entrevistados possuem uma visão mercadológica do turismo relacionando-o com a geração de renda, entretanto 41% acham que o turismo é viajar e conhecer lugares e demonstram ter uma visão mais aberta e humana da atividade, colaborando com a proposta do roteiro que é oferecido atualmente no Projeto de TBC.

Perguntado sobre os benefícios que o turismo poderia proporcionar para o Quilombo Mocambo, a maioria, 44% dos entrevistados acham que o turismo pode levar vários benefícios como gerar emprego e renda, valorizar a cultura quilombola, divulgar a comunidade, preservar a natureza, unir a comunidade, melhorar o comércio local, aumentar a capacitação dos moradores.

A respeito dos impactos negativos, foi perguntado se o entrevistado acha que o turismo poderia trazer problemas para a comunidade e 84% disseram sim, os motivos foram diversos e entre os que foram mencionados está que o visitante traz violência, o visitante é desconhecido e não se sabe sobre suas intenções, o visitante faz baderna e que o visitante deixa lixo na beira do rio. Outros citados foram o uso de bebida alcoólica pelos visitantes que muitas vezes fica violento e o uso de drogas.

Dos entrevistados 62% acham que deveria haver mais turistas visitando o Quilombo Mocambo pra conhecer a cultura quilombola, desde que haja controle de visitantes. Esse apontamento é importante porque a comunidade tem o desejo de trabalhar com o turismo, entretanto quer que o turismo seja planejado, agendado, controlado porque teme a presença de forasteiros e pessoas indesejadas dentro de seu território.

Já outros 38% acham que não deveria haver mais visitantes por que geram problemas, são pessoas desconhecidas, a área é reservada e a comunidade não tem desenvolvimento suficiente e nem segurança para enfrentar. Essa preocupação é importante porque demonstra que os moradores tem total conhecimento sobre os perigos que a atividade pode trazer com o descontrole, os moradores não querem pessoas andando pela comunidade sem identificação modificando a sua rotina.

A respeito do comportamento do visitante o que agrada para 97% dos entrevistados é que os visitantes tem interesse em conhecer a cultura quilombola do Mocambo e o que mais desagradava no visitante é a degradação do meio ambiente que ele causa como o lixo deixado à beira do rio, 34%, e a velocidade dos carros nas ruas da comunidade, podendo causar acidente com as crianças, 34%.

Outros comportamentos indesejados foram a entrada de alguns visitantes na comunidade como se fosse local de uso público, a falta de respeito de alguns visitantes com a cultura quilombola, a falta de respeito de alguns visitantes com as regras internas da comunidade (estatuto) e as confusões geradas por alguns visitantes na comunidade devido o uso da bebida alcóolica.

A propósito do pertencimento e a identidade quilombola, foi solicitado que o entrevistado definisse uma palavra ou uma frase sobre o que é Quilombo Mocambo e o mais citado foi “História de luta e resistência” que é de senso comum, pois representa a história de vida que a comunidade teve, simboliza sua trajetória de lutas e conquistas.

Ainda sobre a identidade quilombola também foram citados que Quilombo Mocambo é “um lugar especial”, “razão de existência”, “vida”, “É história e cultura”, “Reconhecimento de ser quilombola”, “lugar lindo, maravilhoso, tudo de bom, tranquilo, bom de viver, ótimo, especial, vida e prosperidade” e “orgulho de ser quilombola”.

E por fim, ao serem perguntados se recomendariam que pessoas visitassem o Quilombo Mocambo todos disseram que sim e o motivo seria conhecer os aspectos culturais da comunidade e a forma de viver de seus moradores. Ainda foram referidos conhecer os aspectos ambientais, conhecer os atrativos, conhecer a paisagem e por que é um lugar tranquilo de pessoas hospitaleiras e acolhedoras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE OPINIÃO

A pesquisa de opinião do morador do Quilombo Mocambo foi um importante estudo, pois demonstrou de forma clara como os comunitários percebem os vários aspectos de seu território e sua identidade.

A pesquisa teve o objetivo de conhecer o perfil do morador do Quilombo Mocambo, saber qual a sua percepção sobre a comunidade e qual a sua percepção com relação ao turismo na comunidade. A idade dos entrevistados variou de 21 a 80 anos e a grande maioria dos moradores é do sexo feminino, em sua maioria estão na faixa etária dos 21 a 30 anos, o que demonstra que a população apesar de estar na fase adulta é de pouca idade, constituída em suma de casais com filhos e da religião católica.

A escolaridade varia entre ensino médio completo e ensino fundamental incompleto, entretanto o número de pessoas que completam o ensino médio ou que concluem o curso superior tem aumentado a cada ano, porém na comunidade não há como absorver essa demanda por trabalho, principalmente para aqueles que possuem curso superior, desta forma as atividades mais desenvolvidas na comunidade continuam sendo as de subsistência, pois cerca de 80% da população exerce atividades rurais de agricultura ou pesca, e apesar da água estar escassa para ambas as atividades, os mocambeiros são essencialmente rurais e ainda esperam uma solução para este impasse. Consequentemente a renda dos moradores é muito baixa, pois 69% recebe até meio salário mínimo e 22% recebe até um salário mínimo, a saída de pessoas da comunidade em busca de trabalho só não é maior devido às bolsas que os moradores recebem.

Sobre sua percepção com relação à comunidade, o rio São Francisco é o local mais lembrado pelos moradores, seja para diversão, para trabalhar ou mesmo para apreciar o lugar, o rio faz parte de sua vida e a relação é de pertencimento, os moradores são bem caseiros e gostam muito do lugar onde moram e de como são os seus modos de vida. Por outro lado gostariam que os serviços de infraestrutura fossem melhores, pois há um descontentamento generalizado principalmente com relação ao saneamento básico que não existe, a segurança e a limpeza.

Com relação ao turismo as opiniões se dividem entre os que acham que o turismo é uma atividade que gera emprego e renda ou que o turismo é viajar e conhecer lugares. Muitos moradores estão preocupados com os visitantes desconhecidos e a falta de controle sobre ele, ao mesmo tempo sabem que a atividade pode ser boa pra comunidade se for organizada, como é o caso os visitantes que o Projeto de TBC leva para a comunidade.

Estas informações refletem que as oficinas de sensibilização para o turismo, realizada pelo Projeto de TBC, estão sendo de certa forma eficiente, pois as informações sobre o turismo que

foram repassadas estão sendo refletidas pelos moradores de forma consciente sobre os aspectos positivos e negativos da atividade ocorrendo na comunidade.

Alguns aspectos dos visitantes agradam os moradores como é o caso dos visitantes que vão até a comunidade através do projeto e que querem conhecer a cultura quilombola, por outro lado a falta de respeito pelo seu território e sua cultura é apontado como um comportamento indesejado e que acontece com o visitante desconhecido que vai pra apreciar a praia da comunidade.

Dentre as palavras mencionadas para representar o que é Quilombo Mocambo o mais citado foi “História de luta e resistência”, que representa o sentimento de orgulho que os moradores sentem por serem quilombolas do território do Quilombo Mocambo. Por isso os moradores reconhecem que o turismo pode gerar vários tipos de benefícios para a comunidade, entretanto concordam com o seu desenvolvimento, desde que haja controle e que o que querem que seja conhecido e reconhecido pelos visitantes é acima de tudo a sua história e a cultura da comunidade, a “história de luta e resistência”.

3.3. ANÁLISE DO AMBIENTE - ANÁLISE SWOT

O turismo existe em um contexto denominado espaço que é composto pelos ambientes⁸ interno e externo, estes ambientes exercem influência sobre a atividade turística, assim sendo é de suma importância obter uma visão geral do espaço onde o turismo irá se instalar.

Para caracterizar estes ambientes e determinar o cenário atual da atividade turística no Quilombo Mocambo foi utilizada como metodologia de verificação de dados a Análise SWOT (sendo que SWOT é uma sigla em inglês das palavras Strengths - Forças, Weaknesses - Fraquezas, Opportunities - Oportunidades e Threats – Ameaças), com fins à elaboração do diagnóstico e planejamento. No Brasil é conhecida como DAFO - Debilidades, Ameaças, Fortalezas e Oportunidades ou como FOFA – Força, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça.

Para Bicho e Baptista (2006, p. 14) a Análise SWOT é

⁸ De acordo com o Dicionário Aurélio, a palavra ambiente significa: 1. Que cerca e envolve os seres vivos e/ou as coisas. 3. Lugar, espaço.

[] uma matriz de dois eixos, cada um dos quais composto por duas variações: pontos fortes (Strengths) e pontos fracos (Weaknesses) da análise interna; oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats) da análise externa. Ao construir a matriz as variáveis são sobrepostas, facilitando a sua análise e a procura de sugestões para a tomada de decisões, sendo uma ferramenta imprescindível na formação de Planos e na definição de Estratégias de negócio.

O Ambiente Interno ou microambiente, é o conjunto das características internas e que podem ser controladas pelos organizadores, é onde se concentram os pontos fortes e pontos fracos, as qualidades e as deficiências. Desta forma quando se determina uma força deve-se destacá-la por ser um aspecto positivo, uma vantagem e fator de ajuda, da mesma forma quando se encontra uma fraqueza deve-se reduzir o seu resultado e melhorá-lo por ser um aspecto negativo, uma desvantagem, pois se trata dos fatores que atrapalham o seu desenvolvimento.

O Ambiente Externo ou macroambiente, é onde se agrupam as oportunidades e as ameaças e que são forças que estão fora do controle dos organizadores, nesse sentido é de suma importância conhecer estas forças de forma a potencializar as oportunidades e facilidades, bem como deve impedir que as ameaças dificultem e que venham a prejudicar a atividade. Devido à falta de controle existente neste ambiente é preciso tentar estabilizar as forças que atuam nele a partir de estratégias que respondam às transformações que surgirem de forma a diminuir os riscos.

A análise buscou destacar os fatores internos e externos do turismo no Quilombo Mocambo e os dados foram agrupados em tabela respectivamente de acordo com a Matriz SWOT (quadro 03), definida pelos Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Ameaças, com o intuito de auxiliar na tomada de decisão de acordo com as variáveis que podem interferir no desenvolvimento da atividade turística, direta ou indiretamente e assim indicar estratégias para o plano, conforme apresentação a seguir:

Quadro 03 – Matriz SWOT

MATRIZ SWOT	
AMBIENTE INTERNO	
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> - Patrimônio arqueológico conservado. - Patrimônio histórico cultural protegido e identidade cultural de forte relação com o Território. - Moradores que apresentam interesse em desenvolver o turismo de forma controlada. - Presença de manifestação cultural do Samba de Coco. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conscientização ambiental dos moradores. - Desinteresse dos mais jovens em manter a dança do Samba de Coco original, devido ao modismo. - Empoderamento dos moradores dentro de seu território.

<ul style="list-style-type: none"> - Patrimônio edificado de arquitetura vernacular do sertão nordestino. - Tradição religiosa católica. - Tradição da vaquejada. - População hospitaleira, receptiva e amistosa. - Tradição da gastronomia sertaneja. - Associação que representa a comunidade. - Sede da Associação e Clube Social com infraestrutura básica para reuniões, oficinas e eventos. - Serviços da cadeia produtiva do turismo como hospedagem, serviço de alimentação, guiamento local, contação de histórias, lazer, entre outros, onde os moradores são os donos dos empreendimentos. - Oferta de serviços turísticos. - Duas casas antigas preservadas - Atividades rurais e domínio de técnicas agroecológicas de produção de alimentos. - Rio São Francisco nas práticas cotidianas dos moradores como abastecimento, pesca, lazer e transporte. - Recursos naturais do bioma caatinga. - Festas comemorativas como a novena da Gloriosa Santa Cruz. - Torneio de canoa a vela. - Produção de mel. - Produção artesanal de doces diversos, queijo coalho, biscoitos de farinha de tapioca. - Artesanato de bordado e madeira. - Estatuto com regras de uso coletivo do território. - Roteiro e preço cobrado. - Existência de objetivo no estatuto que contempla o desenvolvimento do turismo usando como modelo o TBC - Turismo de Base Comunitária, visando a sustentabilidade do território. - Variedade de atrativos turísticos. - Escolas de 1º e 2º grau. - Posto de saúde. - Parceria com o Projeto de TBC para assessoria relacionada ao turismo e desenvolvimento de projetos sustentáveis. - Fluxo pequeno de visitantes (amigos e parentes), visitantes agendados do Projeto de TBC e de visitantes desconhecidos. - Canal de comunicação e de venda através de página na internet e telefone. - Serviços de infraestrutura como água, energia, telefonia, internet, posto de saúde, escolas, televisão, transporte, acesso por estradas asfaltadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacitação para a gestão da associação e pouca cooperação entre os coordenadores e o coordenador geral. - Praça para socialização dos moradores. - Conflitos internos e desunião entre os moradores da comunidade. - Espaço para sediar o Projeto de TBC. - Inexistência de receptivo turístico. - Lixo espalhado, principalmente na área destinada à moradia, deixado pelos moradores. - Ações de promoção e comercialização do turismo. - Museu da comunidade. - Diversificação na oferta de hospedagem. - Monitoramento da comunidade no acesso de visitantes desconhecidos ao território, que por vezes causam conflitos e problemas. - Comércio local. - Animais soltos na área reservada à habitação. - Qualificação para o turismo. - Árvores frutíferas e de sombreamento. - Produção de produtos locais disponíveis para a venda aos visitantes. - Preservação de atrativos turísticos. - Atracadouro. - Diversificação de roteiros. - Saneamento básico. - Falta de emprego, causando êxodo rural. - Falta de segurança pela ausência de policiamento.
--	---

AMBIENTE EXTERNO

OPORTUNIDADE	AMEAÇA
<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. - Titulação da terra através do INCRA, terra de uso comum. - Possibilidade de parcerias com a UFS, IFS, UNIT, FASE, entre outros. - Comunidade foco de projeto de TBC desenvolvido por acadêmica da UFS; - Acesso a transporte de ônibus Mocambo/Aracaju/ Mocambo. - Diversificação público e roteiro. - Apoio do Ministério Público nas questões referentes aos direitos dos quilombolas. - Possibilidade de financiamento a projetos em editais e plataformas colaborativas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comprometimento do modo de vida ribeirinho e seu sistema produtivo devido a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (CHESF) que provocou a redução do volume de água do rio, o assoreamento e a falta de peixe. - Sinalização básica e turística na rodovia SE..... - Acesso aos serviços de telecomunicações. - Elevada dependência de políticas de transferência de recursos do Governo

<ul style="list-style-type: none"> -Acesso à Políticas Públicas de reparação aos remanescentes de quilombo. (MDIC) -Possibilidade de parceria com agências de Aracaju/SE, Piranhas/AL e outros lugares. -Acesso rodoviário por estradas pavimentadas e estrada de chão em bom estado de conservação. 	<ul style="list-style-type: none"> Federal como a Bolsa Família, Auxílio Defeso. - Escassez de produção de alimentos devido à construção da Usina Hidrelétrica de Xingó. - Lixo deixado na praia por visitantes desconhecidos. - Concorrência com os destinos Canindé de São Francisco/SE e Piranhas/AL..
---	---

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

2.3.1. ANÁLISE DO AMBIENTE INTERNO

A análise do ambiente interno visa destacar as forças e fraquezas de fatores internos ao turismo no Quilombo Mocambo, segue em determinar as aptidões que a comunidade tem em relação à atividade e que se traduzem nos pontos fortes em relação ao concorrente, da mesma forma os pontos fracos são as limitações internas para aproveitar as oportunidades que estão à disposição. Este ambiente pode ser controlado, portanto os pontos fortes poderão ser maximizados e os pontos fracos deverão ser contidos para diminuir o seu efeito.

PONTOS FORTES

São habilidades internas que podem ajudar a comunidade a atingir seus objetivos, desta forma são os aspectos positivos do Quilombo Mocambo que podem trazer algum benefício para o desenvolvimento do turismo e que estão sob o controle da comunidade que podem ser a imagem do destino, a qualidade do produto, os conhecimentos que domina e que faz bem, os recursos que podem aproveitar, o preço do produto, entre outros.

De acordo com o quadro, os pontos fortes da comunidade se destacam pela ampla oferta de atrativos de riqueza cultural e natural existentes. A riqueza cultural como os costumes de vida rural intermeado por resistência, dança, religiosidade, práticas agroecológicas, gastronomia típica e por seu patrimônio histórico, e a riqueza natural de belos cenários do bioma da caatinga e rio São Francisco. Dentre os atrativos de maior representatividade estão os símbolos identitários da cultura quilombola, tendo como representantes centrais “a história de luta pelo reconhecimento e pela terra” e os “modos de vida”.

A associação é a representante legal da comunidade e pode capitanear recursos para fortalecer o turismo. A existência do estatuto com regras de uso coletivo do território propicia a coletividade e um melhor uso dos recursos existentes, outro ponto favorável do estatuto é

contemplar o desenvolvimento da atividade turística através do modelo do TBC, que fortalece o desenvolvimento sustentável fundamentado nos pilares econômico, social, cultural e ambiental. E nesse sentido o interesse que a comunidade tem em desenvolver a atividade turística colabora para a prosperidade do turismo, pois sem o interesse da comunidade não seria possível que a atividade se desenvolvesse, uma vez que é próprio do modelo do TBC que a atividade seja gerida pelos comunitários e que os empreendimentos sejam dos moradores, isso traz autonomia com relação aos grandes mercados exploratórios do turismo, que se apropriam do espaço sem beneficiar as populações locais.

O controle que os moradores querem estabelecer sobre o número de visitantes e a frequência das visitas demonstra que a comunidade está preocupada com a ocupação pelo turismo em seu território e não deve ser visto como fator negativo de limitação. Na verdade o controle possibilita o domínio sobre a atividade aumentando a segurança.

A parceria feita com o Projeto de TBC levou qualificação aos moradores para oferecerem os serviços turísticos, além disso, organizou junto da comunidade um roteiro com proposta diferenciada de imersão cultural, que torna viva a história de luta e resistência. A visitação tem função pública e o conteúdo vinculado ao roteiro tem o intuito de levar o conhecimento ao visitante sobre momentos da história do Brasil e da luta e resistência do povo do Quilombo Mocambo, em Sergipe. De como comunidades tradicionais são ricas em sabedoria de uso do espaço e modos de prover a vida, se adaptando ao longo dos tempos, promovendo o respeito às relações humanas e a natureza. O roteiro oferecido possui proposta diferenciada de imersão cultural com variedade de atrativos naturais e culturais, além de preço justo e serviços simples.

Os serviços turísticos oferecidos são baseados na economia solidária e nos recursos disponíveis, dessa forma a hospedagem é domiciliar, a alimentação é feita por um grupo de pessoas, o guiamento é feito pelo morador e assim os benefícios econômicos gerados ficam na comunidade fortalecendo a economia local. As casas antigas, que podem se tornar pousadas futuramente, são a grande possibilidade de aumentar a disponibilidade para hospedar e diversificar a hospedagem, possibilitando hospedar em outros formatos.

O artesanato de madeira, o bordado, a produção de mel e a produção artesanal de doces diversos, queijo coalho e biscoitos de farinha de tapioca formam um conjunto de produtos locais de

grande interesse em ser consumido pelos visitantes, propiciando que mais moradores sejam beneficiados pela atividade, além disso, atende à necessidade do visitante de consumir produtos autênticos para levar para si ou como lembrança para parentes e amigos.

Embora apresente tantas forças positivas que parecem garantir o mercado e vingar a atividade, essas forças só serão efetivas caso a atividade turística esteja organizada de tal modo que seja capaz de oferecer qualidade de vida aos moradores e despertar no visitante o contexto histórico e as relações humanas que o roteiro propõe, todavia não se esquecendo da qualidade no atendimento e preços justos.

O planejamento deve fundamentar suas ações equilibrando ganhos econômicos, conservação do patrimônio e qualidade dos serviços. Desta forma a capacitação continuada é estratégia para todos os serviços oferecidos.

PONTOS FRACOS

Os pontos fracos são características que impedem e prejudicam o desenvolvimento do turismo na comunidade se tornando em desvantagem em relação à concorrência, estão relacionados à falta de pessoal qualificado, quadro de pessoal reduzido, falta de recursos, instabilidade pra fornecer o produto, imagem ruim, instalações e equipamentos inadequados, o que implica em identificar o que pode melhorar, onde é que faltam os recursos, entre outros.

O quadro dos pontos fracos identificou as fragilidades internas e é possível afirmar que variáveis relacionadas ao lixo, comércio, controle de entrada de pessoas desconhecidas na comunidade, conscientização ambiental, preservação de atrativos e cooperação interna estão relacionados à gestão da associação na comunidade, que necessita criar uma organização interna apoiada na cultura organizacional coletiva, além disso, necessita ser capacitada para os serviços que uma associação demanda, que guardando as devidas proporções, neste caso funciona como uma prefeitura.

Associações de comunidades quilombolas foram criadas para representar os quilombolas e administrar o seu patrimônio, porém essas organizações não foram orientadas e capacitadas para esse trabalho e seguiram trabalhando em seus próprios sistemas que por vezes são precários. No entanto essas organizações lidam diariamente com documentos como atas de

assembléias, prestação de contas, gestão de recursos financeiros, estatutos, direitos e deveres de associados e coordenação, entre outros, que além de terem que apresentar transparência, precisa atender às demandas de um trabalho executado de forma correta, como é o caso da prestação de contas, feita em cadernos próprios de contabilidade. Deste modo, qualificar o quadro de coordenadores da associação irá representar um impacto positivo tanto para a comunidade quanto para o turismo, no que diz respeito à gestão dos recursos e serviços.

A ausência de controle no acesso de visitantes desconhecidos ao território foi apontada como desfavorável, neste sentido a construção de receptivo e cobrança de taxa de manutenção entre outras, podem colaborar para a solução e aumentar o controle, porém sem empoderamento não irão conseguir efetivar o receptivo. O controle deve ser encarado como condição sine qua non para o desenvolvimento do turismo,

Quanto ao turismo, a qualificação que foi oferecida foi de forma básica, inicial, desta forma se a comunidade quiser aumentar a capacidade de receber e com qualidade será preciso nova capacitação.

Os atrativos atualmente não possuem responsáveis para seu devido cuidado, inclusive alguns atrativos estão se deteriorando como é o caso da igreja do Jaciobá, pois não há ações realizadas para a preservação dos patrimônios, da mesma forma o lixo está se espalhando pela área natural.

Há uma demanda por produtos locais e que a produção não é satisfatória, apesar de serem desejados pelos visitantes, contudo é preciso organizar essa produção que ainda não foi qualificada no projeto.

A falta de comércio local impossibilita que os moradores possam se prover de alimentos sem sair da comunidade, isso inviabiliza o serviço de alimentação assim como os moradores que vão a cidades próximas pra se abastecer.

A insuficiente diversificação da oferta de hospedagem diminui a capacidade de atingir outros públicos que não o da hospedagem domiciliar, pois nem todas as pessoas estão disponíveis para este formato de hospedagem.

Sobre a promoção e comercialização do turismo, as ações nas redes sociais ainda são insuficientes e não atingem o cliente de forma efetiva e eficiente, é preciso criar um plano de marketing que leve em consideração os objetivos de se desenvolver a atividade na comunidade, que não são apenas financeiros e as campanhas devem estar engajadas com a identidade cultural local.

A inexistência de receptivo causa diversos problemas, principalmente com relação aos visitantes desconhecidos que não agendam sua visita, esse visitante tem livre acesso à comunidade e não há nada que impeça a sua entrada, alguns andam em alta velocidade, outros fazem churrasco na praia, essas questões tem afligido os moradores que estão ficando preocupados com esse tipo identificado de visitante. Por isso que a comunidade quer tanto o controle da entrada de visitantes. O centro pode informar ao visitante sobre a comunidade, de que forma ela oferece o turismo em seu território e criar uma área restrita ao trânsito de visitantes desconhecidos.

A falta de espaço para o Projeto de TBC foi identificado no estudo, pois não há local para guardar o material que o projeto possui, nem para realização de oficinas e trabalhar, apesar da parceria com a escola e a associação para desenvolver as atividades do projeto, a falta de espaço impossibilita de atender às próprias necessidades do próprio projeto, como local pra receber os visitantes, espaço para a interação de visitantes e anfitriões, restaurante, loja de produtos, entre outros que poderiam contribuir para a melhoria da oferta do roteiro.

Foi assinalado igualmente como ponto fraco os conflitos internos e a falta de união entre os moradores, são raras as comunidades que não possuem conflitos internos, pois é típico de comportamento de grupo, porém o grupo deve estar sempre atento para o nível de conflito e desunião, a ponto de ser prejudicial para o desenvolvimento.

Outra ausência apontada no estudo foi a falta de uma praça, como espaço de encontro ao ar livre para os moradores e para as crianças brincarem, na comunidade não há nenhum outro lugar, além da praia, como local coletivo de diversão. A quantidade de árvores de sombreamento e frutíferas não atende à demanda e a comunidade está sentindo falta da mesma forma de áreas verdes próximo ao local de moradia para desfrutar.

A falta de empoderamento, como socialização do poder entre os moradores quilombolas sobre o que é seu por direito e conquista, é muito comum entre comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, pois são populações que passaram por vários processos históricos de racismo, preconceito, de exclusão dos costumes originais, entre outros, desta forma o empoderamento é um ato político contra a opressão e a inviabilização. O desinteresse dos mais jovens em manter o Samba de Coco original está relacionado aos modismos e ao pouco empoderamento, neste sentido estão naturalizando uma nova dança, com inclusão de passos de samba, arroxa, entre outros, em substituição ao original, com perda da identidade cultural por acharem que é mais atrativo para eles mesmos. De certo o empoderamento precisa a todo o momento ser reafirmado entre todos os moradores, pois representa a extensão das lutas enfrentadas. É imprescindível que se crie táticas de empoderamento, reivindicando o direito à humanidade, criando formas de combater a falta de equidade e fortalecendo a luta é por direitos que não são apenas seus, mas em prol do grupo.

A pouca conscientização ambiental dos moradores tem causado um grande impacto negativo na comunidade, o lixo está espalhado por muitos lugares e sendo naturalizado na paisagem ainda virgem, nesse sentido permanece como um legado para as gerações futuras. Ações de limpeza coletiva organizada pela associação já ocorreram, houve limpeza de alguns locais, porém, alguns moradores voltam a deixar o lixo em locais indevidos, gerando além do lixo espalhado, conflitos entre os próprios moradores. Os animais soltos da mesma forma são apontados como um grande problema, pois eles tem liberdade pra andar por toda a comunidade, sujando e estragando quintais, que geram conflitos entre os moradores.

A produção alimentar, a partir de 1994, ficou comprometida com a construção da usina, entretanto este quadro não irá mudar e sendo a comunidade rural é preciso inovar na produção alimentar, que hoje traz dependência do comércio de outras cidades.

3.3.2. ANÁLISE DO AMBIENTE EXTERNO

A análise do ambiente externo é realizada com relação ao macroambiente, está relacionada à determinação das oportunidades e ameaças de fatores externos e de que forma se pode tirar proveito das oportunidades e de como se podem minimizar as ameaças ao desenvolvimento do turismo. São mudanças que estão fora do controle da comunidade e que afetam o desempenho

do turismo, entretanto estas mudanças afetam da mesma forma a toda a concorrência, pois estão todos no mesmo macroambiente e apesar de o ambiente estar fora do controle é sempre possível monitorar e impedir as ameaças.

OPORTUNIDADE

As oportunidades são fatores externos positivos que podem ser explorados em favor do desenvolvimento do turismo, elas podem ser o diferencial da marca, um produto inovador, novas habilidades ou qualificações adquiridas ou até mesmo a concorrência fraca.

Como apontamentos sobre oportunidades o reconhecimento como remanescente de quilombo e a titulação das terras através do INCRA com a terra de uso comum, é em especial muito importante para a comunidade por não poderem vender ou alugar o território, dessa forma são beneficiados por não estarem sujeitos à especulação imobiliária e a grandes mercados capitais. O reconhecimento da mesma forma possibilita o direito às cotas e às políticas públicas como a “bolsa família”.

Outras oportunidades possuem destaque na comunidade como a existência de escolas de 1º e 2º grau e existência de posto de saúde, pois nem todas as comunidades tem essa infraestrutura à disposição, o que beneficia muito a comunidade.

As parcerias que a comunidade pode fazer com as instituições de ensino como a Universidade Federal de Sergipe, Instituto Federal de Sergipe, Universidade Tiradentes e Faculdade Estácio serão uma grande oportunidade, pois podem surgir cursos de qualificação e oficinas com outros temas que beneficiem a comunidade, principalmente com relação ao turismo.

A parceria com o Projeto de TBC para assessoria relacionada ao turismo e desenvolvimento de projetos sustentáveis é e será uma chance da comunidade trabalhar o turismo de forma organizada por longo prazo e depois dar continuidade quando estiver estruturada e com autonomia.

Um pequeno número de visitantes tem procurado a comunidade que pode se organizar de forma adequada a receber os três tipos de visitantes que atualmente vai à comunidade e se beneficiar com esse fluxo, entretanto será preciso se adaptar a algumas situações, como confeccionar

novos formatos de roteiro e construir o centro receptivo para conseguir estruturar estas demandas e não perder a oportunidade de atender a todos, se beneficiando desse potencial, ainda que pequeno.

O acesso a transporte de ônibus com linha diária de ida e volta para a capital Aracaju foi verificado como uma oportunidade para o deslocamento do visitante que não tem carro, que poderá visitar a comunidade a mesma forma.

A comunidade pode confeccionar novos formatos de roteiro para oferecer ao público e assim diversificar o público igualmente, está seria uma grande oportunidade, a de criar novos produtos para oferecer e gerar novo fluxo turístico.

O Ministério Público é um grande apoiador da comunidade e está sempre disposto a colaborar em suas necessidades, principalmente nas questões referentes aos direitos dos quilombolas, pois quando surgem conflitos ou problemas o órgão é acionado em sua defesa.

Na atualidade o Projeto de TBC possui uma página na rede social Facebook para comunicar ao público o trabalho que vem executando na comunidade e divulgar o roteiro, possui também uma linha de telefone onde podem ser feitos contatos diretos e passadas informações que se constituem em uma oportunidade de comunicação com o visitante, da mesma forma pode buscar novos formatos de promoção e comercialização e continuar sendo uma oportunidade para a comunicação. Outros canais de comunicação como a TV são igualmente oportunos, entretanto é preciso tornar a comunidade estruturada para receber fluxo de visitantes antes de torná-la tão conhecida turisticamente, o que deve ser feito gradativamente e de forma planejada.

Buscar fontes de financiamento para projetos em editais diversos será a grande chance para viabilizar o sucesso do Projeto de TBC, haja visto que as políticas públicas federais e estaduais para o TBC são praticamente inexistentes e as de turismo não alcançam a comunidade, desta forma os editais são a oportunidade de por em prática projetos que necessitam de recursos financeiros para se desenvolver, como é o caso do centro receptivo turístico.

Outra grande oportunidade que foi averiguada é o fato da comunidade poder realizar parcerias com agências de Aracaju/SE e Piranhas/AL, bem como de outros lugares para gerar novo fluxo

de visitantes, nesse sentido pode apresentar o roteiro já existem ou os novos formatos que serão confeccionados e atrair novos visitantes ou os que já conhecem a comunidade para fidelizar o visitante.

A existência de serviços de infraestrutura como água, energia, telefonia, internet, posto de saúde, escolas, televisão, transporte, acesso por estradas asfaltadas foi citado como oportunidade, pois nem todas as comunidades possuem infraestrutura desse porte, o que se constitui em oportunidade, pois irá auxiliar em uma estada com mais qualidade para o visitante. O próprio acesso rodoviário por estradas pavimentadas e estrada de chão em bom estado de conservação propicia que o visitante tenha uma viagem tranquila.

AMEAÇAS

As ameaças são os fatores negativos externos que podem anular as vantagens existentes, são elementos desfavoráveis que devem ser ultrapassados para não comprometerem o desempenho da atividade turística como novos competidores, restrição de orçamento, limitação de recursos humanos, o pouco comprometimento dos membros da equipe, alterações culturais, novas tecnologias, entre outros, e desta forma buscar solucionar o que ameaça os seus objetivos.

No Quilombo Mocambo foi apontada como ameaça a falta de saneamento básico que compromete a qualidade de vida dos moradores e dos visitantes, pois os resíduos são direcionados para as ruas ou o fundo dos quintais e ficam a céu aberto, possibilitando a proliferação de doenças e a degradação do meio ambiente, afetando diretamente as pessoas.

Uma grande ameaça para a comunidade é a Usina Hidrelétrica de Xingó que provocou a redução do volume de água do rio São Francisco, o assoreamento, a falta de peixe, escassez de produção de alimentos, o comprometimento do modo de vida ribeirinho e seu sistema produtivo.

Como essa realidade não irá se modificar, demonstra que há uma necessidade urgente da comunidade de se adequar a um novo sistema produtivo, pois a principal atividade econômica dos moradores se baseia em atividades rurais de subsistência.

Assim sendo a falta de emprego é uma constante, trazendo enorme dependência dos moradores pelas políticas públicas de transferência de recursos do Governo Federal como a Bolsa Família, Auxílio Defeso.

A falta de sinalização básica e turística compromete o acesso do visitante à comunidade e aos atrativos, o que conseqüentemente pode comprometer o fluxo turístico e a atividade.

A falta de segurança pela ausência de policiamento pode ser ameaçada com a presença de visitantes, principalmente se não houver organização da atividade, desta forma há uma necessidade de dar solução para a falta de policiamento.

Da mesma forma que muitos moradores deixam lixo espalhado, visitantes desconhecidos igualmente têm deixado elevada quantidade de lixo na praia, deixando os moradores descontentes com essa atitude do visitante, que tem aumentado à medida que novos visitantes surgem. Isso tem causado grande impacto ambiental negativo, pois o lixo fica na beira do rio e com o tempo, se os moradores não limparem, começa a se espalhar pela orla, podendo causar doenças e comprometer a qualidade de vida do morador e do visitante.

A concorrência com os destinos Canindé de São Francisco/SE e Piranhas/AL foi assinalada como ameaça, pois além de estarem próximos à comunidade, são destinos consagrados pela qualidade de serviço e de atrativos, necessitando haver, portanto que se utilizem as forças internas para transformar a ameaça em oportunidade.

CAPÍTULO 4: PROGNÓSTICO

O prognóstico é uma projeção futura das variáveis do diagnóstico onde propõe estimativas de curto, médio e longo prazo, deve ser avaliado pelo menos uma vez por ano para que seja efetivo. Como relata Molina (2001, p. 95) “somente a partir de um diagnóstico é possível efetuar o prognóstico, que consiste na projeção das variáveis identificadas no diagnóstico, tal como se desenvolverão no futuro sempre que não se intervenha para alterar esta tendência”.

De acordo com os dados do diagnóstico há um eminente fluxo turístico que carece ser organizado para ser mais bem aproveitado e trazer benefícios para a comunidade. Em Sergipe existem poucas iniciativas que utilizam o TBC como modelo de desenvolvimento e na região onde se localiza o Quilombo Mocambo não há nenhuma. Desse modo é evidente a expansão da atividade turística na comunidade e o seu destaque no cenário futuro do turismo, caso continue a ser uma iniciativa inovadora, acolhedora, com boa qualidade dos serviços prestados, preço justo e preservação do seu patrimônio e modos de vida.

CAPÍTULO 5: ESTRATÉGIAS E LINHAS DE AÇÃO

Tendo em vista a eminente expansão do turismo na comunidade evidenciado no diagnóstico, as estratégias e as linhas de ação deste Plano foram definidas almejando a efetividade e a eficácia dos recursos disponíveis. Assim sendo observou-se que seria necessário uma melhoria da gestão da associação, a estruturação da oferta turística, a estruturação do produto, da promoção e da comercialização do destino e por fim um estímulo o diálogo do TBC em Sergipe.

Assim, por consequência tornar a comunidade apta para receber os visitantes eminentes de forma organizada e controlada, possibilitando que se oportunize geração de renda, preservação do patrimônio natural e cultural, participação ativa da comunidade nos processos turísticos, aumento do empoderamento e aumento da qualidade de vida. Para tanto foram determinados quatro eixos a serem trabalhados:

Eixo 01: Gestão da Associação (quadro 04);

Eixo 02: Estímulo ao TBC (quadro 05);

Eixo 03: Estruturação da oferta turística (quadro 06); e

Eixo 04: Marketing Turístico (quadro 07),

Cada eixo foi organizado em quadros que destacam o cenário conservador e o cenário almejado, projetando as potencialidades de crescimento para o futuro desejado, para alcançar os objetivos, como se pode ver a seguir.

Quadro 04 – EIXO 01: GESTÃO DA ASSOCIAÇÃO

Problemática	Cenário Conservador	Estratégia	Cenário Almejado	Objetivo	Linha de Ação	Prazo	Prioridade	Viabilidade	Responsável
Falta de conscientização ambiental dos moradores.	Degradação do meio ambiente pelos moradores.	Promoção ações de educação ambiental junto aos moradores quanto ao uso sustentável do meio ambiente do território, através de parceria entre o projeto, associação, instituição de ensino da área de meio ambiente e poder público estadual.	Sensibilizar os moradores quanto aos impactos negativos gerado no meio ambiente.	Melhorar a conscientização ambiental dos moradores.	Promover ações de educação ambiental junto aos moradores.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Universidade Tiradentes. -Curso de Gestão de Meio Ambiente da Universidade Tiradentes. -Secretaria de Estado do Meio Ambiente.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Universidade Tiradentes. -Curso de Gestão de Meio Ambiente da Universidade Tiradentes.
Falta de interesse dos mais jovens em manter a dança do Samba de Coco original.	Aculturação do Samba de Coco em detrimento ao modismo.	Realização de oficinas aos moradores sobre o Samba de Coco e sua importância na construção da identidade cultural do Quilombo Mocambo com ações de preservação da dança, por meio de parceria entre o projeto de TBC, associação e poder público estadual.	Assegurar a preservação do Samba de Coco como identidade cultural do Quilombo Mocambo.	Estimular a valorização e a preservação do Samba de Coco.	Possibilitar oficinas de valorização e preservação do Samba de Coco.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Instituto Federal de Sergipe. -Universidade Federal de Sergipe.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo.

								-Secretaria de Estado da Cultura.	
Pouco empoderamento dos moradores dentro de seu território.	Perda do poder dentro do território.	Concretização de oficina de empoderamento para os moradores, com parceria entre a associação, o projeto de TBC e instituição privada, que resultem em fortalecimento da autoestima e da cultura quilombola.	Aumentar o empoderamento e a autoestima dos quilombolas.	Despertar a autoestima e o empoderamento dos quilombolas.	Incrementar oficinas para ampliação do empoderamento dos moradores.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Instituto Federal de Sergipe. -Universidade Federal de Sergipe. -Secretaria de Estado da Cultura. -Unegro Sergipe.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Unegro Sergipe.
Deficiência na gestão interna da associação.	Uso inadequado das ferramentas de gestão pela associação.	Promoção de oficinas aos coordenadores da associação sobre capacitação para o aperfeiçoamento da gestão de associações, com parceria entre a associação, o projeto de TBC e representante do setor privado.	Aperfeiçoar a eficiência e a transparência na gestão da associação.	Melhorar a eficiência e a transparência na gestão da associação.	Oferecer capacitação para o aperfeiçoamento da gestão territorial da associação.	Médio	3	Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -SEBRAE.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo.
Existência de conflitos internos e desunião entre os moradores da comunidade.	Intolerância entre os moradores.	Criação de grupo para mediação e resolução de conflitos internos da comunidade e sensibilização das	Garantir uma convivência tranquila e de união entre os moradores.	Potencializar a boa convivência e a união entre os moradores do quilombo.	Constituir grupo de mediação de conflitos internos para salvaguarda da	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

		partes para a união, com parceria entre a associação, o projeto de TBC e instituição privada.			boa convivência.			-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Unegro Sergipe.	-Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Unegro Sergipe.
Ausência de saneamento básico.	Precariedade dos serviços de saneamento básico.	Planejamento e implantação do sistema de saneamento básico na comunidade, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, o poder público municipal e instituição de ensino da área de meio ambiente.	Viabilizar a implantação do serviço de saneamento básico.	Melhorar o saneamento básico.	Implantar o sistema de saneamento básico na comunidade.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Municipal de Infraestrutura.	-Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Municipal de Infraestrutura.

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 05 – EIXO 02: FOMENTO AO TBC

Problemática	Cenário Conservador	Estratégia	Cenário Almejado	Objetivo	Linha de Ação	Prazo	Prioridade	Viabilidade	Responsável
Ausência de Políticas Públicas de fomento ao TBC no estado de Sergipe.	Inviabilidade do desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais no Estado.	Realização de reuniões que estimulem o diálogo para o fortalecimento e fomento do TBC em Sergipe	Construção de Políticas Públicas de fomento ao TBC no estado de Sergipe	Instigar o diálogo sobre o TBC no estado visando o fomento da atividade em comunidades tradicionais.	Estimular reuniões de diálogos sobre o TBC em Sergipe, sobretudo que fortaleçam as	Médio/ Longo	1	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

					comunidades tradicionais.				-Instituto Federal de Sergipe. -Universidade Federal de Sergipe. -Secretaria de Estado do Turismo. -Iniciativas de TBC.
--	--	--	--	--	---------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 06 – EIXO 03: ESTRUTURAÇÃO DA OFERTA DO TBC

Problemática	Cenário Conservador	Estratégia	Cenário Almejado	Objetivo	Linha de Ação	Prazo	Prioridade	Viabilidade	Responsável
Inexistência de espaço para sediar o Projeto de TBC.	Dificuldade para desenvolver o Projeto de TBC.	Viabilização da construção da sede para abrigar o Projeto Rota do Quilombo Mocambo, com sala administrativa e área para reuniões e oficinas, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, em conjunto com instituição de ensino da área de arquitetura.	Viabilizar a construção da sede do Projeto de TBC.	Implantar a sede do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	Construir a sede do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.
Falta de centro receptivo turístico para organização do fluxo turístico.	Desorganização do fluxo turístico por falta de centro receptivo turístico.	Viabilização da construção do centro receptivo turístico para controle da entrada e saída de	Viabilizar a construção de centro receptivo turístico para controle da	Melhorar a infraestrutura turística com a construção de	Construir centro receptivo turístico com loja, museu, restaurante e	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

		visitantes desconhecidos na área da praia, com informações sobre a comunidade e cobrança de taxa de visitação, além disso, a construção deve contemplar estacionamento, restaurante comunitário, loja para venda de produtos locais, museu, banheiros, mesas próximas à praia, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, em conjunto com instituição de ensino da área de arquitetura.	entrada e saída de visitantes desconhecidos na área da praia, organização do fluxo turístico e oferta de produtos e serviços.	centro receptivo turístico.	sala administrativa.			-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.	-Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.
Ausência de diversificação de roteiros.	Carência na diversificação da oferta de roteiros.	Elaboração de formatos diferenciados de roteiro “day use” e “roteiros integrados”, para oferecer a agências, escolas, instituições, entre outros, construídos a partir da proposta já existente de roteiros como no modelo de desenvolvimento do TBC em parceria	Aumentar a variedade de roteiros turísticos.	Ampliar a variedade de roteiros.	Elaborar formatos diferenciados de roteiros para serem oferecidos a agências, escolas, instituições, entre outros.	Médio	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

		com os membros do projeto.							
Pouca oferta e variedade de hospedagem.	Impossibilidade de aumentar e diversificar a hospedagem com limitação de fluxo turístico.	Adequação das casas antigas para uso como pousadas comunitárias, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, em conjunto com instituição de ensino da área de arquitetura e empresa privada.	Aprimorar a capacidade e a diversificação da hospedagem.	Aumentar a capacidade e diversificar a hospedagem.	Adequar as casas antigas para uso como pousadas comunitárias.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes. -Empresa privada	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.
Insuficiente qualificação dos serviços da cadeia do turismo.	Pouca qualificação dos serviços turísticos oferecidos.	Realização de oficinas de qualificação dos serviços turísticos oferecidos, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, instituições de ensino da área de Turismo.	Aperfeiçoar a qualidade dos serviços turísticos oferecidos ao visitante.	Melhorar a qualidade da mão de obra turística local.	Proporcionar capacitação para a qualificação dos serviços turísticos oferecidos.	Curto/ Médio/ Longo	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Instituto Federal de Sergipe. -Universidade Federal de Sergipe. -Secretaria de Estado do Turismo. -SEBRAE. -SENAC.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Instituto Federal de Sergipe. -Universidade Federal de Sergipe. -Secretaria de Estado do Turismo. -SEBRAE. -SENAC.
Precariedade na qualificação do serviço de guiamento local.	Pouca qualificação do serviço de guiamento local com	Realização de oficina de qualificação aos guias locais para oferecerem experiência turística	Proporcionar melhoria na qualidade dos serviços de guiamento local	Elevar a qualidade dos serviços de	Propiciar qualificação aos guias locais para oferecerem	Curto/ Médio/ Longo	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

	comprometiment o da experiência turística.	única, com guiamo de qualidade onde o roteiro terá função pública, narrado pelos próprios moradores e fundamentado em levar conhecimento e vivência diferenciada, realizado em parceria com instituições de ensino da área de Turismo.	para aprimorar o aproveitamento da experiência turística.	guiamo local.	experiência turística com função pública.			-Instituto Federal de Sergipe. -SEBRAE.	-Instituto Federal de Sergipe. -SEBRAE.
Insatisfatória fabricação de produtos locais disponíveis para a venda aos visitantes.	Capacidade limitada para ofertar produtos locais aos visitantes.	Viabilização de oficinas voltadas ao estímulo do desenvolvimento de negócios locais e de valorização da economia da cadeia turística da comunidade, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, em conjunto com instituição de ensino da área de turismo.	Melhorar a oferta de produtos locais com movimentação da economia da cadeia turística da comunidade.	Aumentar a oferta de produtos locais aos visitantes.	Oportunizar oficinas de estímulo ao desenvolvimento de negócios de produção local.	Médio	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -SEBRAE.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -SEBRAE.
Inexistência de preservação de atrativos turísticos.	Precariedade na preservação do patrimônio natural e cultural com comprometiment o dos atrativos.	Criação de comissão de moradores que irão cuidar e monitorar o patrimônio da comunidade, com parceria entre a	Garantir a proteção e a conservação do patrimônio da comunidade	Aumentar a proteção e conservação do patrimônio da comunidade.	Constituir comissão de moradores que cuidem e monitorem o patrimônio comunitário.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

		associação e o projeto de TBC.							
Inexistência de atracadouro.	Comprometimento em receber visitantes transportados por barcos e catamarãs.	Viabilização da construção do atracadouro com estrutura para ancorar barcos do porte do catamarã, em parceria com instituição de ensino da área de arquitetura e poder público.	Melhorar a infraestrutura turística a partir da construção de atracadouro para aumentar fluxo de visitantes transportados por barcos e catamarãs.	Aumentar fluxo de visitantes transportados por barcos e catamarãs.	Construir atracadouro que garanta o ancoradouro de barcos do porte do catamarã.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Municipal de Infraestrutura.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Municipal de Infraestrutura.
Falta de parceria com agências de viagem de Aracaju/SE, Canindé de São Francisco/SE, Piranhas/AL, entre outras.	Limitação do fluxo turístico por falta de parceria com agências de viagem.	Estabelecimento de parcerias com agências de vagem de várias localidades para realizar roteiros na comunidade, em especial agências de Aracaju/SE, Canindé de São Francisco/SE e Piranhas/AL, onde estão os principais concorrentes.	Aumentar e diversificar público a partir de parcerias realizadas com agências de viagem.	Aumentar fluxo de visitantes através de parcerias realizadas com agências de viagem.	Estabelecer parcerias com agências de viagem de várias localidades.	Curto/Médio	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.
Ausência de sinalização básica e turística.	Falta de sinalização básica e turística com	Viabilização e execução do Plano de Sinalização Turística da comunidade, em	Viabilizar a sinalização turística na comunidade e	Melhorar o acesso dos visitantes à comunidade e	Implantar sinalização turística na comunidade.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo.	-Coordenação do Projeto Rota do

	comprometimento da localização da comunidade e dos atrativos turísticos.	parceria com instituição de ensino da área de arquitetura e poder público estadual.	promover o acesso e deslocamento do visitante à comunidade e aos atrativos turísticos, de forma planejada.	aos atrativos turísticos.					-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Estadual de Infraestrutura.	Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes. -Prefeitura de Porto da Folha. -Secretaria Estadual de Infraestrutura.
Insuficiência de monitoramento da comunidade no acesso de visitantes desconhecidos à praia.	Invasão de visitantes desconhecidos com inserção de problemas e conflitos.	Planejamento e construção de guarita para monitoramento, fiscalização e direcionamento de visitantes desconhecidos ao centro receptivo turístico para informações sobre a comunidade e entrada exclusiva para restaurante, loja e praia, com parceria entre a associação, o projeto de TBC e instituições de ensino da área de arquitetura.	Viabilizar a construção de guarita para gerar fluxo monitorado e amistoso de visitantes desconhecidos na praia.	Aumentar o monitoramento do acesso de visitantes.	Construir guarita de monitoramento, fiscalização e direcionamento de visitantes.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Arquitetura da Universidade Tiradentes.	

Falta de conscientização ambiental dos visitantes desconhecidos que deixam lixo na praia da comunidade.	Degradação do meio ambiente pelos visitantes desconhecidos.	Realização de campanha educativa de sensibilização dos visitantes para a conscientização ambiental, com parceria entre a associação, o projeto de TBC, instituição de ensino da área de meio ambiente.	Sensibilizar os visitantes quanto ao descarte de lixo no território e os impactos negativos gerados ao meio ambiente.	Aumentar a conscientização ambiental dos visitantes.	Realizar campanha educativa de conscientização ambiental dos visitantes.	Médio	3	-Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Setor de Extensão da Universidade Tiradentes. -Curso de Gestão do Meio Ambiente da Universidade Tiradentes.	-Coordenação do Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -Coordenação Associação Remanescente do Quilombo Mocambo. -Curso de Gestão do Meio Ambiente da Universidade Tiradentes.
--	---	---	---	---	---	-------	---	--	---

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 07 – EIXO 04: MARKETING TURÍSTICO

Problemática	Cenário Conservador	Estratégia	Cenário Almejado	Objetivo	Linha de Ação	Prazo	Prioridade	Viabilidade	Responsável
Pouco conhecimento das pessoas sobre a comunidade por insuficiência de ações de promoção e comercialização do turismo.	Ausência de ações conjuntas de promoção e comercialização do turismo no Quilombo Mocambo.	Viabilização do Plano de Marketing Turístico para conhecimento das pessoas sobre o Projeto Rota do Quilombo Mocambo, com campanha engajada de espírito de sustentabilidade e de experiência cultural e canal para informações e	Aumentar o conhecimento das pessoas sobre o Projeto Rota do Quilombo Mocambo a partir da viabilidade de Plano Marketing Turístico	Aumentar a disponibilidade de informações turísticas sobre o Projeto Rota do Quilombo Mocambo por meio de campanha de marketing planejada e engajada.	Elaborar e executar Plano de Marketing Turístico.	Médio	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo.

		comercialização dos roteiros.							
Pouco conhecimento dos membros do projeto sobre o marketing turístico.	Deficiência na autonomia dos comunitários sobre o marketing para serviços e produtos turísticos no Quilombo Mocambo.	Promoção de oficina sobre desenho do produto, preço, promoção e distribuição do turismo, dando autonomia aos membros do projeto sobre o desenvolvimento do turismo na área de marketing.	Melhorar o conhecimento dos membros do projeto sobre marketing turístico.	Aumentar o conhecimento e autonomia dos membros do projeto sobre marketing para serviços e produtos turísticos no Quilombo Mocambo.	Promover qualificação dos membros do projeto sobre o desenho do produto, preço, promoção e distribuição de serviços e produtos turísticos.	Médio	3	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. -SEBRAE.	-Projeto Rota do Quilombo Mocambo. --SEBRAE.

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

CAPÍTULO 6: MISSÃO, VISÃO E OBJETIVOS

A missão, a visão e os objetivos de um plano é uma das etapas do planejamento e de acordo com os conceitos da administração são aspectos internos da empresa, para Chiavenato (2007, p. 154)

[...] A missão define o papel assumido pela empresa na sociedade, enquanto a visão define o que pretende ser no futuro e os objetivos a alcançar. Missão e visão funcionam como balizadores de toda atividade humana na empresa e indicam como as pessoas podem contribuir para o sucesso do negócio.

No Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo a missão seria o propósito e a finalidade do TBC na comunidade, a visão seria o que o TBC na comunidade quer ser futuramente e os objetivos seriam aonde o TBC na comunidade quer chegar no futuro.

Este capítulo apresentará a seguir a missão, a visão e os objetivos do Plano de Desenvolvimento Turístico do Quilombo Mocambo que foram construídos a partir do prognóstico, visando o desenvolvimento sustentável da atividade turística.

6.1. MISSÃO

- ✓ Fomentar a cultura e identidade quilombola a partir da oferta de produtos turísticos na linha do Turismo de Base Comunitária que possibilitem novas experiências para os visitantes.

6.2. VISÃO

- ✓ Tornar o Quilombo Mocambo um destino consolidado e referência como modelo de Turismo de Base Comunitária em Sergipe e no Brasil.

6.3. OBJETIVOS

- ✓ Implantar o Turismo de Base Comunitária na comunidade do Quilombo Mocambo de forma planejada, propiciando melhoria na qualidade de vida dos moradores com a preservação do patrimônio natural e cultural.

6.3.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Desenvolver atividades de conscientização ambiental com os moradores e visitantes;
- 2) Fortalecer a identidade quilombola entre os moradores;
- 3) Despertar o empoderamento dos quilombolas.
- 4) Potencializar a gestão da associação;
- 5) Cumprir ação estratégica do Projeto Rota o Quilombo Mocambo;
- 6) Beneficiar a qualidade de vida dos moradores;
- 7) Ampliar negócios locais de apoio ao turismo;
- 8) Sistematizar a produção turística em forma de roteiros de Turismo de Base Comunitária;
- 9) Implantar a sede do Projeto Rota do Quilombo Mocambo, o centro receptivo turístico e o atracadoiro;
- 10) Monitorar o acesso de visitantes;
- 11) Qualificar prestadores de serviços turísticos;
- 12) Expandir parcerias com agências de viagem.
- 13) Desenvolver campanha de marketing engajada.

CAPÍTULO 7: MONITORAMENTO E CONTROLE

O monitoramento é um mecanismo de controle do Plano e é uma etapa tão importante do planejamento quanto o planejar, pois sem o monitoramento o plano corre o risco de não ser avaliado e acompanhado em seu processo de execução e não ter indicado quem irá monitorar as ações. Assim sendo o monitoramento é um conjunto de ferramentas adequadas para o controle e verificação do planejamento turístico de um destino, visando o seu cumprimento a partir do desenvolvimento sustentável da atividade turística.

Tendo em vista a fragilidade do meio em questão e o impacto que o turismo pode causar, o monitoramento é, portanto ferramenta primordial a ser utilizada neste Plano, pois permite o acompanhamento das ações a serem desenvolvidas avaliando a sua eficácia. Em comunidades quilombolas, onde o planejamento deve ser criterioso para garantir a preservação do patrimônio natural e cultural, o monitoramento carece ser realizado visando a sustentabilidade da atividade.

Neste sentido os indicadores são as ferramentas que irão avaliar estes processos possibilitando concluir possíveis medidas de melhoria, pois permitem supervisionar e avaliar a execução do plano de ação e o progresso na consecução dos objetivos. Os indicadores em si não resolvem os problemas, entretanto contribuem para melhor compreensão dos dados que podem conduzir a soluções mais eficazes, além do mais podem ter influência determinante de três formas: através da informação gerada, das associações que criam e pelas ações que promovem (OMT, 2005).

Para a elaboração, seleção e avaliação dos indicadores deste Plano buscou-se, de acordo com o Guia da Organização Mundial do Turismo (OMT), que os indicadores fossem práticos, não tivessem limitação técnica, limitação financeira, fossem de fácil aplicação e de fácil processamento dos dados, segundo os cinco critérios estabelecidos pela OMT (2005 p. 46) de: 1)Pertinência do indicador com o problema selecionado; 2) Possibilidade real de obter e analisar a informação necessária; 3)Credibilidade da informação; 4)Clareza da informação e 5) Comparabilidade das informações.

De acordo com a sua aplicação os indicadores que a princípio pareciam cumprir o critério poderão ser melhorados e aperfeiçoados para novas medições. Deve-se salientar que os indicadores não têm que ser necessariamente quantitativos, pois informações quantitativas, descritivas e normativas da mesma forma podem ser úteis, quanto ao número de indicadores este deve ser estabelecido de acordo com o usuário e, por conseguinte deve ser o número suficiente para responder aos problemas em questão e favorecer o processo de tomada de decisão (OMT, 2005). Os indicadores selecionados neste Plano são comuns a várias ações, contudo os indicadores serão abordados e descritos separadamente com suas referências em cada ação.

Este Plano será monitorado pelo Projeto Rota do Quilombo Mocambo e a Associação Remanescente do Quilombo Mocambo em todas as suas etapas e na medida em que avance, havendo a necessidade de instituir uma governança será criado um conselho ou colegiado. Os quadros a seguir (quadros 08, 09, 10 e 11) demonstram o monitoramento realizado através dos indicadores selecionados para cada ação do Plano.

Quadro 08 - EIXO 01: GESTÃO DA ASSOCIAÇÃO

LINHAS DE AÇÃO	INDICADORES DE MONITORAMENTO	PRIORIDADE	PRAZO FINAL
Promover ações de educação ambiental junto aos moradores.	1) Grau de satisfação da população local em relação ao lixo espalhado na comunidade. 2) Grau de satisfação dos visitantes em relação à conservação da praia e do território. 3) Acompanhamento da efetividade da ação junto à comunidade e do progresso de limpeza de áreas detectadas com lixo.	A cada 6 meses	3 anos
Possibilitar oficinas de valorização e preservação do Samba de Coco.	1) Nível de satisfação da população local em relação à preservação do Samba de Coco. 2) Número de participantes nas oficinas. 3) Acompanhamento da efetividade da ação junto à comunidade. 4) Número de apresentações do Samba de Coco. 5) Número de moradores que continuam se apresentando.	A cada 6 meses	3 anos
Incrementar oficinas para ampliação do empoderamento dos moradores.	1) Nível de satisfação da população local em relação ao empoderamento dos moradores quilombolas. 2) Número de participantes nas oficinas. 3) Acompanhamento da efetividade da ação junto à comunidade.	A cada 6 meses	3 anos
Oferecer capacitação para o aperfeiçoamento da gestão territorial da associação.	1) Grau de satisfação da população local em relação à gestão territorial da associação. 2) Número de participantes nas oficinas. 3) Acompanhamento da efetividade da ação junto à associação.	A cada 6 meses	3 anos
Constituir grupo de mediação de conflitos internos para salvaguarda da boa convivência.	1) Nível de satisfação da população local em relação à boa convivência. 2) Grau de satisfação da população local em relação ao grupo criado. 3) Acompanhamento da efetividade da ação junto ao grupo criado.	A cada 6 meses	3 anos
Implantar o sistema de saneamento básico na comunidade.	1) Grau de satisfação da população local em relação ao sistema de saneamento. 2) Grau de satisfação da população local em relação à qualidade dos serviços prestados pela Empresa de Saneamento. 3) Número de pessoas beneficiadas 4) Extensão da via implantada.	1 ano	3 anos

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 09 - EIXO 02: FOMENTO AO TBC

LINHAS DE AÇÃO	INDICADORES DE MONITORAMENTO	PRIORIDADE	PRAZO FINAL
Estimular reuniões de diálogos sobre o TBC em Sergipe, sobretudo que fortaleçam as comunidades tradicionais.	1)Número de reuniões para debater a questão. 2)Número de instituições, órgãos públicos e privados, organizações, empresas, iniciativas, entre outros participantes nas reuniões convocadas. 3)Número de pessoas participantes nas reuniões convocadas. 4) Documentos e atas gerados. 5)Número de políticas públicas concretizadas.	A cada 6 meses	5 anos

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 10 - EIXO 03: ESTRUTURAÇÃO DA OFERTA DO TBC

LINHAS DE AÇÃO	INDICADORES DE MONITORAMENTO	PRIORIDADE	PRAZO FINAL
Construir a sede do Projeto Rota do Quilombo Mocambo.	1)Número de projetos desenvolvidos pelo Projeto Rota do Quilombo Mocambo. 2)Grau de satisfação dos membros do projeto com relação a sede. 3)Grau de satisfação da população local com relação a sede. 4)Benefícios financeiros gerados direto e indiretamente aos moradores.	A cada 6 meses	5 anos
Construir centro receptivo turístico com loja, museu, restaurante e sala administrativa.	1)Número diário de visitantes atendidos no centro. 2)Grau de satisfação dos membros do projeto quanto ao centro receptivo turístico. 3)Grau de satisfação da população local com relação ao centro receptivo turístico. 4)Grau de satisfação dos visitantes quanto aos serviços prestados no centro receptivo turístico. 5) Números de benefícios financeiros gerados direto e indiretamente aos moradores.	A cada 6 meses	5 anos
Elaborar formatos diferenciados de roteiros para serem oferecidos a agências, escolas, instituições, entre outros.	1)Grau de satisfação dos membros do projeto quanto aos novos formatos. 2)Grau de satisfação dos parceiros quanto aos formatos dos roteiros. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto aos formatos dos roteiros.	A cada 3 meses	5 anos

	4)Número de visitantes usuários dos novos roteiros.		
Adequar as casas antigas para uso como pousadas comunitárias.	1)Grau de satisfação dos membros do projeto quanto aos novos formatos de hospedagem. 2)Grau de satisfação dos parceiros quanto à hospedagem nas pousadas comunitárias. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto à hospedagem nas pousadas comunitárias. 4)Número de visitantes usuários dos novas pousadas.	A cada 6 meses	5 anos
Proporcionar capacitação para a qualificação dos serviços turísticos oferecidos.	1)Número de pessoas capacitadas para os serviços turísticos. 2)Número de participantes nas oficinas. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto à qualidade dos serviços oferecidos na comunidade.	A cada 6 meses	5 anos
Propiciar qualificação aos guias locais para oferecerem experiência turística com função pública.	1)Número de pessoas capacitadas para os serviços turísticos. 2)Número de participantes nas oficinas. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto à qualidade do serviço de guiamento local oferecido na comunidade.	A cada 6 meses	5 anos
Oportunizar oficinas de estímulo ao desenvolvimento de negócios de produção local.	1)Número de pessoas capacitadas para os serviços turísticos. 2)Número de participantes nas oficinas. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto à qualidade e quantidade dos produtos locais oferecidos. 4)Número de novos negócios criados. 5)Benefícios financeiros gerados com a venda dos produtos.	A cada 6 meses	5 anos
Constituir comissão de moradores que cuidem e monitorem o patrimônio comunitário.	1)Acompanhamento das ações da comissão de monitoramento. 2)Grau de satisfação da população local com relação ações da comissão de monitoramento. 3)Grau de satisfação dos visitantes quanto à preservação dos atrativos da comunidade. 4)Número de casos de danos e prejuízos causados ao patrimônio ocasionado pelo turismo. 5)Custos financeiros de reparação e medidas paliativas ao patrimônio, causados pela atividade turística.	A cada 6 meses	5 anos

Construir atracadouro que garanta o ancoradouro de barcos do porte do catamarã.	<p>1)Grau de satisfação dos membros do projeto com relação ao uso do atracadouro.</p> <p>2)Grau de satisfação dos visitantes com relação ao uso do atracadouro.</p> <p>3)Grau de satisfação dos moradores com relação ao uso efetivo do atracadouro.</p> <p>4)Número de visitantes atendidos pelo atracadouro.</p>	A cada 6 meses	5 anos
Estabelecer parcerias com agências de viagem de várias localidades.	<p>1)Grau de satisfação dos membros do projeto quanto às parcerias com agências de viagem .</p> <p>2)Grau de satisfação das agências quanto à parceria com o projeto.</p> <p>3)Número de agências parceiras.</p> <p>4) Taxa de ocupação de hospedagem.</p> <p>5)Número de visitantes atendidos.</p> <p>6)Benefícios financeiros gerados à comunidades.</p>	A cada 6 meses	5 anos
Implantar sinalização turística na comunidade.	<p>1)Nível de satisfação dos usuários quanto ao sistema de sinalização turística implantado.</p> <p>2)Extensão do sistema de sinalização turística implantado.</p> <p>3)Eficiência do sistema de sinalização turística implantado.</p>	A cada 6 meses	5 anos
Construir guarita de monitoramento, fiscalização e direcionamento de visitantes.	<p>1)Grau de satisfação da população local em relação ao controle de visitantes.</p> <p>2)Número de visitantes recebidos.</p> <p>3)Percepção do visitante com relação ao controle do acesso à praia.</p> <p>4)Efetividade da ação junto aos visitantes.</p>	A cada 6 meses	5 anos
Realizar campanha educativa de conscientização ambiental dos visitantes.	<p>1)Grau de satisfação da população local com relação ao comportamento de degradação do ambiente do visitante.</p> <p>2)Número de visitantes recebidos e sensibilizados com a campanha.</p> <p>3)Efetividade da ação junto aos visitantes.</p>	A cada 6 meses	3 anos

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Quadro 11 - EIXO 04: MARKETING TURÍSTICO

LINHAS DE AÇÃO	INDICADORES DE MONITORAMENTO	PRIORIDADE	PRAZO FINAL
----------------	------------------------------	------------	-------------

Elaborar e executar Plano de Marketing Turístico.	1)Taxa de ocupação de hospedagem. 2)Fluxo turístico anual. 3)Benefícios financeiros gerados diretos e indiretamente aos moradores.	A cada 6 meses	5 anos
Promover qualificação dos membros do projeto sobre o desenho do produto, preço, promoção e distribuição de serviços e produtos turísticos.	1)Número de participantes nas oficinas. 2)Acompanhamento e monitoramento da evolução da equipe de marketing do turismo. 3)Grau de satisfação dos membros do projeto com relação a equipe de marketing do turismo.	A cada 6 meses	5 anos

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do instrumento proposto irá oferecer subsídios para a implantação do Turismo de Base Comunitária na comunidade do Quilombo Mocambo de forma a potencializar a riqueza existente no território e preservar o patrimônio natural e cultural, propiciando oferecer serviços e produtos turísticos de qualidade a partir do encontro cultural entre visitante e visitado.

O estudo procurou fundamentar-se em conhecimento aprofundado sobre a identidade quilombola e o Turismo de Base Comunitária com o propósito de fortalecer o turismo em bases sustentáveis que promovessem o protagonismo local de forma consciente e responsável para gerar benefícios apoiados na real necessidade da comunidade. Desta forma o plano foi desenvolvido com a participação ativa dos quilombolas que aderiram a todas as atividades realizadas na comunidade para a confecção da pesquisa, demonstrando o interesse que eles possuem em desenvolver a atividade.

Assim sendo foi constatado o compromisso que os quilombolas possuem com o seu território bem como com o fortalecimento do turismo, premissas para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária em bases sólidas.

Há um enorme potencial turístico no Quilombo Mocambo que se destaca frente aos serviços e produtos oferecidos em Sergipe e no Brasil, pois possui características diferenciadas e com propósito que são traduzidos no encontro cultural que é ofertado no roteiro, de maneira que

geram uma cadeia de valor que não é baseada apenas em lucros, mas na valorização das relações, no respeito ao próximo e na preservação do meio no qual a comunidade se insere.

Portanto o Plano se atentou em ser um documento que pudesse ser utilizado pela comunidade, entretanto que fosse de fácil compreensão, desta forma foi construído utilizando linguagem simples na identificação dos objetivos, ações e controle para facilitar a implantação do turismo pelos quilombolas junto ao Projeto Rota do Quilombo Mocambo – Turismo Rural Comunitário.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **Quilombolas e novas etnias**. In: Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Org. O'DWYER, Eliane C. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwir69z2o8LTAhXBDpAKHQ4GB8gQFggiMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.abant.org.br%2Fconteudo%2Flivros%2FQuilombos.pdf&usg=AFQjCNGHTN4GRpXt8o2g3uPdfJzyC03XSQ>. Acessado em 19/06/2016.

ALVES, Antônia M.; MEDEIROS, Janaína L.; MARACAJÁ, Kettrin F. B.; **Planejamento turístico: um estudo sobre o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Pólo Seridó**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwje_KmE-LDSAhXLE5AKHX1DD3oQFggkMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.ivt.coppe.ufrj.br%2Fcaderno%2Findex.php%2Fcaderno%2Farticle%2Fdownload%2F620%2F311&usg=AFQjCNE7ZCfwMILQVyg8iUhjkCZrw54KA. Acessado em: 27/01/2017.

ARAÚJO FILHO, João A. **Manejo pastoril sustentável da caatinga**. Recife/PE: Projeto Dom Helder Câmara, 2013.

ARRUTI, José M. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru/SP: Educ, 2006.

_____. **Reintroduzindo o relatório histórico-antropológico do Mocambo de Porto da Folha vinte anos depois**. Revista do Grupo de Pesquisa “Processos Identitários e Poder” – GEPIIP. Revista Ambivalências, 2016.

AURÉLIO. Dicionário do Aurélio Online. **Dicionário Português**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/sustentavel>. Acessado em: 27/01/2017.

BARRETO, Margarita. **Planejamento responsável do turismo**. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

BICHO, Leandro; BAPTISTA, Susana. **Modelo de Porter e análise SWOT estratégias de negócio**. Instituto Politécnico de Coimbra e Instituto Superior de Engenharia de Coimbra Departamento de Engenharia Civil, 2006. Disponível em: <http://www.ecnsoft.net/wp->

[content/plugins/downloads-manager/upload/FATEC-SBC ADME Forcas Competitivas de Porter.pdf](#). Acessado em: 08/09/2016.

BRAGHINI, Cláudio R; GOMES, Laura J; RIBEIRO, Adauto de S. **Perspectivas de sustentabilidade ecológica do turismo em Xingó, SE/AL**. Revista Geográfica Acadêmica, 2009. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi_yt2klsLTAhXFi5AKHZ_fAFQQFggiMAA&url=https%3A%2F%2Fris.ufs.br%2Fbitstream%2F123456789%2F539%2F1%2FPerspectivasTurismoXingo.pdf&usg=AFQjCNEAY0W_0LZHTcYNWmqbbtT7dp6QnA. Acessado em: 28/02/2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 35ª ed. Brasília, 2012. Disponível em: <https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>. Acessado em: 29/09/2016.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM de Porto da Folha/SE**. 2010. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/3WF>. Acessado em: 17/07/2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Legislação Referente à Política Pública de Regularização de Territórios Quilombolas**. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.incra.gov.br/media/politica_fundiaria/Quilombolas/legislacao_quilombola_conde nsada.pdf. Acessado em: 08/09/2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Instrução Normativa Nº 49, 29 de setembro de 2008**. Instituto Nacional De Colonização e Reforma Agrária. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/institucional/legislacao--/atos-internos/instrucoes/in49_290908.pdf. Acessado em: 28/04/2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Em Sergipe, INCRA conquista área emblemática para criação de território quilombola**. Instituto Nacional De Colonização e Reforma Agrária. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/em-sergipe-incra-conquista-area-emblematica-para-criacao-de-territorio-quilombola>. Acessado em: 10/02/2017.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Regularização de território quilombola - Perguntas & Respostas**. Instituto Nacional De Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-perguntasrespostas-a4.pdf>. Acessado em: 20/05/2016.

_____. Presidência da República. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acessado em: 26/02/2016.

_____. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília. Editora Abaré, 2004. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasilquilombola_2004.pdf. Acessado em: 29/08/2016.

CASTRO, Viviane. **Turismo étnico e exotismo étnico: reflexões para o planejamento estratégico do Turismo de Base Comunitária no Quilombo Mocambo/SE**. Diálogos Antropológicos. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju/SE, 2015. Disponível em: <http://dialogosantropologicos.blogspot.com.br/p/resumos-aprovados-iv-seciri.html>. Acessado em: 14/02/2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração: teoria, processo e prática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CMMAD. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/12906958/Relatorio-Brundtland-Nosso-Futuro-Comum-Em-Portugues>. Acessado em 09/10/2016.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HALLACK, Nathália; BURGOS, Andrés; CARNEIRO, Daniela M. R. **Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras**. Revista ambientalMENTEsustentable. Ano VI, vol. I, núm. 11-12, Espanha. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/15350609/Turismo_de_base_comunit%C3%A1ria_estado_da_arte_e_experi%C3%Aancias_brasileiras. Acessado em: 23/03/2016.

HENRIQUES, Ricardo. **Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil**. In Pobreza e Desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social. Org. por Marlova Jovchelovitch Noletto e Jorge Werthein – Brasília: Unesco, 2003. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjdl6Gh5KvUAhXGGpAKHbmKAYEQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Funesdoc.unesco.org%2Fimages%2F0013%2F001339%2F133974por.pdf&usg=AFQjCNFefQdbNyRewU9wp3GNdLu9aApHHw>. Acessado em: 17/09/2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índice de Desenvolvimento Humano de Porto da Folha/SE, 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/se/porto-da-folha/pesquisa/37/30255?detalhes=true>. Acessado em: 03/04/2016.

LAGE, Beatriz. H. G; MILONE, Paulo. C. **Economia do Turismo**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Economia do Turismo**. 7ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MEDEIROS, Bartolomeu T. F. de. **Quilombo, Comunidade, Grupo Étnico: usos e sentidos dos termos, hoje**. In: Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Org. Trajano Filho, Wilson. 2ª ed. Brasília: ABA Publicações, 2012. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/livros/Lugares_Pessoas_e_Grupos_2%C2%AA_edi%C3%A7%C3%A3o_X.pdf. Acessado em: 09/01/2017.

MENEZES, Sônia de S. M.; ALMEIDA, Maria G. de. **A representação cultural da vaquejada resiste no sertão sergipano do São Francisco**. 2015. Disponível em: http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20SoniadeSouzaMendon%C3%A7aMenezes.pdf. Acessado em: 10/11/2016.

MOLINA, Sergio E; RODRIGUEZ, Sergio A. **Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. Bauru: EDUSC, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e Histórico do Quilombo na África**. Revista da USP. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxb25pYWJyem96b3dza2l8Z3g6MTMyNDcxYjQ4NzFjNzc4Nw>. Acessado em: 19/01/2017.

O'DWYER, Eliane C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em: <http://laced.etc.br/site/arquivos/ElianeOdwyer%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20Livro%20Quilombos.pdf>. Acessado em: 29/02/2017.

OLIVEIRA, Jucilene B. de. **Comunidades Remanescentes de Quilombo da Amazônia: o uso do território**. VI Encontro Nacional da Anppas. Belém, 2012.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Indicadores de desarrollo sostenible para los destinos turísticos - Guía práctica**. Madrid, 2005. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=indicadores+de+desarrollo+sostenible+para+los+destinos+tur%C3%ADsticos:+gu%C3%ADa+pr%C3%A1ctica.&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=hsf-WNG0JcbCwATSqJiQCA. Acessado em: 03/02/2017.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

RUSCHMANN, Doris V. D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 16ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia. Ano. 01. No 01. Universidade Federal Fluminense. 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/2/2>. Acessado em 17/01/2017.

SERGIPE. Secretaria de Recursos Hídricos do Estado. Disponível em: <http://www.semarh.se.gov.br/meteorologia/modules/tinyd0/index.php?id=56>. Acessado em 12/09/2016.

SERGIPE. Secretaria de Turismo do Estado. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS do Polo Velho Chico**. Volume II: Documento Técnico. Aracaju, 2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi->

[tOjblsPTAhXEjZAKHTxGCUsQFggiMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.turismo.gov.br%2Fsites%2Fdefault%2Fturismo%2FDPROD%2FPDITS%2FSERGIPE%2FPDITS_POLO_VELHO_CHICO.pdf&usg=AFQjCNEtnOaWVzmT4t_UTm4Yjn93z0Y6QQ](http://www.turismo.gov.br/sites/default/files/turismo/FDPROD/FPDITS/FSERGIPE/FPDITS_POLO_VELHO_CHICO.pdf&usg=AFQjCNEtnOaWVzmT4t_UTm4Yjn93z0Y6QQ).

Acessado em: 02/01/2017.

SOUZA, Marcelo J. L. de. **O Território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Geografia: conceitos e temas. Org. Castro, Iná E. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000. Disponível em: [http://minhateca.com.br/rossi82/Geografia/Hist*c3*b3ria+do+Pensamento+Geogr*c3*al fico/In*c3*a1+Elias+de+Castro+-+Geografia+-+Conceitos+e+temas,354530960.pdf](http://minhateca.com.br/rossi82/Geografia/Hist%3*b3ria+do+Pensamento+Geogr*c3*al fico/In*c3*a1+Elias+de+Castro+-+Geografia+-+Conceitos+e+temas,354530960.pdf). Acessado em: 21/01/2017.

APÊNDICE A – Questionário de Pesquisa de Opinião



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Este questionário é destinado à coleta de dados para a elaboração da Pesquisa de Opinião Pública com o objetivo de capturar a visão do morador do Quilombo Mocambo/Porto da Folha/SE sobre o seu território. Os dados serão utilizados para fins acadêmicos e a identidade dos entrevistados não será revelada.

(A) DADOS GERAIS DA PESQUISA					
MUNICÍPIO: Porto da Folha/SE		LOCAL: Quilombo Mocambo		PERÍODO: março/2017	
(B) DADOS DO ENTREVISTADO					
01 - Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino					
02 - Qual a sua idade? _____ anos					
03 - Estado Civil: <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> mora junto <input type="checkbox"/> separado/divorciado <input type="checkbox"/> viúvo					
04 - Escolaridade: <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação					
05 - Profissão: <input type="checkbox"/> estudante <input type="checkbox"/> agricultor <input type="checkbox"/> pescador <input type="checkbox"/> criador de animais <input type="checkbox"/> do lar <input type="checkbox"/> profissional da saúde <input type="checkbox"/> profissional da educação <input type="checkbox"/> funcionário público <input type="checkbox"/> outros: _____					
06 - Renda mensal média: <input type="checkbox"/> até 234,00 <input type="checkbox"/> De 235,00 a 468,00 <input type="checkbox"/> De 469,00 a 937,00 <input type="checkbox"/> De 938,00 a 1.874,00 <input type="checkbox"/> De 1.875,00 a 2.811,00 <input type="checkbox"/> acima de 2.811,00					
(C) PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO SOBRE O QUILOMBO MOCAMBO					
07 - Você poderia citar abaixo 03 lugares no Quilombo Mocambo que você conhece e usufrui (aproveita) nos seus momentos de lazer e o que mais gosta de fazer nesses lugares?					
<u>LUGAR</u>			<u>O QUE MAIS GOSTA DE FAZER NESSE LUGAR</u>		
A - _____			A - _____		
B - _____			B - _____		
C - _____			C - _____		
Como você avalia os itens abaixo no Quilombo Mocambo:	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO
08 - Limpeza	4	3	2	1	0
09 - Segurança	4	3	2	1	0
10 - Serviço de transporte	4	3	2	1	0
11 - Serviço de Celular/Internet	4	3	2	1	0
12 - Sinalização de placas de acesso à comunidade	4	3	2	1	0
13 - Opção de lazer	4	3	2	1	0
14 - Opção de Alimentação	4	3	2	1	0
15 - Opção de Hospedagem	4	3	2	1	0
16 - Conservação dos atrativos da comunidade	4	3	2	1	0
17 - O que você recomendaria aos gestores públicos e à associação do Quilombo Mocambo para torná-lo um local mais agradável?					

(D) PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADO SOBRE O TURISMO NO QUILOMBO MOCAMBO

18 - O que é o turismo para você?

- Viajar e conhecer lugares Uma atividade que gera emprego e renda
 Diversão, lazer e descanso Outros: _____

19 - Quais os benefícios que você acha que o turismo pode trazer para o Quilombo Mocambo?

- Valorizar a cultura quilombola Gerar emprego e renda Divulgar a comunidade
 Preservar a natureza Unir a comunidade Melhorar o comércio local
 Aumentar a capacitação dos moradores Todas as anteriores
 Outros: _____

19.1 - Por quê?

20 - Em sua opinião o turismo pode trazer problemas para o Quilombo Mocambo?

- Sim Não

20.1 - Por quê?

21 - Você acha que deveria haver mais turistas visitando o Quilombo Mocambo?

- Sim Não

21.1 - Por quê?

22 - O que agrada a você no comportamento do visitante?

- Alguns visitantes tem interesse em conhecer a cultura quilombola do Mocambo.
 Alguns visitantes tem comportamento aberto em fazer novas amizades.
 Outros: _____

23 - O que desagrada a você no comportamento do visitante?

- A entrada de alguns visitantes na comunidade, como se fosse local de uso público.
 A falta de respeito de alguns visitantes com a cultura quilombola.
 A falta de respeito de alguns visitantes com as regras internas da comunidade (estatuto).
 A degradação do meio ambiente, como o lixo deixado à beira do rio por alguns visitantes.
 A velocidade dos carros nas ruas da comunidade, podendo causar acidente com as crianças.
 Confusões geradas por alguns visitantes na comunidade, devido o uso da bebida alcóolica.
 Outros: _____

24 - Por favor, defina em uma palavra ou frase o que é o Quilombo Mocambo para você?

25 - Recomendaria às pessoas que visitassem o Quilombo Mocambo?

- Sim Não

25.1 Por quê?

AGRADECEMOS A SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE B: Entrevista ao Coordenador da Associação Remanescente do Quilombo
Mocambo



Entrevista desenvolvida pela aluna Viviane Castro do curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte do trabalho de pesquisa PIBIC/2013, orientada pela Profª Drª Rosana Eduardo da Silva Leal.

ENTREVISTA COMUNIDADE QUILOMBO MOCAMBO

FICHA DO INFORMANTE E DA ENTREVISTA Nº:

Data da Entrevista:

Local da Entrevista:

Duração:

Assunto:

Nome do entrevistado:

Idade:

Função na Comunidade:

Estado Civil:

Constituição Familiar:

Justificativa da Escolha do Informante:

1 - FICHA DE INFORMAÇÕES SOBRE A TERRA DO QUILOMBO MOCAMBO

1º - Você poderia relatar o processo da conquista da terra do Quilombo Mocambo? Qual o ano de registro e a área do Quilombo Mocambo? Os registros na Fundação Cultural Palmares e INCRA e os documentos de reconhecimento e registro, quem possui a responsabilidade de guardar? Quem responde pela comunidade?

2º - O que a terra representa pra você?

3º - Para você, qual o sentimento de pertencer a uma Comunidade Quilombola?

4º - Como se dá a relação da Comunidade do Quilombo Mocambo e as comunidades próximas que não pertencem ao Quilombo?

5º - Existe alguma parceria com a Aldeia Xocó nos trabalhos braçais?

2 - FICHA DE FATORES SOCIOECONÓMICOS

SOBRE OS MORADORES E AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

1º - Quantas comunidades existem nas terras do Quilombo Mocambo? Se sim, quais são elas? Como é feita a divisão das terras na comunidade?

2º - Quantas famílias possui a comunidade?

3º - Quantos habitantes possui a comunidade?

População	0 – 15	16 - 25	26 - 35	36 - 45	46 -55	56 - 65	Acima de 66	Total
Homens								
Mulheres								

4º - A comunidade possui escolas de primeiro e segundo grau?

5º - Quantas casas possui a comunidade?

6º - Como eram as casas no início e a disposição delas?

7º - Como se deu o processo de construção das casas de alvenaria? Quem financiou e construiu-as?

5º - As famílias são assistidas por algum tipo de política pública, como bolsa família, vale gás, bolsa escola, etc.

6º - A cultura da comunidade mudou dos tempos de antes pra hoje?

SOBRE AS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Atividade	É praticada?	Atividade é realizada em grupo?	Atividade utiliza de agrotóxicos, remédios ou outro tipo de inseticida?	Produtos que origina	É comercializado? Onde e para quem?	É para uso próprio?
Pesca						
Agricultura						
Pecuária para Corte						
Produção de leite						
Colheita de Frutas						
Produção de Artesanato						
Culinária salgada						
Culinária doce						
Caça						
Apicultura						
Outros- Ex: comércio, carpintaria, pedreiro						

3 – FICHA SOBRE INFRAESTRUTURAS E SERVIÇOS DISPONÍVEIS:

Equipamentos (água, gás, eletricidade, tratamento de resíduos, etc.)

1º - Como é feito o abastecimento de energia elétrica? A comunidade paga por ela?

2º - Como é feito o abastecimento de água na comunidade? Através de poço, rio?

3º - Existe sistema de esgoto e tratamento dos resíduos?

4º - Como é feita a coleta do lixo?

5º - Como é feito o abastecimento de gás?

Transportes (rede rodoviária, ferroviária, transportes coletivos, etc.)

1º - Acesso à comunidade através das estradas ou rio.

2º - Quais os transportes a comunidade utiliza? Existem ônibus diariamente para outras cidades?

Serviços (comércios, serviços de saúde, etc.)

1º - A comunidade possui algum tipo de comércio?

2º - A comunidade possui assistência médica e posto de saúde?

4 – FICHA SOBRE OS FATORES CULTURAIS, SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL, AS REFERÊNCIAS CULTURAIS

Todas as tabelas dos elementos do patrimônio cultural devem ser preenchidas e utilizadas como referência para preencher o diário de campo.

1º – **CELEBRAÇÕES** – Descreve as festas comunitárias, religiosas ou não, que envolvem mobilização coletiva integrando gerações e por vezes diferentes comunidades. Ocasões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas com regras específicas com distribuição de papéis, preparação e consumo de comida e bebida, vestuário específico, ornamentação de lugar, uso de objetos especiais, execução de músicas, orações, danças, etc.

Ritos e Festas ligados à religião, à civilidade, ou ao calendário, etc. Ex: São João.	Resumo de como é	Data	Representante

--	--	--	--

2º – FORMAS DE EXPRESSÃO – Formas não linguística de comunicação associadas a determinados grupos. São as danças, manifestações lúdicas e artísticas nos quilombos. O modo como elas são postas em prática.

Cordel, xilogravura, cantorias, a catira, o boi, a ciranda, a cerâmica figurativa, capoeira, entre outros.	Resumo de como é:	Data	Representante

3º - MODOS DE FAZER E OFÍCIOS - descreve os conhecimentos e práticas empregados na produção da vida cotidiana, como o trabalho agrícola e sua organização coletiva, o processamento dos alimentos, a caça e a pesca, a fabricação de artefatos domésticos e ferramentas, construção de canoas e casas de pau-a-pique. A descrição e relatos destes bens culturais demonstram a prática e conhecimento no manejo da natureza e a transmissão destes saberes entre as gerações. Estão inseridas as técnicas e as práticas empregados na produção da vida cotidiana, o “saber fazer” aprendido de geração em geração.

Modo de fazer/ofício	Finalidade	É feito para o uso diário da comunidade ou é comercializado?	Representante
Modo de caçar/caçador			
Modo de curar/benzedor			
Modo de fazer canoa			
Modo de fazer casas de pau-a-pique			
Modo de fazer a roça / lavrador			
Modo de pescar/pescador			
Modo de fazer na apicultura/Apicultor			
Modo de fazer artesanato/artesão: Cerâmica, Escultura, Bordado, Cestaria, Mosaico, Tricô, Crochê, Entalhe, Marcenaria, Renda.			
Modo de conduzir a canoa/canoeiro			
Modo de fazer da carpintaria/carpinteiro			
Modo de fazer partos/parteira			
Modo de processar o arroz			
Modo de processar a mandioca			
Modo de processar o barro			
Modo de processar a cana			
Modo de processar o milho			
Modo de processar os alimentos - Receitas típicas e tradicionais. Técnicas de produção e processamento de alimentos. Queijos, doces, biscoitos, etc.			

4º – EDIFICAÇÕES - descreve as edificações que assumem importância para a existência de bens culturais intangíveis. É o caso das igrejas para a manutenção das celebrações, das casas de farinha para os conhecimentos ligados ao plantio e processamento da mandioca, dos centros comunitários para a manutenção de diversas danças e formas de expressão. Destacam-se as identificações das igrejas como espaço para a associação entre religião e cultura, o fortalecimento comunitário e a transmissão de conhecimentos. Muitas vezes independente de sua qualidade arquitetônica ou artístico, são relevantes as representações sociais a eles associados, os bens móveis que eles abrigam, determinados usos que neles se desenvolvem

Igrejas, terreiros, a casa, sedes de Liras ou Bandas, feira, mercado, praça, quadra de escola de samba.	Finalidade	Local
---	------------	-------

--	--	--

5° – LUGARES – Toda atividade humana produz sentido de lugar, os sentidos abrigados por estes lugares, lugares focais da vida social de uma localidade, descreve os bens culturais associados aos territórios onde se encontram em cada quilombo, importantes para a memória histórica da comunidade, para as atividades cotidianas e de geração de renda e para a imaginação artística e lúdica. Este conjunto constitui referências espaciais que tornam o território um campo repleto de significado.

São identificados como rios, cachoeiras, áreas de plantio antigas e atuais, morros, caminhos históricos e atuais, cemitérios, grutas, pedras, feira, mercado, praça, quadra de escola de samba, centro comunitário.	Finalidade	Local

5 – FICHA DE OFERTA DE PRÁTICAS ESPORTIVAS E ATIVIDADES DE LAZER

- 1) Esportes náuticos, natação
- 2) Equitação
- 3) Passeios pedestres e ciclo turismo
- 4) Outras atividades esportivas e de lazer

6 – FICHA DE OFERTA DE HOSPEDAGEM

- 1) Possibilidades de hospedagem? Qual o tipo de hospedagem, doméstica, camping, pousada?
- 2) Qual capacidade de hospedagem?

7 – FICHA DE OFERTA DE ALIMENTAÇÃO

- 1) Possibilidades de oferecer alimentação aos visitantes? Refeições, café da manhã e lanches no local da hospedagem ou na casa das pessoas?
- 2) Qual capacidade de servir refeições?

8 – FICHA SOBRE O TURISMO E A POPULAÇÃO LOCAL

- 1° - O que você entende por turismo?
- 2° - O turismo pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade?
- 3° - Em sua opinião quais os benefícios que a atividade turística pode provocar na comunidade? E os malefícios?
- 4° - A população está sensibilizada para o turismo? Quais são as suas aspirações?
- 5° - Em sua opinião, os moradores do Quilombo Mocambo são a favor ou contra o turismo na comunidade? Existe ou não o interesse da inserção da atividade turística na comunidade? Por quê?
- 6° - Houve contato de algum tipo de órgão de turismo com a comunidade?
- 7° - Quais os lugares que você considera serem bons pra se visitar dentro das terras do Quilombo Mocambo?
- 8° - Que lugares são procurados para o lazer no quilombo?
- 9° - Existem trilhas e para que servem?
- 10° - O Rio São Francisco é utilizado para banho pela comunidade?
- 11° - Qual o lazer mais praticado pela comunidade?
- 12° - A comunidade costuma receber visitantes? Qual o perfil destes visitantes (ex. escolares, universitários, pesquisadores, turistas...)

APÊNDICE C: Entrevista às lideranças e moradores do Quilombo Mocambo



Entrevista desenvolvida pela aluna Viviane Castro do curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte do trabalho de pesquisa PIBIC/2013, orientada pela Prof.^a Dr.^a Rosana Eduardo da Silva Leal.

ENTREVISTA COMUNIDADE QUILOMBO MOCAMBO

FICHA DO INFORMANTE E DA ENTREVISTA N°:

Data da Entrevista:

Local da Entrevista:

Duração:

Assunto:

Nome do entrevistado:

Idade:

Função na Comunidade:

Estado Civil:

Constituição Familiar:

Justificativa da Escolha do Informante:

1 - FICHA DE INFORMAÇÕES SOBRE A TERRA DO QUILOMBO MOCAMBO

1° - Para você, o que significa Quilombo? Você conhece a história de lutas da Comunidade do Mocambo?

2° - O que a terra representa pra você?

3° - Qual o sentimento de pertencer a uma Comunidade Quilombola? Você gosta de pertencer à comunidade do Quilombo Mocambo?

4° - Como se dá a relação da Comunidade do Quilombo Mocambo e as comunidades próximas que não pertencem ao Quilombo?

2 - FICHA DE FATORES SOCIOECONÓMICOS

SOBRE OS MORADORES E AS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

1° - Quantas comunidades existem nas terras do Quilombo Mocambo? Se sim, quais são elas? Como é feita a divisão das terras na comunidade?

2° - Como eram as casas no início e a disposição delas?

3° - Como se deu o processo de construção das casas de alvenaria? Quem financiou e construiu-as?

4° - As famílias são assistidas por algum tipo de política pública, como bolsa família, vale gás, bolsa escola, etc. Qual a renda de sua família? Sua família é assistida por algum tipo de política pública, como bolsa família, vale gás, bolsa escola, etc.

5° - Em sua opinião a cultura da comunidade mudou dos tempos de antes pra hoje?

SOBRE AS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Atividade	É praticada?	Atividade é realizada em grupo?	Atividade utiliza de agrotóxicos, remédios ou outro tipo de inseticida?	Produtos que origina	É comercializado? Onde e para quem?	É para uso próprio?
Pesca						
Agricultura						
Pecuária para Corte						
Produção de leite						
Colheita de Frutas						
Produção de artesanato						
Culinária salgada						
Culinária doce						
Caça						
Apicultura						
Outros- Ex: comércio, carpintaria, pedreiro						

3 - FICHA SOBRE INFRAESTRUTURAS E SERVIÇOS DISPONÍVEIS:

Equipamentos (água, gás, eletricidade, tratamento de resíduos, etc.)

1º - Como é feito o abastecimento de energia elétrica? A comunidade paga por ela?

2º - Como é feito o abastecimento de água na comunidade? Através de poço, rio?

3º - Existe sistema de esgoto e tratamento dos resíduos?

4º - Como é feita a coleta do lixo?

5º - Como é feito o abastecimento de gás?

6º - Sua casa possui abastecimento de água, rede de esgoto e coleta de lixo?

Transportes (rede rodoviária, ferroviária, transportes coletivos, etc.)

1º - Quais os transportes estão disponíveis na comunidade?

Serviços (comércios, serviços de saúde, etc.)

1º - A comunidade possui algum tipo de comércio?

2º - A comunidade possui assistência médica e posto de saúde?

4 – FICHA SOBRE OS FATORES CULTURAIS, SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL, AS REFERÊNCIAS CULTURAIS

Todas as tabelas dos elementos do patrimônio cultural devem ser preenchidas e utilizadas como referência para preencher o diário de campo.

1º – CELEBRAÇÕES – Descreve as festas comunitárias, religiosas ou não, que envolvem mobilização coletiva integrando gerações e por vezes diferentes comunidades. Ocasões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas com regras específicas com distribuição de papéis, preparação e consumo de comida e bebida, vestuário específico, ornamentação de lugar, uso de objetos especiais, execução de músicas, orações, danças, etc.

Ritos e Festas ligados à religião, à civilidade, ou ao calendário, etc. Ex: São João.	Resumo de como é	Data	Representante

2º – FORMAS DE EXPRESSÃO – Formas não linguística de comunicação associadas a determinados grupos. São as danças, manifestações lúdicas e artísticas nos quilombos. O modo como elas são postas em prática.

Cordel, xilogravura, cantorias, a catira, o boi, a ciranda, a cerâmica figurativa, capoeira, entre outros.	Resumo de como é:	Data	Representante

3º - MODOS DE FAZER E OFÍCIOS - descreve os conhecimentos e práticas empregados na produção da vida cotidiana, como o trabalho agrícola e sua organização coletiva, o processamento dos alimentos, a caça e a pesca, a fabricação de artefatos domésticos e ferramentas, construção de canoas e casas de pau-a-pique. A descrição e relatos destes bens culturais demonstram a prática e conhecimento no manejo da natureza e a transmissão destes saberes entre as gerações. Estão inseridas as técnicas e as práticas empregadas na produção da vida cotidiana, o “saber fazer” aprendido de geração em geração.

Modo de fazer/ofício	Finalidade	É feito para o uso diário da comunidade ou é comercializado?	Representante
Modo de caçar/caçador			
Modo de curar/benzedor			
Modo de fazer canoa			
Modo de fazer casas de pau-a-pique			
Modo de fazer a roça / lavrador			
Modo de pescar/pescador			
Modo de fazer na apicultura/Apicultor			
Modo de fazer artesanato/artesão: Cerâmica, Escultura, Bordado, Cestaria, Mosaico, Tricô, Crochê, Entalhe, Marcenaria, Renda.			
Modo de conduzir a canoa/canoeiro			

Modo de fazer da carpintaria/carpinteiro			
Modo de fazer partos/parteira			
Modo de processar o arroz			
Modo de processar a mandioca			
Modo de processar o barro			
Modo de processar a cana			
Modo de processar o milho			
Modo de processar os alimentos - Receitas típicas e tradicionais. Técnicas de produção e processamento de alimentos. Queijos, doces, biscoitos, etc.			

4° – EDIFICAÇÕES - descreve as edificações que assumem importância para a existência de bens culturais intangíveis. É o caso das igrejas para a manutenção das celebrações, das casas de farinha para os conhecimentos ligados ao plantio e processamento da mandioca, dos centros comunitários para a manutenção de diversas danças e formas de expressão. Destacam-se as identificações das igrejas como espaço para a associação entre religião e cultura, o fortalecimento comunitário e a transmissão de conhecimentos. Muitas vezes independente de sua qualidade arquitetônica ou artístico, são relevantes as representações sociais a eles associados, os bens móveis que eles abrigam, determinados usos que neles desenvolvem

Igrejas, terreiros, a casa, sedes de Liras ou Bandas, feira, mercado, praça, quadra de escola de samba.	Finalidade	Local

5° – LUGARES – Toda atividade humana produz sentido de lugar, os sentidos abrigados por estes lugares, lugares focais da vida social de uma localidade, descreve os bens culturais associados aos territórios onde se encontram em cada quilombo, importantes para a memória histórica da comunidade, para as atividades cotidianas e de geração de renda e para a imaginação artística e lúdica. Este conjunto constitui referências espaciais que tornam o território um campo repleto de significado.

São identificados como rios, cachoeiras, áreas de plantio antigas e atuais, morros, caminhos históricos e atuais, cemitérios, grutas, pedras, feira, mercado, praça, quadra de escola de samba, centro comunitário.	Finalidade	Local

5 – FICHA DE OFERTA DE PRÁTICAS ESPORTIVAS E ATIVIDADES DE LAZER

- 1) Esportes náuticos, natação
- 2) Equitação
- 3) Passeios pedestres e ciclo turismo
- 4) Outras atividades esportivas e de lazer praticadas na comunidade.

6 – FICHA SOBRE O TURISMO E A POPULAÇÃO LOCAL

- 1° - O que você entende por turismo?
- 2° - O turismo pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade?
- 3° - Em sua opinião quais os benefícios que a atividade turística pode provocar na comunidade? E os malefícios?
- 4° - A população está sensibilizada para o turismo? Quais são as suas aspirações?
- 5° - Em sua opinião, os moradores do Quilombo Mocambo são a favor ou contra o turismo na comunidade? Existe ou não o interesse da inserção da atividade turística na comunidade? Por quê?
- 6° - Houve contato de algum tipo de órgão de turismo com a comunidade?
- 7° - Quais os lugares que você considera serem bons pra se visitar dentro das terras do Quilombo Mocambo?
- 8° - Que lugares são procurados para o lazer no quilombo?
- 9° - Existem trilhas e para que servem?
- 10° - O Rio São Francisco é utilizado para banho pela comunidade? Qual local?
- 11° - Qual o lazer mais praticado pela comunidade?
- 12° - A comunidade costuma receber visitantes? Qual o perfil destes visitantes (ex. escolares, universitários, pesquisadores, turistas...

APÊNDICE D – Pesquisa de Demanda Potencial



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
NÚCLEO DE TURISMO
FORMULÁRIO DE ENTREVISTA - DEMANDA TURÍSTICA

Este questionário é destinado à coleta de dados que serão utilizados para a elaboração da pesquisa a respeito do perfil da demanda turística do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Viviane Castro do curso de Turismo da UFS.

(A) DADOS GERAIS DA PESQUISA				
MUNICÍPIO:	LOCAL:	ENTREVISTADOR:	DATA:	HORA:
Período da Pesquisa: <input type="checkbox"/> Alta Temporada <input type="checkbox"/> Feriado <input type="checkbox"/> Fim de semana <input type="checkbox"/> Dias úteis				
(B) PERFIL DO ENTREVISTADO				
2- Residência permanente:	3- País: <input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro:	4- Estado:	5- Cidade:	
6- Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino		7- Qual a sua idade?		
8- Estado Civil: <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> separado/divorciado <input type="checkbox"/> viúvo				
9- Escolaridade: <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação				
10- Profissão: <input type="checkbox"/> estudante <input type="checkbox"/> autônomo <input type="checkbox"/> empresário <input type="checkbox"/> profissional da saúde <input type="checkbox"/> profissional da educação <input type="checkbox"/> funcionário público <input type="checkbox"/> outros:				
11- Renda mensal média: <input type="checkbox"/> De 1 a 2 salários <input type="checkbox"/> De 3 a 4 salários <input type="checkbox"/> De 4 a 5 salários <input type="checkbox"/> De 5 a 10 salários <input type="checkbox"/> Acima de 10 salários				
12- Costuma viajar? <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> De 1 a 2 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 3 a 4 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 4 a 5 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 6 vezes ou mais ao ano				
13- Qual a sua preferência por viagens? <input type="checkbox"/> Natureza <input type="checkbox"/> Cultura/História <input type="checkbox"/> Negócios <input type="checkbox"/> Descanso/Tranquilidade <input type="checkbox"/> Praia <input type="checkbox"/> Outros				
14- Com quem você viaja? <input type="checkbox"/> sozinho <input type="checkbox"/> grupo de família <input type="checkbox"/> casal c/ filhos <input type="checkbox"/> casal s/ filhos <input type="checkbox"/> amigos <input type="checkbox"/> colegas de trabalho <input type="checkbox"/> grupo de turistas <input type="checkbox"/> outros				
15- Você costuma fazer viagens nas quais você entra em contato com comunidades locais? <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> De 1 a 2 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 3 a 4 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 4 a 5 vezes/ano <input type="checkbox"/> De 6 vezes ou mais ao ano				
16- Você teria interesse em conhecer roteiros de viagens em comunidades tradicionais, como comunidades indígenas, pesqueiras, quilombolas, de agricultura familiar, experimentando seus hábitos locais, conhecendo sua cultura, vivenciando seus saberes e fazeres?				

Sim Não

17- Você estaria disposto a pagar por quais destes itens abaixo?

- vivenciar a cultura local passear a cavalo pela comunidade adquirir artesanato
 assistir à apresentações de manifestações culturais fazer trilhas e conhecer a fauna e flora
 fazer passeios de bicicleta pela comunidade adquirir produtos sem agrotóxico
 adquirir produtos da agricultura familiar como verduras, mel, doces, queijos, entre outros.
 se hospedar na casa dos moradores locais Experimentar a culinária local

(C) CARACTERÍSTICAS DA VIAGEM

18- Qual a principal fonte de informações para a preparação desta viagem:

- Já conhecia o destino Amigos/Parentes Folders Guia turístico impresso
 Artigos em revista/jornal Artigos acadêmicos Local onde trabalha
 Programas e TV/Rádio Campanhas publicitária/Anúncios
 Agência de viagem (presencial) Agência de viagem virtual Internet
 Outros:

19- Turista ou Excursionista

20- Se excursionista de qual cidade?

22- Se turista qual o meio de hospedagem utilizado? Casa de amigos Imóvel alugado
 Camping Pousada Hotel Flat Outros:

23- Viagem organizada por Agência de viagem: Sim Não

24- Meio de Transporte utilizado para chegar a este destino:

- Automóvel próprio Avião Ônibus de linha Ônibus/Van fretado
 Ônibus/Van Turismo/Excursão
 Outros: _____

(D) GASTOS MÉDIOS POR DIA REALIZADOS NESTA VIAGEM

- 25- Qual o seu gasto médio diário? Até 100 R\$ De 101 até 200 R\$
 De 201 até 300 R\$ De 301 até 400 R\$ De 401 até 500 R\$
 De 501 até 600 R\$ De 601 até 700 R\$ De 701 até 800 R\$
 De 801 até 900 R\$ De 901 até 1000 R\$ Mais de 1001 R\$

Contando com você, quantas pessoas estão incluídas nestes gastos?

APÊNDICE E – Roteiro do Projeto Rota do Quilombo Mocambo
Turismo Rural Comunitário

PROJETO ROTA DO QUILOMBO MOCAMBO
Turismo Rural Comunitário

ROTEIRO

PROGRAMAÇÃO 1º DIA		
manhã	07:00h às 07:30h	Embarque no ônibus.
	07:30h	Saída de Aracaju.
	07:30h às 10:30h	Viagem Aracaju/Quilombo Mocambo.
	10:30h às 11:00h	Chegada à comunidade do Quilombo Mocambo, recepção realizada pelos integrantes do Projeto na escola.
	11:00h às 12:00h	Direcionamento dos visitantes para o receptivo familiar, onde os visitantes ficarão hospedados, momento de interação entre visitantes e as famílias anfitriãs.
almoço	12:00h às 13:30h	Almoço na escola.
tarde	13:30h às 14:00h	Embarque no ônibus para visita guiada acompanhada de monitor local.
	14:00h às 15:30h	Visita à Fazenda Floresta que foi desapropriada para a titulação do território quilombola do Mocambo, visita à igreja do Jaciobá, conhecimento da história de formação do quilombo e de locais já habitados pela comunidade, bem como do que dispunham os moradores para a sua sobrevivência. Passeio entre os jardins naturais de cactus, bromélias e o bioma da caatinga. Visita aos antigos locais onde se plantava arroz quando das cheias do Rio São Francisco e aos atuais locais de plantio, com reflexão sobre a construção da usina hidrelétrica de Xingó e a falta de água das populações ribeirinhas.
	15:30h às 16:30h	Parada em local de produção agroecológica para conversa com o agricultor ou conversa com criador de animais.
	16:30h às 17:30h	Desembarque e passeio a pé pelo povoado, conhecendo a associação da comunidade, a igreja da Gloriosa Santa Cruz, os pés de fruta e a rua com as casas mais antigas.
	17:30h às 18:30h	Retorno às casas de hospedagem para banho e descanso.
noite	18:30h às 19:30h	Encontro na escola para jantar.
	19:30h às 21:00h	Momento Cultural com Samba de Coco.
	21:00h às 23:00h	Livre para interação do grupo.
	23:00h	Recolhimento para dormir nas casas dos respectivos anfitriões.
PROGRAMAÇÃO 2º DIA		
manhã	07:30h às 09:00h	Café da manhã nos receptivos familiares, com os anfitriões da hospedagem.
	09:00h às 10:00h	Conversa com morador antigo sobre as histórias de luta e a identidade quilombola.
	10:00h às 13:00h	Banho de rio, contemplação da paisagem e oportunidade de compra de produtos do Mocambo.
almoço	13:00h às 14:30h	Direcionamento à escola e almoço.
tarde	14:30h às 15:30h	Direcionamento às casas de hospedagem para banho e organização das bagagens.
	15:30h às 16:00h	Embarque no ônibus e retorno a Aracaju.
	16:00h às 19:00h	Viagem Quilombo Mocambo/Aracaju.
noite	19:00h	Chegada em Aracaju (UFS)

O QUE INCLUI O ROTEIRO

Roteiro de 02 dias inclui os seguintes serviços
Transporte Aracaju/Quilombo Mocambo/Aracaju.
Seguro viagem.
Acompanhamento de anfitrião do projeto durante a viagem.
Guiamento local realizado por monitor.
02 Almoços com suco de frutas e sobremesa.
01 Jantar com café nordestino e suco de frutas.
01 Hospedagem domiciliar com café da manhã.
Tour pelo território quilombola.
Tour pela comunidade.
Momento cultural com apresentação do grupo de Samba de coco.
Contação de histórias por morador sobre as lutas por terra, a identidade quilombola e a formação da comunidade.
Visita à produção agroecológica.
Banho no Rio São Francisco.
Conversas com os membros do Projeto.

ANEXO A - Estatuto da Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo

**ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DO
QUILOMBO MOCAMBO**

PORTO DA FOLHA – SERGIPE

SEGUNDA ALTERAÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL

CAPITULO I

DA DEMOMINAÇÃO, SEDE E DURAÇÃO.

Art. 1º - A Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, município de Porto da Folha – Sergipe, doravante denominada Associação Antônio do Alto, fundada em 06 de fevereiro de 1996, constitui-se em sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, não fazendo distinção da condição social, credo ou religião, raça, etnia, orientação sexual e gênero ou partido político, com sede e foro no município de Porto da Folha, no Estado de Sergipe, constituída por prazo indeterminado, regendo-se por este Estatuto, pelos regimentos e pela legislação em vigor.

Art. 2º - A Associação Antônio do Alto é proprietária das terras conquistadas pela Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, na margem direita do Rio São Francisco e vizinho às terras dos índios Xokós, no município de Porto da Folha em Sergipe.

Parágrafo Primeiro - As terras de propriedade da Associação Antônio do Alto não podem ser vendidas, arrendadas, doadas ou loteadas por associados ou não associados.

Parágrafo Segundo - As terras do território quilombola de propriedade da Associação Antônio do Alto, deverão ser utilizadas pelos moradores da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo para a sua subsistência de forma autossustentável, garantindo assim a preservação do patrimônio cultural e natural.

CAPITULO II

DOS OBJETIVOS.

Art. 3º - Associação Antônio do Alto tem como objetivos permanentes:

- o)** Representar os interesses do território da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, no estado de Sergipe;
- p)** Administrar as terras e outros bens de propriedade do território da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, em Porto da Folha, no estado de Sergipe;
- q)** Incentivar o desenvolvimento sustentável da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, quanto aos aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, visando a melhoria da qualidade de vida dos remanescentes desta comunidade;
- r)** Oferecer mecanismos de estímulo ao lazer dos moradores da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- s)** Estimular o desenvolvimento sociocultural das crianças e dos adolescentes da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- t)** Promover o estudo e a aplicação de novos modelos socioprodutivos e de sistemas alternativos de produção e comércio, visando o benefício da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- u)** Defender, preservar e promover a conservação do patrimônio cultural da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo incentivando as manifestações culturais, a integração da comunidade e o convívio social;
- v)** Defender, preservar e promover a conservação do patrimônio natural da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, incentivando a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável;
- w)** Denunciar e combater todas as formas de preconceito, discriminação e racismo.
- x)** Lutar pelo respeito aos direitos humanos fundamentais e coletivos;
- y)** Promover o Turismo e toda a cadeia produtiva do turismo de acordo com o modelo de desenvolvimento sustentável do Turismo de Base Comunitária – TBC;
- z)** Promover o desenvolvimento econômico sustentável, por meio do incentivo ao cooperativismo de seus associados;

aa) Incentivar a execução dos serviços de Radio Fusão Comunitária;

bb) No cumprimento dos seus objetivos institucionais, a Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo seguirá os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, equidade, publicidade, economicidade e da eficiência.

CAPITULO III

DOS ASSOCIADOS, SUA ADMISSÃO, DIREITOS E DEVERES.

Art. 4º – São considerados associados os (as) remanescentes de quilombo que integram a Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo e são filiados à Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo do município de Porto da Folha - SE.

- a)** Serão cadastrados pelo INCRA, remanescentes de quilombo que integrem a Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- b)** Serão recadastrados pelo INCRA os remanescentes de quilombo que residiram na Comunidade Remanescente de Quilombo do Povoado Mocambo, mas que se mudaram para outro local e que desejam voltar a morar na comunidade, sendo que estarão sujeitos à aprovação em assembléia pelos associados que estiverem em dia com as obrigações estatutárias e a mensalidade da associação.

Parágrafo Único – São sócios fundadores aqueles que assinaram a ata de fundação.

Art. 5º – São requisitos para filiação na Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo:

- a)** Ser quilombola e integrante da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- b)** Ser maior de 16 anos;
- c)** Ser indicado pelos associados da Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- d)** Acatar o presente Estatuto;

- e) Participar integralmente de no mínimo de três assembleias ordinárias consecutivas;
- f) Ser votada a sua entrada em assembleia geral pelos associados que estiverem em dia com as obrigações estatutárias e a mensalidade da associação;

Art. 6º – São direitos dos sócios:

- a) Frequentar as assembleias gerais;
- b) Votar e ser votado, desde que estejam cumprindo todas as normas estatutárias no que concerne à participação e as obrigações financeiras contidas neste estatuto;
- c) Apresentar à coordenação, por escrito ou verbalmente, qualquer reivindicação ou assunto de seu interesse ou da associação;
- d) Solicitar a convocação de assembleia geral extraordinária mediante requerimento assinado, por no mínimo um quinto (1/5) dos associados;
- e) Todos os associados e seus herdeiros têm igualdade de direitos e deveres sobre as terras de propriedade da Associação Antônio do Alto;
- f) Todos os associados têm direito de praticar as atividades de agricultura, caça, pesca e coleta, desde que seja de forma não predatória, estando sujeitos a ter seus direitos suspensos aqueles associados que infringirem a sustentabilidade do território quilombola;
- g) As áreas de moradia e de trabalho de cada associado serão respeitadas mesmo em caso de sua ausência, desde que as áreas de trabalho e de moradia sejam utilizadas pelos seus filhos e herdeiros;
- h) Ter acesso aos relatórios de atividades e financeiros, bem como as atas da Associação Antônio do Alto.

Art. 7º – São deveres dos sócios:

- a) Respeitar o presente Estatuto e cumprir com as disposições, os regimentos internos e as disposições que forem aprovadas em assembleia geral, coordenação e o conselho da Associação Antônio do Alto;

- b) Pagar pontualmente as mensalidades da associação, estabelecidas em assembléia geral da associação, estando sujeito ao desligamento o associado que não pagar;
- c) Colaborar com a Associação Antônio do Alto dentro de seus objetivos, participando das reuniões e atividades;
- d) Respeitar e zelar pelo patrimônio da Associação Antônio do Alto;

Parágrafo Único – No caso do patrimônio, como as fazendas que fazem parte das terras de propriedade da Associação Antônio do Alto, se o associado quiser fazer uso, será feito um inventário que constará das condições que se encontra antes da utilização, e o associado que a utilizar e não for mais fazer uso, deverá entregar a fazenda da forma como constava no inventário.

- e) Preservar as terras e outros bens de propriedade da Associação Antônio do Alto, evitando a destruição do meio ambiente;
- f) Zelar pela integridade do território quilombola da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo, fiscalizando e denunciando junto ao Conselho casos de invasão das terras e uso predatório dos recursos naturais de propriedade da Associação Antônio do Alto, por empresas ou pessoas não autorizadas;
- g) Levar ao conhecimento da associação e da coordenação, fatos que venham a ferir o presente Estatuto;
- h) Respeitar os membros do conselho e da coordenação da associação;
- i) Respeitar as decisões da assembléia geral, da coordenação da associação e do conselho.

Art. 8º – Serão excluídos, havendo justa causa, os associados que:

- a) Desrespeitarem o presente Estatuto;
- b) Agirem de modo prejudicial aos objetivos da associação;
- c) Realizarem ou autorizarem atividades que prejudiquem a conservação ambiental do território quilombola da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- d) Favorecerem a entrada de pessoas não autorizadas dentro do território quilombola;

- e) Permitirem que pessoas não quilombolas da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo utilizem o patrimônio natural e cultural do território sem levarem ao conhecimento da associação;
- f) Não pagar as mensalidades da Associação Antônio do Alto por três meses consecutivos, sendo que o mesmo terá o direito de se reapresentar e associar-se novamente, caso tenha quitado todas as mensalidades e seja aprovado em assembléia geral pelos associados que estiverem em dia com a frequência às assembléias e com as mensalidades da associação;
- g) Faltar a três assembléias consecutivas, sendo que o mesmo terá o direito de se reapresentar e associar-se novamente, caso seja provado em assembléia geral pelos associados que estiverem em dia com a frequência às assembléias e com as mensalidades da associação.

Parágrafo Único: A exclusão de associados será decidida em assembléia geral pelos associados que estiverem em dia com a frequência às assembléias e com as mensalidades da associação.

Art. 9º – Estarão sujeitos a punições e multas, com valores estipulados em assembleia geral, o associado ou não associado que:

- a) Utilizar produtos químicos tóxicos ou quaisquer outros produtos que possam afetar a sustentabilidade do território da Comunidade Remanescente do Quilombo Mocambo;
- b) Descartar o lixo em local diferente do designado para tal;

Anexo B - DOU - Diário Oficial da União – Titulação das terras

comum. A experiência histórica dos quilombos ou mocambos constitui patrimônio político do passado que condiciona a existência de uma comunidade política e de comunhão étnica no presente.

Os quilombos ou mocambos são considerados pelos moradores do Jarmy, que possuem a lembrança transmitida através do tempo pelos seus ascendentes e a compartilham no presente etnográfico, como lugar de moradia dos pretos livres, procedentes das fazendas de escravos da região.

A interseção entre os mocambos e os escravos das fazendas na região era operada pelos estreitos laços de colaboração entre os que fugiram refugiando-se nas matas, e aqueles que permaneciam nas fazendas como escravos, dando condições de sobrevivência aos que obtiveram a liberdade, através de um intercâmbio estreito, garantido pelo pacto do silêncio, que é expresso pelas palavras Zoio-olhou-bocacalou, pronunciadas, entre outros, por Estanislau Mafa. Este por sua vez as ouvira de seu pai, escravo da fazenda Cajual, que hoje faz parte das terras do Jarmy e no período anterior a abolição serviu também como lugar de moradia e refúgio dos que resistiram a escravidão fugindo para as matas, "lugar velho", como dizem os moradores do povoado.

O grupo de pessoas mais velhas do Jarmy é depositário, portanto, das múltiplas versões sobre os mocambos e o tempo da escravidão, que pelo seu caráter público constituem a representação cultural que seus moradores formam de si próprios. Por isso, esse grupo de pessoas tornou-se um campo de observação privilegiada e através de suas entrevistas foi possível colher testemunhos, que ao serem revelados no contexto do trabalho de campo, assumiram caráter público sobre o sentido que atribuem a sua existência social, marcada pela experiência histórica da escravidão e da luta pela liberdade nos quilombos ou mocambos, o que fundamenta na visão deles a posse coletiva da terra do Jarmy e seu uso comum.

Apesar da especificidade de seus fundamentos históricos e etnológicos, a terra de uso comum no povoado de Jarmy - que aparece no decorrer dos relatos sobre o trabalho familiar nos centros de roçado, as trocas de dia entre parentes e vizinhos, os campos naturais de uso comum onde criam o gado, que representa para eles uma poupança da qual podem lançar mão em períodos críticos - permite considerar essa modalidade de posse em termos dos sistemas de usufruto comum da terra na estrutura agrária brasileira. Tal sistema de uso comum não recebe tratamento jurídico formal nas disposições constitucionais vigentes e são por isso objeto de intrusão e ameaça constante por grupos sociais dominantes que procuram, deste modo, subtrair-lhes as terras para aumentar seus domínios particulares.

No Jarmy, com efeito, ocorre acirrado conflito com interesses de grandes criadores de gado do município de Turiçu e de empreendimentos rurais que procuram se expandir ocupando os povoados e "terras de preto", como no caso testemunhado da disputa a partir de meados da década de setenta entre os moradores do Jarmy e o empreendimento CERES realizado em seus limites territoriais.

As relações de parentesco estabelecidas entre os moradores do povoado e sua referência a situação histórica de quilombo regulam a descendência e a herança às terras de uso comum, configurando uma situação de fato que cria direitos e garantias ao reconhecimento jurídico de propriedade da terra do povoado de Jarmy.

A memória coletiva refere-se igualmente a luta pela liberdade através das fugas para os quilombos ou mocambos. Estes últimos são considerados do ponto de vista dos moradores do povoado, como locais de moradia dos chamados pretos livres, que fazem parte de um conjunto formado também pelos escravos que ficavam nas fazendas e colaboravam ativamente com os fugidos, havendo assim planos de interseção organizacional entre ambos - cativos e libertos. Deste modo, o povoado do Jarmy dos Pretos exprime em sua disposição espacial essa conjugação entre os lugares de moradia concentrados na sede do povoado e antigas fazendas de escravos fugidos incorporadas como centros de roçado, onde segundo os moradores de Jarmy ficam hoje os seus chamados ranchos de trabalho.

O diagrama do povoado desenhado por um dos informantes, Sr. Raimundo Souza, por solicitação do pesquisador, projeta em suas divisões espaciais planos diferentes de organização social. Na representação gráfica inscrita no diagrama, o povoado de Jarmy é concebido como formado por dois anéis conjugados, com uma seção de incidência que corresponde a sede do povoado. Nestas duas circunferências acopladas, encontram-se o terreno trabalhado ou os centros de roçado como dizem e os campos naturais e a mata circundante. A parte de cima de um dos círculos traçados pelo informante apresenta duas localidades: Cajual e Boa Vista, que concentram os aglomerados de casas bem menos extensos do que se encontram na sede do povoado. A outra circunferência é circunscrita no seu limite inferior pelo rio Caiás.

Estes dois anéis conjugados estão sempre referidos ao plano de interseção entre eles. Essa conjugação é representada pela sede do povoado, onde a vida comunitária se exterioriza. Ali ocorrem as manifestações culturais do povoado, como as festas religiosas e o tambor de crioula e práticas comunitárias - o jogo de futebol dominical, por exemplo, que reúne o conjunto de seus moradores. É neste plano que a comunidade demonstra o seu alto grau de integração.

Em relação aos centros de roçado estão localizados em ambas circunferências e representam um plano organizacional não de somenos importância para os moradores do povoado. Nos centros de roçado realizam o trabalho no plantio de sua roças, a troca de dias com parentes e vizinhos nas tarefas agrícolas. Neste espaço desenvolvem, portanto, relações propriamente econômicas que, por sua vez, implicam em laços de reciprocidade com base no parentesco, que termina por envolver de fato todos os membros da comunidade.

O povoado de Jarmy incorpora, portanto, em seus limites espaciais e na representação que os moradores dele fazem, a herança cultural dos quilombos ou mocambos. Esta herança se encontra inscrita, entre outras coisas, na propriedade indivisa da terra do povoado, que pertence a coletividade dos chamados pretos do Jarmy. A terra do povoado é considerada inalienável e não pertence individualmente a nenhum dos seus membros, o que a torna deste ponto de vista indisponível. A referência que os moradores do Jarmy fazem ao passado histórico dos quilombos ou mocambos, e os laços de reciprocidade e solidariedade que os unem, criam um sentimento de participação comunitária e identidade étnica no presente.

As práticas sociais e formas culturais descritas neste parecer, assim como a memória social dos quilombos ou mocambos e da resistência a escravidão que fazem deles o que são, permite sustentar que a reparação às violências do passado reproduzidas no presente pelos conflitos de terra, e o não reconhecimento público dos seus direitos, possui no Art. 68 do ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal Brasileira de 1988 a sua fundamentação legal.

Pelas razões expostas o Grupo Técnico instituído pela Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 14/97, de 30/04/97, recomenda que a proposta para delimitação das terras pelos remanescentes do Quilombo Jarmy dos Pretos, em Turiçu - MA, seja acatada e que siga os trâmites necessários à titulação em nome da Associação dos Moradores do Quilombo Jarmy dos Pretos, Município de Turiçu - MA e sua consequente demarcação nos limites descritos no memorial de delimitação abaixo transcrito:

MEMORIAL DESCRITIVO

ÁREA (há) 13.980,2571

GLEBA/IMÓVEL: Quilombo Jarmy dos Pretos

Município: Turiçu

PERÍMETRO (m): 46.472,05

UF: MARANHÃO

LIMITES E CONFRONTAÇÕES

NORTE: Fazenda São Pedro, Sr. Amaral de Tal, Fazenda São Roque, Terras dos Laranjeiras e Barraca.
 LESTE: Barraca, Campinho e Jurema
 SUL: Jurema e Sr. Torquato de Tal
 OESTE: Francisco Mafa, Fazenda São Pedro e Sr. Amaral de Tal

DESCRÇÃO DO PERÍMETRO

Inicia-se a descrição perímetro no P-01, de coordenadas geográficas. Latitude 1°53'33"S e Longitude 45°25'32" Wgr, situado na divisa das terras do Sr. Francisco Mafa, com azimute de 19°27'42" e distância de 555,92m, até o P-02, deste segue confrontando com a Fazenda São Pedro e Sr. Pedro e Sr. Amaral de Tal, com azimute de 54°51'47" e distância de 4.531,86m, até o P-03, deste segue confrontando com a Fazenda São Roque e Terra dos Laranjeiras, com azimute de 89°46'17" e distância de 7.757,33m, até o P-04, deste segue confrontando com Barraca, com azimute de 195°26'44" e distância de 2.100,86m, até o P-05, deste segue confrontando com Barracas e Campinho, com azimute de 129°55'17" e distância de 10.096,61m até o P-06, deste segue confrontando com Jurema, com azimute de 229°55'07" e distância de 2.634,66m até o P-07, deste segue confrontando com o Rio Peixe, com azimute de 229°55'07" e distância de 2.351,84m até o P-08, deste segue confrontando com o Sr. Torquato de Tal, com azimute de 300°27'57" e distância de 8.430,82m até o P-09, deste segue confrontando com o Sr. Francisco Mafa, com azimute de 19°32'31" e distância de 7.893,85m até o P-01, ponto inicial da descrição do perímetro.

Assunto. Aprova o Relatório de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombo do Mocambo, Município de Porto da Folha, Estado de Sergipe bem como a delimitação da área por ela ocupada com filero no Art. 68 do ADCT e nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988.

A Presidenta da FCP tendo em vista os termos do Processo FCP nº 01400.00656/92-04, convênio CETT/MinC nº E-132/96-SE e considerando o parecer nº 48 FCP/DEPP/MinC/97 do Grupo de Trabalho instituído pela Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 14/97, de 30/04/97, formada por Marco Antonio Evangelista da Silva, Ivo Fonseca Silva, Eliane Cantarino O'Dwyer, Zezito Araújo e que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

1- aprovar a conclusão objeto do citado parecer, reconhecendo os estudos para reconhecimento da comunidade Remanescente de Quilombo do Mocambo, e da delimitação da área por ela ocupada através de Memorial Descritivo, localizada no Município de Porto da Folha, no Estado de Sergipe.

2 - Determinar a publicação no Diário Oficial da União deste Despacho e do Parecer DEPP nº 48/97/FCP/DEPP/MinC/97.

3 - Oficiar ao INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; FUNAI - Fundação Nacional do Índio; IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e SPU - Secretaria do Patrimônio da União, para que se manifestem, no prazo de 30 dias, sobre a questão incidente na área delimitada, relacionada ao âmbito das respectivas competências legais.

PARECER Nº 48/DEPP/97

Identificação e Delimitação das Terras ocupadas pela Comunidade Remanescente de Quilombo do Mocambo, Município de Porto da Folha, Estado de Sergipe.

O presente Parecer contempla a Comunidade Negra Rural de Mocambo com vistas à demarcação e à titulação definitiva da sua terra pelo seu reconhecimento como remanescente de quilombo, com base no Art. 68 do ADCT e nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal, nos termos do Convênio nº E-132/96-SE do CETT - Centro de Estudos sobre Território e Populações Tradicionais e o Ministério da Cultura - MinC. Os serviços técnicos especializados foram realizados pelos seguintes profissionais: Coordenação, Eliane Cantarino O'Dwyer - Doutora em Antropologia Social; José Maurício Andion Arruiz - Antropólogo e Francisco José Lopes de Souza - Engenheiro Agrônomo.

1) Memória da ocupação territorial

No início do século XIX os moradores do atual Mocambo eram conhecidos como "negros do pé-da-terra" e viviam, já a gerações, como camponeses criadores independentes de outras formas de exploração econômica. Próximo deles localizava-se a missão indígena do Frei Doroteu, com quem mantinham relações cordiais e para quem serviam na captura eventual de "índios brabos" que cruzassem pela região. Segundo estabelece a memória da comunidade, o início dos seus problemas teria se dado com a visita do Imperador do Brasil, quando este descia o rio São Francisco, conhecendo o rio e as comunidades de suas margens. O Imperador avistou algumas das casas da beira de rio e desceu à altura da Ilha de São Pedro, onde viviam os Xocó. Solidarizando-se com a população local, prometeu demarcar todas aquelas terras, para as comunidades que nelas viviam. Quando chegou, o engenheiro iniciou a demarcação apenas da "lêgua em quadra" para a missão indígena, deixando de fora as famílias de negros e suas terras, cuja extensão se aproximava a um quilômetro de beira de rio.

Nesta época, as famílias de negros ainda não se concentravam nos núcleos da beira de rio como hoje, mas se dispersavam ao longo de toda a área, em ocupações familiares marcadas pela presença de pequenos criatórios de porcos. Frente a esta relativa dispersão física, os sambas de coco desempenhavam uma função lúdica que garantia a produção periódica da própria unidade social daquelas famílias, que encontravam nele a oportunidade e o lugar para realizarem suas trocas sociais. Tais sambas de coco são, portanto, extremamente importantes na demarcação de um espaço de solidariedade e de transmissão de um determinado conjunto de imagens que carregam a própria identidade do grupo.

As marcas territoriais mais antigas identificadas por esta população, privilegiadas para narrar uma situação de liberdade, são as estreitas capoeiras que permanecem abertas no meio da caatinga, nas quais são visíveis as marcas de ocupação passada, como os alicerces de pedra e cal de casas já inexistentes e os restos de utensílios de uso doméstico, como pratos, potes e garrafas. São estes sítios arqueológicos de superfície que o povo do Mocambo chama de antigos "chiqueiros", isto é, os locais onde seus ancestrais mantinham pequenos ranchos que lhes serviam simultaneamente de morada e de local de criação de pequenos animais, principalmente porcos. Os "chiqueiros" se estendem por toda a área reivindicada, justificando quase ponto a ponto sua extensão, são num total de 17, cada um deles remetendo a um ancestral conhecido das atuais famílias da comunidade. Ainda que, em alguns deles, as antigas marcas não sejam mais visíveis à superfície, já que a terra foi revirada sucessivas vezes pela ação dos arados, sua localização ainda é conhecida com precisão.

2) Levantamento demográfico e distribuição espacial.

Quanto a sua população, o Mocambo é constituído por cerca de 100 famílias, num total aproximado de 300 adultos e 200 crianças distribuídas em dois núcleos e um certo número de "casas" dispersas pelo terreno reivindicado. Esses números são necessariamente aproximados porque os

levantamentos realizados até o momento foram sempre parciais, dirigidos apenas para um destes núcleos e porque o tempo de que dispus em campo foi insuficiente para proceder a um recenseamento sistemático. O núcleo maior, que é homônimo ao conjunto e mais conhecido pelas agências de apoio, isto é, do "Mocambo", localiza-se à beira do São Francisco e tem suas casas distribuídas na forma de duas fileiras paralelas, que eles chamam "rua de cima" e "rua de baixo" (a mais próxima do rio) com cerca de 350 metros de extensão, concentrando perto de 80 casas, quase todas geminadas. O outro núcleo, distante cerca de 5km a oeste, na direção oposta às margens do rio, numa parte superior do terreno, é conhecido como "Ranchinho" e compõe-se de pequenas posses familiares cercadas, onde as residências estão localizadas mais ao centro e, portanto, descoladas umas das outras, ainda que pela exiguidade dos terrenos não se afastem muito entre si. Concentram-se ali cerca de 10 famílias. Por fim, cerca de outras vinte famílias ocupam lotes em pontos dispersos com relação aos anteriores, sem receber, no entanto, qualquer designação especial. A diferenciação entre Mocambo e Ranchinho é principalmente toponímica e de uso interno à própria comunidade, não sendo conhecida ou relevante para a população do entorno, que se refere ao conjunto das famílias enumeradas sempre genericamente como "do Mocambo".

Na caracterização da organização social do grupo destaca-se o reconhecimento generalizado do parentesco direto entre diferentes núcleos familiares, que pode ser recuperado imediatamente através de uma rápida reconstituição dos laços de filiação e da identificação de grupos de irmãos na geração imediatamente anterior. Em regra, no entanto, reconhecem entre si um laço genérico de "primos", categoria que é acionada sempre que os laços já não podem ser recuperado logo imediatamente, mas onde continua existindo um vínculo reconhecido de ambas as partes. Na verdade este uso genérico da categoria de *primos* é o mais corrente e dispensa maiores explicações, o que pode ser reconhecido no fato de que, só é preciso especificar a natureza desta relação quando se trata de indivíduos com filiação num mesmo grupo de irmãos germanos, qualificando-a neste caso como uma relação entre "primos irmãos". Não se trata, no entanto, de uma relação de parentesco vivida apenas como social. Mesmo esses laços mais indiretos, marcados pelo uso genérico da categoria *primos*, são pensados enquanto laços de sangue. É comum, por isso, que os informantes reputeem o alto índice de nascimento de gêmeos na comunidade, a esta estreita e intrincada, como eles mesmos a concebem, rede de parentescos que cobre todo o grupo e da qual parece difícil escapar se se opta por casar com pessoas da própria comunidade (cf. gráfico sobre o levantamento da rede de parentesco no relatório antropológico).

3) Levantamento espacial dos usos econômicos da área.

Hoje esta população está excluída da maior parte das terras que tradicionalmente ocupou, primeiro como produtores autônomos, depois como agregados ou "meeiros" das fazendas que passaram a ocupar aquele trecho do São Francisco, através de um processo que teremos oportunidade de descrever mais adiante. Assim, as terras de que dispõem para o cultivo ou criação é extremamente reduzida, levando a que muitas famílias busquem sistematicamente trabalho como diaristas em fazendas vizinhas, em locais mais distantes dos municípios em torno, ou mesmo em Alagoas. Pelos mesmos motivos - explicam - absolutamente todas as famílias possuem irmãos e filhos fora da comunidade, muitos em Pão de Açúcar e em Aracaju, muitos outros nas cidades do "sul", nos tradicionais pólos da migração nordestina, Rio e São Paulo.

A terra que lhes resta apresenta-se distribuída através de três formas básicas que eles chamam de "quintais", "beira" e "terra do estado". Estas são as formas mais importantes de apropriação territorial hoje, mas já não garantem as condições básicas para o sustento das unidades familiares ou da própria forma comunitária como tal. A seguir, ao descrevermos sumariamente cada uma destas formas, faremos referência também ao processo de formação e transformação de que cada uma delas é fruto. Tais processos apesar de remeterem a condicionantes distintas, convergem num único quadro para a compreensão da atual situação territorial do Mocambo.

4) Intercâmbios intercomunitários e interétnicos.

A comunidade do Mocambo mantém com a comunidade que lhe é vizinha, dos índios Xocó, uma longa memória comum, marcada pelos mesmos períodos críticos de expropriação territorial, onde atuaram de um lado e de outro os mesmos indivíduos ou famílias de fazendeiros, através de estratégias e violências semelhantes. Além disso, hoje o grupo Xocó representa uma referência para o Mocambo e suas lideranças, quando estes se veem frente ao esforço de mobilização política pela terra, como descreveremos adiante. Estas ligações no plano da memória e da história comum, assim como a atual mobilização política são, no entanto, tributárias de ligações de outra natureza, sustentadas e ao mesmo tempo incrementando relações de parentesco e de colaboração no plano produtivo.

Vários laços justificam esta "solidariedade interétnica". Historicamente, o primeiro deles refere-se a um aspecto extremamente importante de sua vida religiosa, até meados da década de 1940 o Mocambo não possuía um cemitério próprio, tendo utilizado desde uma data impossível de recuperar, o cemitério da Ilha de São Pedro, onde foi instalada a missão indígena de mesmo nome em 1650 para enterrar seus mortos. Esta ligação, importante nela mesma, já que se trata do compartilhamento de um lugar sagrado e consagrado onde são guardados os corpos dos ancestrais, aponta igualmente para outras conexões, derivadas dos serviços religiosos que os missionários e, mais tarde, pelos párocos responsáveis pela ilha prestavam simultaneamente às duas comunidades.

Hoje, frente as dificuldades enfrentadas pelo Mocambo quanto à disponibilidade de terras para plantio e pasto, os Xocó também prestam solidariedade principalmente, mas não exclusivamente, entre as famílias do Mocambo que lhe são aparentadas. Assim, é comum que em épocas de boas chuvas, quando as necessidades e a força de trabalho disponível às famílias do Mocambo exceda a capacidade dos terrenos que tem à disposição, estes busquem trabalho ou a cessão de trechos de terras com seus vizinhos. Quando é o caso de estar sendo desenvolvido algum projeto especial na área indígena, muitas vezes da FUNAI, trabalham como diaristas, mas na maioria das vezes simplesmente utilizam as terras para fazer plantios associados de palma e "legume", onde colhem estes últimos e deixam a palma como "benefício", para os donos dos trechos plantados.

Atitude semelhante ocorre com relação às áreas de pasto. O único trecho livre para pasto, que caracterizamos como a área de beira, é insuficiente para as necessidades do gado maior e, se não fosse a cessão pelos Xocó, sem qualquer tipo de cobrança, do pasto da área Cajara, não existiria mais a possibilidade de manter nem mesmo o gado leiteiro, fundamental na composição da sua dieta alimentar. Esse gado é sempre de propriedade familiar, cada uma delas (mas nem todas) possuindo, no máximo, duas vacas leiteiras. Todos os animais pastam juntos, levados por jovens e crianças de diferentes famílias que se revezam neste trabalho. O leite produzido também tem sua apropriação destinada em primeiro lugar à família dona do animal, mas em caso de excedentes, ele é partilhado entre as outras famílias, não sendo observado sua reserva ou manufatura para venda, à exceção de uma das famílias dispersas pelo terreno ao sul. Mas mesmo esta forma de colaboração com os Xocó atualmente está encontrando sérios obstáculos, em função do conflito com o proprietário da fazenda Ross Cruz, antiga Fazenda São Francisco, situada exatamente no limite entre estas duas áreas, que tem proibido o trânsito do gado.

Estas trocas são expressas e reforçadas por alianças traduzidas num fluxo de trocas matrimoniais relativamente constante no tempo. Em nove das atuais famílias conjugais um dos cônjuges tem origem indígena (aproximadamente 10% do total), sendo 7 deles Xocó e dois de outras duas áreas: Palmeira dos Índios e Águas Belas. Entre os seus ancestrais no entanto, encontramos doze nomes. Dentre eles três casais em que os dois cônjuges eram Xocó transferidos da terra indígena, cinco indivíduos correspondendo à geração imediatamente anterior à atual e sete da geração seguinte. Ainda que estes dados tenham que sofrer uma crítica mais atenta, complementados e, provavelmente, corrigidos, é possível sugerir uma frequência desses casamentos mais ou menos contínua, ainda que limitada, que apontam para

uma relação de alianças renovadas que no entanto não parecem pôr em perigo a identidade nem de um, nem do outro grupo.

5) Comprovações históricas.

O uso do termo Mocambo remete a várias origens. Ele passa a ser aplicado àquele agrupamento de famílias depois que é instalada a primeira fazenda de gado no local, na segunda metade do século XIX, com este nome, mas a própria designação desta fazenda tem sua motivação num riacho homônimo que drena aquele trecho das margens do São Francisco. Na verdade, mais de um riacho das redondezas é conhecido pelo nome "mocambo" e isto por sua vez está relacionado à forte presença de grupos de negros fugidos que praticamente dominaram a região durante os séculos XVI e XVII.

Quando surgiu, a freguesia de Porto da Folha compreendia todo o trecho conhecido como Sertão do São Francisco, parcialmente coincidente com as trinta léguas quadradas atribuídas à família Castelo Branco e que hoje correspondem aos atuais municípios de Porto da Folha, Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Gararu e Itabi. Seu surgimento em 1832, por desmembramento da freguesia de Propriá, justificava-se pela presença do aldeamento da Ilha de São Pedro, criado quase dois séculos antes (1650) por missionários capuchinhos e que, entre essas duas datas, funcionou como principal núcleo de povoamento daqueles, então, distantes sertões interiores.

Outros esforços de povoamento da região, nem tanto sistemáticos, foram tentados neste longo período, como a ocupação da Ilha do Ouro em 1682 por Taborda e as investidas militares sobre trechos ainda mais interiores por Jerônimo Fernandes e Thomas Bernardes no final da década de 1690. Nenhuma destas tentativas vingou no entanto, por um mesmo motivo. A presença aparentemente maciça de grupos de negros amocambados ou aquilombados que praticamente dominavam a região. No caso destas últimas tentativas, as investidas localizaram-se sobre a área de influência do riacho que, por este motivo, veio a ser chamado de "riacho do Mocambo".

A presença destes grupos de negros, que constituíam uma "ampla teia de mocambos" relativamente próxima à região de Palmares, somada aos grupos indígenas que fugiram do avanço colonizador sobre o litoral, transformou a região numa "Terra de Refúgio", mas não só. Estes grupos criavam também uma barreira ao avanço colonial, fechando a fronteira sertaneja e criando um território de resistência que era preciso romper. O alvará do Capitão-mor Dias da Costa, nomeado em 1704 para atuar na região, lhe atribuiu justamente a função de "extinguir os mocambos, aprisionar os negros e reduzir os índios macac, cucuriás, e caboclos que têm domésticos...". Assim, apesar da presença da missão indígena da Ilha de São Pedro, a região continuou relativamente inacessível a uma colonização sistemática. Numa provisão de 19 de abril de 1815, o oficial que realiza o inventário dos bens do que compreendia aquelas terras e que já havia passado pelas mãos de sucessivas famílias declara-o devoluto, depois do que ele é oficialmente extinto e então devolvido à Coroa.

Iso não significa que aquelas terras não estivessem sendo realmente ocupadas, como a literatura de época e boa parte da literatura histórica faz crer quando usa a idéia de "vazios demográficos" ou quando concentra sua atenção apenas sobre as empresas coloniais. Ao contrário do que o senso comum histórico acostumou-se a repetir até pouco tempo, a grande propriedade rural, o latifúndio, na forma das sesmarias e Morgados por exemplo, não impediram a constituição de um campesinato nessas regiões em que a documentação histórica oficial reconhecia apenas um grande vazão colonial. No caso de Porto da Folha foi justamente aquele conjunto aparentemente disforme de grupos refugiados da violência colonial que acabou por constituir uma camada bastante estável de camponeses independentes e invisíveis.

Muitos autores já chamaram a atenção para que freqüentemente eram estes pequenos camponeses ou criadores que estavam na origem das sesmarias, atuando como desbravadores de um território aberto, como "frente de expansão" que prepara o avanço das grandes posses. Estas chegavam mais cedo ou mais tarde, expropriando ou submetendo ao seu controle os primeiros ocupantes, transformando-os em agregados ou rendeiros. No caso de Porto da Folha isso se faz particularmente evidente, já que, tendo aqueles grupos de negros e índios encontrado ali seu espaço de refúgio entre o final do séc XVII e o final do séc XVIII, chegam ao séc. XIX numa forma já relativamente estável de camponeses-criadores. A natureza da documentação histórica, no entanto, só permite ter uma imagem aproximada desses grupos no momento de sua pior e mais grave ameaça. Na segunda metade do séc. XIX, os proprietários e os poderes públicos provinciais, defrontados à decadência econômica das fazendas do litoral e frente à nova realidade legal e econômica instaurada com a lei de terras de 1850, investem no avanço das fazendas de gado e de algodão, pelo sertão do São Francisco.

Assim, é com as providências provinciais para a implementação da lei de terras que encontramos algum registro sobre a forma pela qual aquele território estava sendo ocupado até então, apesar ou por causa dos fracassos da empresa colonial. Entre tais providências incluía-se o envio de um questionário às câmaras municipais pedindo informações sobre a existência ou não de terras devolutas em suas jurisdições. Nos documentos de época, uma primeira resposta à circular de 1854 enviada pela câmara municipal de Porto da Folha respondia que naquele município não existiam terrenos devolutos ou sem dono "por quanto o sólio de todo o município e província he pró-indiviso...", por consequência é de persuadir-se, que terrenos tais não estejam no caso de serem divididos e demarcados sem contestação de partes...".

A estrutura fundiária local é marcada pelas terras de uso comum, nas quais pequenos camponeses pobres estavam instalados em regime de exploração familiar. A partir da análise do livro de registro de terras de Porto da Folha realizado em 1857, revela-se que quase 90% dos assentamentos registrados eram de terras de uso comum (o "pró-indiviso"), forma característica predominante da apropriação territorial na região, mantido mesmo quando declarava-se que as terras haviam sido adquiridas por compra. Tal característica prevalece até o momento de penetração da propriedade privada na década de 1850, por meio das fazendas de gado. Uma estrutura fundiária calcada na tradição criada a partir das sucessivas reterritorializações indígenas e quilombola, onde a criação de pequenos animais acompanhada de roças familiares, era a principal forma de produção e, por isso, um dos alvos preferidos dos fazendeiros quando esses se utilizam das posturas municipais para inviabilizar a manutenção desta forma camponesa.

Assim, a partir das décadas de 1860 e 70, quando há um agressivo avanço das fazendas de gado pela região, as terras antes consideradas ocupadas "pró-indiviso" são declaradas "devolutas" por não possuírem qualquer registro legal, enquanto as missões indígenas passam a ser sistematicamente invadidas até que fossem consideradas extintas no final da década de 1870. A partir desta década a consolidação no poder municipal de um grupo de criadores, permitiu a aprovação e aplicação de todo um corpo normativo consubstanciado nas posturas municipais de nítido caráter anti-camponês, fazendo com que o enorme avanço do número de fazendas de gado deste período crescesse junto com o número de conflitos localizados. Essa combinação entre um avanço real das fazendas e sua instrumentalização através das posturas municipais avançará pelo século XX, até a década de 20, quando se procede a novas demarcações gerais de terras no município e a novas posturas cada vez mais agressivas contra estes pequenos camponeses-criadores.

Pelas razões expostas o Grupo Técnico instituído pela Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 14/97 de 30/04/97, recomenda que a proposta para delimitação das terras pela Comunidade Remanescente de Quilombo do Mocambo, em Porto da Folha - SE, seja acatada e que siga os trâmites necessários a titulação em nome da Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Povoado de Mocambo e sua consequente demarcação nos limites descritos no memorial de delimitação abaixo transcrito:

MEMORIAL DESCRITIVO

ÁREA: (há) 2.100,54
GLEBA/IMÓVEL: MOCAMBO
MUNICÍPIO: PORTO DA FLHA

PERÍMETRO (m): 19.237,95

UF: SERGIPE

LIMITES E CONFRONTAÇÕES

NORTE: Rio São Francisco e Sr. Orlando de Tal
LESTE: Reserva dos Índios Xocós
SUL: Fazenda Boa Esperança e Terras de quem é de direito
OESTE: Fazenda Gentileza, Fazenda Saco Grande e Sr. Orlando de Tal.

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Inicia-se a descrição do perímetro no P-01, de coordenadas geográficas: Latitude 9°45'24"S e Longitude 37°25'24" Wgr, situado na margem esquerda do Rio São Francisco, com uma distância de 3.495,62m, até o P-02; deste segue confrontando com a Reserva dos Índios Xocós, com azimute de 211°08'21" e distância de 6.340,41m, até o P-03; deste segue confrontando com o Sr. Edmundo de Tal com azimute de 301°48'57" e distância de 387,90m, até o P-04, deste segue confrontando com a Fazenda Esperança com azimute de 314°48'38" e distância de 1.674,60m, até o P-05; situado no lado direito da estrada vicinal no sentido Monte Alegre de Sergipe/Niterói, deste segue confrontando com a Fazenda Boa Esperança, com azimute de 282°34'24" e distância de 424,55m até o P-06; deste segue confrontando com terras de quem é de direito, com azimute de 29°35'12" e distância de 128,10m até o P-07; deste segue confrontando com azimute de 302°30'50" e distância de 742,78m até o P-08; deste segue confrontando com Terras de quem é de direito, com azimute de 336°49'14" e distância de 402,56m até o P-09; deste segue confrontando com a Fazenda Gentileza, com azimute de 14°35'23" e distância de 155,94m até P-10, deste segue confrontando com a Fazenda Gentileza, Fazenda Saco Grande e Sr. Orlando de Tal com azimute de 32°09'14" e distância de 5.534,47m até o P-01 ponto inicial da descrição do perímetro.

Assunto: Aprova o Relatório de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombo do Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba, Município de Wanderley, Estado da Bahia bem como a delimitação da área por ela ocupada com fulcro no Art 68 do ADCT e nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988.

A Presidenta da FCP tendo em vista os termos do Processo FCP nº 01400 006562/96-04, convênio CETT/MinC nº E-132/96-SE e considerando o parecer nº 49 FCP/DEPP/MinC/97 do Grupo de Trabalho instituído pela Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 14/97, de 30/04/97, formada por Marco Antonio Evangelista da Silva, Ivo Fonseca Silva, Eliane Cantarino O'Dwyer, Zezito Araújo e que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

1- aprovar a conclusão objeto do citado parecer, reconhecendo os estudos para reconhecimento da comunidade Remanescente de Quilombo do Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba, e da delimitação da área por ela ocupada através de Memorial Descritivo, localizada no Município de Wanderley, no Estado da Bahia.

2 - Determinar a publicação no Diário Oficial da União deste Despacho e do Parecer DEPP nº 49/97/FCP/DEPP/MinC/97.

3 - Oficiar ao INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, FUNAI - Fundação Nacional do Índio, IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e SPU - Secretaria do Patrimônio da União, para que se manifestem, no prazo de 30 dias, sobre a questão incidente na área delimitada, relacionada ao âmbito das respectivas competências legais.

PARECER Nº 49/DEPP/97

Identificação e delimitação das terras ocupadas pela Comunidade Remanescente de Quilombo do Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba, Município de Wanderley, Estado da Bahia

O presente parecer contempla as Comunidades Negras Rurais de Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba com vistas à demarcação e à titulação definitiva de suas terras pelo seu reconhecimento como remanescente de quilombo, com base no Artigo 68 ADCT e nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal, nos termos do Convênio nº E-132/96 - SE, firmado entre o CETT - Centro de Estudos sobre Território e Populações Tradicionais e o Ministério da Cultura - MinC. Os serviços técnicos especializados foram realizados pelos seguintes profissionais: Coordenação: Eliane Cantarino O'Dwyer - Doutora em Antropologia Social; Sheila dos Santos Brasileiro - Antropóloga; Francisco José Lopes de Souza - Engenheiro Agrônomo; Luis Fernando do Rosário Linhares - Engenheiro Agrônomo.

1) Contextualização histórico-regional do Médio São Francisco e do Oeste Baiano
A primeira metade do século XVIII é o período que delimita claramente a constituição histórica e regional do que é hoje o médio São Francisco.

Nos cerca de cem anos decorridos entre meados dos séculos XVIII e XIX, registram-se, como principais atividades econômicas da região, a extração de salitre no curso seco dos rios originários do flanco oriental do vale sanfranciscano, e da tabatinga — um arenito usado como tinta — e do látex da mangabeira nos chapadões ocidentais, incipientes artigos de mercado a manter a região articulada ao mundo externo, comercializados sobretudo a partir do porto da vila da Barra, ainda a única em toda a região e centro administrativo do lado pernambucano, estando a margem baiana do vale subordinada às longínquas vilas de Juazeiro e Jacobina.

É neste contexto que aparecem, na passagem do século XVIII ao XIX, as informações mais consistentes sobre estabelecimentos de escravos fugidos ou rebelados na região.

Dórea (1995), ao proceder à caracterização histórica de uma comunidade negra rural contemporânea na margem direita do médio São Francisco, dirá:

"A história registra um sem número de expedições para destruir negros aquilombados já no século XIX, como em Xique-Xique, em 1801. Foram os negros os últimos dos grupos africanos trazidos para o Brasil, exatamente para Salvador, e escravos negros teriam, juntamente com outros negros que já habitavam a região do Rio das Rãs, formado os primeiros troncos familiares que a memória da Comunidade Rural Negra do Rio das Rãs identifica na sua origem" (Dórea, 1995:16).
"Trata-se de descendentes de negros que viviam livres no interior da ordem escravocrata (quilombolas escapadas de uma região mais distante, num período provavelmente anterior à ocupação da área) e que aí chegaram e constituíram um território autônomo e o demarcaram simbólica e geograficamente" (ib:29)

"A genealogia levantada indica uma sedimentação na área de pelo menos cento e cinquenta anos" (ib:29).

Parece lícito supor que situações semelhantes a esta podem ter ocorrido em muitos outros casos no contexto regional médio sanfranciscano do início do século XIX.

Vale a pena, contudo, examinar, em um pouco mais de detalhe, o pouco mais conhecido caso de Xique-Xique.

Pedreira (1962) refere a notícia da existência de 'quilombos' de negros fugidos no então 'Julgado de Xique-Xique', que àquela época se encontrava sob a jurisdição da enorme, vasta comarca de Jacobina. Foi denunciada pelo ouvidor da mesma comarca, José da Silva Magalhães, ao governo interino da Bahia, por carta datada de 10 de dezembro de 1801. Segundo pudemos depreender através do ofício dirigido pelo referido governo interino ao então Ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, o visconde de Anadia, datado de 9 de março de 1802, foi enviado no comando de uma expedição para destruir os referidos 'quilombos', que eram em número de dois, o capitão-mor das entradas e mocambos, João Duarte Bueno Camargo. Infelizmente, nenhum documento encontramos que nos facultasse reportar neste trabalho os resultados da expedição contra os quilombos do Julgado de Xique-Xique, nem mesmo para aquilarmos sua importância e grau de periculosidade" (ib:585).

O ofício consultado por Pedreira informa ainda estarem os referidos quilombos situados "na serra da Jatobeira e cabeceiras do rio Verde, e nas costas da serra do Assurua" (ib:592).

Xique-Xique é aproximadamente confronte à vila da Barra e as referidas serras, situadas dez a quinze léguas a seu sudeste, delimitam o flanco oriental deste trecho do vale do São Francisco, o que as dispõe em situação simétrica à que está, no flanco oposto, a serra do Boqueirão, quinze a vinte léguas a oeste de Barra.

Pode-se supor que no entorno da vila da Barra, em ambas as margens do São Francisco e do rio Grande, situavam-se as principais fazendas de gado da região, arruinadas ao longo do século XVIII. Assim, sem descartar a possibilidade, menos provável, de uma origem em zonas de mineração da comarca de Jacobina, a população quilombola acima referida pode, muito provavelmente, originar-se dessas fazendas, daí fugidas do cativeiro ou da fome — certamente uma ameaça muito concreta a populações de escravos ou ex-escravos em situações de arruinamento econômico. Nestas circunstâncias, as encostas de serras próximas e suas vertentes propiciam, além da relativa segurança fornecida pelo relevo, as melhores condições, no semi-árido, para a prática da agricultura, fora da várzea dos grandes rios.

Como Pedreira não encontrou informações acerca do resultado da expedição dirigida contra os quilombos de Xique-Xique, pode-se seguir supondo que, na hipótese de uma nova fuga, o destino — ou pelo menos um dos destinos — preferenciais seria a serra oposta, situada, ademais, em Pernambuco, fora do alcance das autoridades governamentais da Bahia.

Independente disto, a simples possibilidade da formação de quilombos como os de Xique-Xique no lado então pernambucano, indica claramente a serra do Boqueirão como local preferencial para o seu assentamento. Por outro lado, não se considera aqui a possibilidade de transgênsis para a margem oposta do São Francisco por simples conjectura. Elas estão explicitamente referidas por um cronista que, já na segunda metade do século XIX, apoiaria seu relato em um conhecimento direto da região.

Ai estão situadas, há pelo menos cento e cinquenta anos, à margem direita do rio Grande e a cerca de duas léguas do Boqueirão e da vertente de sua serra — "onde tem um pátio onde os antigos 'trabalhavam' —", as comunidades rurais negras de Sacutiaba e Riacho de Sacutiaba.

2) Memória da ocupação territorial

A 850 km de Salvador, na região oeste da Bahia, município de Wanderley, às margens do rio Grande, vivem as comunidades negras de Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba, constituídas por 206 pessoas. A 850 km de Salvador, na região oeste da Bahia, município de Wanderley, às margens do rio Grande, vivem as comunidades negras de Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba, constituídas por 206 pessoas. Trata-se, basicamente, de uma grande família extensa aglutinada em torno de laços de consanguinidade e afinidade centralizadas na liderança da matriarca Da. Maria Pereira dos Santos, 76 anos, 11 filhos, 60 netos e 55 bisnetos e, mais recentemente, de um seu filho, Antônio Pereira dos Santos.

Conforme relatos recolhidos em campo, os habitantes de Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba vivem na área desde há cerca de duzentos anos, em um estado de relativo isolamento, quebrado apenas por viagens ocasionais de alguns de seus habitantes às localidades vizinhas de Goiabeira, Jatobá, Boqueirão, Porto da Ilha, Gregório, Baboseira, Tabatinguinha, Tabatinga Grande, Conceição, também situadas às margens do rio Grande, e, ainda mais esporadicamente, às cidades de Barra e Wanderley. Da. Maria da Cruz, como sua mãe e sua avó materna, nasceu na Sacutiaba, transferindo-se, após o casamento, para a localidade do Riacho de Sacutiaba. Conforme Da. Maria, sua bisavó materna era "nega negó legítima".

Conforme relatos recolhidos em campo, os habitantes de Riacho de Sacutiaba e Sacutiaba vivem na área desde há cerca de duzentos anos, em um estado de relativo isolamento, quebrado apenas por viagens ocasionais de alguns de seus habitantes às localidades vizinhas de Goiabeira, Jatobá, Boqueirão, Porto da Ilha, Gregório, Baboseira, Tabatinguinha, Tabatinga Grande, Conceição, também situadas às margens do rio Grande, e, ainda mais esporadicamente, às cidades de Barra e Wanderley.

3) Contextualização sócio-econômica

Riacho de Sacutiaba

A localidade de Riacho de Sacutiaba, primeira a ser acessada por quem chega pela estrada, da cidade de Wanderley, situada a 90 quilômetros, é constituída por trinta casas dispostas irregularmente, algumas delas circundando um terreno sombreado por duas árvores de troncos espessos, espécie de praça de chão batido, com um campo de futebol, onde as pessoas do lugar se reúnem para conversar e brincar.

As casas de moradia obedecem a um padrão residencial que provavelmente pode ser estendido às demais populações ribeirinhas situadas ao longo das margens do rio Grande. As residências, que congregam, via de regra, apenas uma família nuclear, localizam-se preferencialmente no interior de um grande cercado que agrupa três ou quatro casas de "parentes" próximos. Há três casas de moradia localizadas no caminho Riacho/Sacutiaba, habitadas por famílias provenientes da localidade Riacho de Sacutiaba. O cemitério local encontra-se situado nesse caminho. Os túmulos são protegidos individualmente, por cercas construídas com toras de madeira, dispostas verticalmente, de forma irregular.

A média de residentes por casa é de 5,7. No interior do cercado encontram-se árvores frutíferas em profusão, como mangueira, mamoeira, bananeira, laranjeira, goiabeira, cajueiro etc, além de "giraus" onde são plantados produtos de horta para consumo doméstico, tais como hortelã, coentro, pimentão etc. É também recorrente a existência de "pês" esporádicos de produtos classificados localmente como "de roça", como bananeira, milho etc, ou de "semente miúda", como melancia, abóbora, gergelim.

A cerca de trezentos metros de distância da "praça" encontra-se o riacho de Sacutiaba, afluente do rio Grande, este último situado a cerca de um quilômetro de distância do povoado. No riacho são lavadas as louças e a roupa da casa, tarefa normalmente realizada pelas mulheres.

Sacutiaba

A quatro quilômetros de distância da localidade Riacho de Sacutiaba, subindo o rio, encontra-se o núcleo de Sacutiaba, constituído por sete casas dispostas de forma irregular no terreno, edificadas, grosso modo, segundo os mesmos padrões observados nas residências de Riacho de Sacutiaba. construções compridas e estreitas, de taipa com cobertura de palha de carnaúba, com agrupamento de casas de "parentes próximos" no interior de um mesmo cercado coberto por árvores frutíferas e alguns produtos da roça, basicamente semelhantes àqueles encontrados nos cercados do núcleo Riacho de Sacutiaba. Sacutiaba localiza-se na margem esquerda do rio Grande, e seus terrenos, em épocas de grandes